

CARLA JANAINA ABRÃO EHLERS

**A CONSTITUIÇÃO DA JUVENTUDE NO CONTEXTO DA
FAMÍLIA:
Questões Relacionais**

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Linha Educação e Movimentos Sociais, como requisito parcial para a obtenção de Título de Mestre.

OLGA CELESTINA DA SILVA DURAND
(Orientadora)

Florianópolis, abril de 2007.

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

A Deus por me manter nesse processo de aprendizagem magnífico, que por ser conflituoso: foi permeado por alegrias, mas também por dificuldades;

Aos familiares: meus pais – Zulmira e Miro, Julio, João Paulo, e aos demais que estiveram comigo;

Aos queridos amigos da Casa Chico Mendes: Donizeti, Sandra, Vanessa, Francisca, Rafael, Felipe, Antônio, Luzia e Meri, por toda atenção e carinho;

A minha orientadora, Olga, pela paciência e pela presença nos momentos decisivos;

Aos amigos (as) D. Neide, Sr. Paulo, Maziero, D. Lourdes;

Aos colegas do Mestrado;

Aos funcionários da Secretaria do PPGE;

Ao CNPQ;

A todos que de uma forma ou outra estiveram juntos comigo nessa experiência, sobretudo, e em especial:

Aos jovens e às famílias, sujeitos da pesquisa, sem os quais esse trabalho não teria se concretizado. Obrigada, pela atenção, disposição e pela oportunidade de aprender um pouco mais!

RESUMO

O Estudo em tela teve como objetivo pesquisar e analisar como os jovens do Bairro Monte Cristo, em Florianópolis – SC se constituem jovens no contexto da família. Buscou entender quais os significados que os jovens e as famílias atribuem-se relacionalmente. Realizou aproximações teórico-metodológicas com as categorias Juventude, Família e as perspectivas do Construcionismo Social e Rede de Significados. Para a coleta de dados teve como base o Estudo de Caso e como instrumentais a realização de grupo focal, entrevistas e questionários. Por meio dos dados coletados foi possível identificar que a importância atribuída à família é inegável enquanto “espaço de afeto” e âmbito de apoio, conferindo-lhe um lugar de destaque na construção das trajetórias juvenis. A família é, portanto, um espaço de pertencimento, pois conforme os significados atribuídos pelos jovens, essa representa um lugar de apoio, onde haverá sempre alguém com quem se possa contar. No entanto é necessário considerar que a família é também campo de conflitos e contradições, pois é onde os sujeitos jovens vivenciam suas experiências de constituição e crescimento. Sobretudo, tornou-se evidente que ao perpassar as questões relacionais apresentadas e ao associá-las a realidade construída socialmente foi possível transitar do campo definido pela relação entre o jovem e sua família seja como espaço de afetividade ou como instituição socializadora às questões materiais e históricas e que se constituem nas relações culturais, sociais, econômicas, entre outras. E nessa situação as evidências mostraram que os jovens e as famílias em situação de vulnerabilidade social são cada vez mais chamados a dar conta das suas responsabilidades sem que lhes sejam dadas condições para tal.

Palavras-Chaves: Juventude, Família e Significados Relacionais.

ABSTRACT

The Study in screen it had as objective to search and to analyze as the young of the Monte Cristo quarter, in Florianópolis - SC if constitute young in the context of the family. It searched to understand which the meanings that the young and the families attribute themselves relationary. It carried through approaches theoretician-metodológicas with the categories Youth, Family and the perspectives of the Social Construcionismo and Net of Meanings. For the collection of data it had as base the Study of Case and as instrumental the accomplishment of focal group, interviews and questionnaires. By means of the collected data it was possible to identify that the importance attributed to the family is undeniable while "space of affection" and scope of support, conferring to it a place of prominence in the construction of the youthful trajectories. The family is, therefore, a belonging space, therefore as the meanings attributed for the young, this represents a support place, where it will always have somebody with who if it can count. However it is necessary to consider that the family is also field of conflicts and contradictions, therefore is where the young citizens live deeply its experiences of constitution and growth. Over all, one became evident that when to surpass the relationary questions presented and when associating them it reality constructed socially was possible to transit of the field defined for the relation between the young and its family is as affectivity space or as socializadora institution to the material and historical questions and that they consist in the cultural relations, social, economic, among others. E in this situation the evidences had shown that the young and the families in situation of social vulnerability are each time more called to give account of its responsibilities without conditions for such are given to them.

Key Words: Youth, Family, Meanings Relationary.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS.....	07
LISTA DE GRÁFICOS.....	08
I INTRODUÇÃO.....	10
1.1 QUESTÕES INICIAIS.....	11
1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA.....	15
1.3 O COTIDIANO E A PESQUISA COMO CICLO.....	20
1.4 NUANCES TEÓRICO - METODOLÓGICAS.....	23
II APROXIMAÇÕES TEÓRICO - METODOLÓGICAS.....	26
2.1 JUVENTUDE.....	26
- Perspectivas Teóricas.....	28
- Novas Condições e Trajetórias Juvenis.....	20
- Condição e Situação Juvenil no Brasil.....	36
2.2 FAMÍLIA.....	39
- Abordagem Teórica dos Estudos sobre Família.....	39
2.3 CONSTRUCIONISMO SOCIAL E A REDE DE SIGNIFICAÇÕES.....	47
III SITUAÇÃO JUVENIL: COTIDIANO E TRAJETÓRIAS.....	54
3.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DO BAIRRO MONTE CRISTO: CENAS DO COTIDIANO.....	61
3.2 JUVENTUDE? É ASSIM QUE A ENTENDEMOS (...): A PERSPECTIVA JUVENIL.....	65
- Dados de Identificação: o que os jovens declaram.....	65
3.3 RELAÇÕES CONTEXTUAIS TECIDAS.....	71
- O jovem na Relação com a Família.....	71
- O jovem na Relação com a Escola.....	73
- O jovem na Relação com o Trabalho.....	76
- O jovem na Relação com o Lazer e a Sociabilidade.....	77
3.4 TRAJETÓRIAS EM CONSTRUÇÃO.....	79
- O jovem que quer curtir a vida e ver a sua irmã feliz.....	79
- O jovem que quer crescer na vida e ser feliz.....	81

- A jovem que quer fazer uma faculdade e ser independente.....83
- A jovem que assumiu a maternidade.....84
- O jovem que quer ser motorista de ônibus e cursar arqueologia.....87
- O jovem que quer comprar uma moto e ser feliz.....89

IV - OS SIGNIFICADOS RELACIONALMENTE ATRIBUÍDOS.....92

- 4.1 A FAMÍLIA PARA O JOVEM93
- 4.2 O JOVEM PARA A FAMÍLIA.....96
- 4.3 DAS FAMÍLIAS ENQUANTO ESPAÇO DE AFETIVIDADE AO CAMPO DAS RESPONSABILIDADES: A REALIDADE CONSTRUÍDA SOCIALMENTE.....101

V CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM CICLO QUE SE ENCERRA.....103

VI FONTES BIBLIOGRÁFICAS.....111

VII ANEXOS.....116

- Anexo A – Convite aos Jovens.....117
- Anexo B – Modelo do Questionário.....118
- Anexo C – Roteiros dos Encontros com o Grupo Focal.....119
- Anexo D – Roteiro das Entrevistas Individuais com os Jovens.....120
- Anexo E – Roteiro das Entrevistas com as Famílias.....121
- Anexo F – Sinopse do Documentário “O ônibus 174”.....122

LISTA DE SIGLAS

CAPROM: Centro de Apoio e Promoção do Migrante

COMCAP: Companhia de Melhoramento da Capital

ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA: Educação de Jovens e Adultos

DST/HIV/Aids: Doenças Sexualmente Transmissíveis, Vírus da Imuno Deficiência Humana, Síndrome da Imuno Deficiência Humana Adquirida

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONG: Organização Não Governamental

PMF: Prefeitura Municipal de Florianópolis

SUAS: Sistema Único de Assistência Social

UNICEF: Fundação das Nações Unidas para a Infância

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Número de Jovens que Responderam o Questionário

Gráfico 02: Faixa Etária

Gráfico 03: Situação Conjugal

Gráfico 04: Número de Filhos

Gráfico 05: Declaração Raça-Cor

Gráfico 06: Religião

Gráfico 07: Escolaridade

Gráfico 08: Idade que Começou a Trabalhar (mulheres)

Gráfico 09: Idade que Começou a Trabalhar (homens)

O SONHO DOS MOLÉQUE DO MEU BAIRRO

Os moleques têm um maior sonho de um dia acabar as guerras, as tretas e amenizar o mundo inteiro, e ter uma melhor condição de vida, melhor infra-estrutura, área de lazer; mas eu acredito que todo pobre quer ser rico, vai vendo é necessário sempre acreditar que o sonho é possível que o céu é o limite e os nossos sonhos são imbatíveis, as pessoas tem que acreditar em si mesma, com o sonho da gente, agente vai muito, mas muito além.

E eu acredito que esses são os sonhos deles se não for o deles, mas é o meu e acredito que por mais que demore, isso um dia vai acontecer.

Os nossos sonhos e a nossa imaginação são sem barreiras e sem limites.

Fim do texto, mas os nossos sonhos ainda continuam!

Nome: Mido (16 anos)

Turma: 8^a1

Prof^a: Karla "galega"

I INTRODUÇÃO: O INÍCIO DE UM CICLO

O Caleidoscópio e a Favela *Parte I*

Olha aí, enquanto eu vou lá. Eu já volto!

Tudo bem, que coisa interessante.

Ah! Mas, na direção da mesa está translúcido,

Acho que na direção da janela vai ficar melhor.

Que lindo! Quanta coisa diferente é fantástico...

Gira, Gira, Gira:

Sim, vejo a favela, ela tem espinhos.

Lembra amigo, naquele tarde que sentamos no sofá do hall de entrada da Casa, e nossos corações estavam moídos, doloridos, havia certo desânimo. É, a morte violenta tinha chegado novamente para mais um dos jovens (de quinze anos) que conhecíamos;

Recordas amiga, do dia em que me ligaste, sua voz denunciava tristeza. Um dos jovens, entre os quais amamos, para a nossa surpresa foi preso. Estava envolvido com atos ilícitos. Sim, o mundo do consumo, a cidadania do ter para ser chegaram primeiro. Levaram a melhor.

Gira, Gira, Gira:

Vejo a favela, ela tem resistência.

Lembram amigas (os) de um Evento que organizamos “A paz é fruto da Justiça Social”. Sim, eles estavam lá – os jovens – eram a maioria, e do jeito de cada um mandaram seus recados: falta educação com qualidade, saúde, moradia, lazer, trabalho, entre outras coisas, também falta o pão de cada dia.

Sabe aquele jovem negro que tem um sorriso encantador, ele trabalha e estuda à noite. Vai se formar no ensino médio no final do ano de 2006, quer fazer faculdade Letras Português.

Ah! Sabe, também, um outro jovem loiro, que tem um sorriso perfeito, ele está vivendo uma situação de doença grave na sua

família. Ele estuda, no ensino médio regular. Agora trocou de turno, estava com dificuldades em matemática, mas acha que vai melhorar.

Sira, Sira, Sira:

A favela tem sementes, mesmo na aridez, sob chuva rara, brota com força. Tem amigos e amigas, tem crianças, jovens, velhos (as), mulheres, homens, que inventam, reinventam e recriam suas histórias e trajetórias dia a dia.

A favela, dizem, que é uma planta do cerrado, no entanto, basta olhar, olhar e olhar que a perceberemos no cotidiano dos brasileiros (as), quiçá, no mundo inteiro.

Carla

Florianópolis, 12/09/2006

1.1 QUESTÕES INICIAIS

Na presente pesquisa pretendo abordar a temática constituição juvenil no contexto familiar, bem como explorar os significados relacionais atribuídos à família pelo jovem e ao jovem pela família. O interesse por essa temática surgiu decorrente da minha experiência profissional no atendimento às famílias e aos jovens moradores do Bairro Monte Cristo¹, onde trabalhei aproximadamente cinco anos na Organização Não Governamental (ONG) conhecida como Casa Chico Mendes², e atuei em Projetos Sócio-Educativos. Tive também a oportunidade de atuar, nesse mesmo contexto, no Programa Liberdade Assistida

¹ Especialmente na Comunidade Chico Mendes, Localizada no bairro Monte Cristo, em Florianópolis, Santa Catarina.

² É intitulada oficialmente como Associação dos Amigos do Centro de Atividades Chico Mendes, mas é popularmente conhecida como Casa Chico Mendes. Tem a proposta de configurar-se como um lugar de acolhimento, de humanização das relações, de construção da cidadania e resgate da dignidade. Sendo que tal proposição deve desenvolver-se nos Projetos, mas, sobretudo no cotidiano institucional. Em destaque os cafés e almoços diários, onde os jovens que não estão inseridos em projetos e nem na Escola, vêm fazer as refeições e também buscar informação, acolhimento e reconhecimento, tais quais a sua condição lhes confere: de sujeitos juvenis e de direitos. Conforme a Lei nº. 8.069, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no artigo 3º diz que a criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana (...) assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade

Comunitária (LAC) onde eram desenvolvidas ações de atendimento aos jovens envolvidos com ato infracional e as suas famílias.

A atuação³ nos projetos desenvolvidos pela ONG e a inserção no contexto comunitário, também permitiu a minha aproximação com vários espaços institucionais⁴ com os quais os jovens se relacionam, sobretudo com as famílias, como a Escola de Referência Estadual do bairro e também com os diversos espaços de sociabilidade juvenil (projetos de atendimento, grupos culturais, entre outros).

Comecei a trabalhar na Casa Chico Mendes em dois mil e dois (2002), logo que conclui a graduação em Serviço Social. Atuei até dois mil e seis (2006) no *Projeto intitulado Tecendo Vida* – uma proposta de apoio e orientação sócio-familiar, que tem como público prioritário famílias em situação de vulnerabilidade social⁵ moradoras da Comunidade Chico Mendes e adjacências. O projeto em questão, pauta-se no processo de trabalho do Serviço Social⁶ e na relação com outras áreas, como a Saúde, a Educação, a Justiça, entre outros, pois “A matéria prima do trabalho do assistente social (...) encontra-se no âmbito da questão social⁷ em suas múltiplas manifestações – saúde da mulher, relações de gênero, pobreza, habitação popular, urbanização de favelas, etc. (...) (Iamamoto, 2003, p.100).” Por meio desse Projeto atuei na Escola de Referência Estadual do Bairro por dois anos, junto com a equipe na ministração de oficinas sócio-educativas que metodologicamente discutiam Direitos Humanos, Direitos Sociais, Direito Saúde, Saúde Sexual e Reprodutiva e Prevenção das Doenças Sexualmente Transmissíveis/HIV/ Aids. O mesmo trabalho foi realizado nas demais instituições governamentais e não governamentais do Bairro Monte Cristo. Outro projeto, no qual atuei, a ser destacado é o *Nossa Casa*, onde o atendimento é direcionado

⁴ Além do que por meio dessa Organização fui Conselheira do Conselho Municipal de Assistência Social de Florianópolis – CMAS. Fiz parte da Comissão de Finanças no controle de recursos e avaliação dos Projetos e ações como Agente Jovem, Sócio-educativos em meio-aberto, Sentinela, Casa da Liberdade, entre outro.

⁵ Optei por pelo termo vulnerabilidade social, pois conforme Burak (2001), nos permite descrever uma gama de situações intermediárias, uma vez que a exclusão social nem sempre é total, pois por exemplo pode-se estar excluído do atendimento à saúde, mas incluído em educação e trabalho, mesmo que em condições precárias.

⁶ Atendimento, apoio e orientação, visitas domiciliares, formação de grupos, formação de lideranças, encaminhamentos a rede de serviços, participação e articulação em espaços sócio-comunitários etc.

⁷ Nota nossa: A questão social é entendida, no âmbito do Serviço Social, conforme Iamamoto (2003, p. 27) como “o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada.”

para os sujeitos juvenis e as ações contemplam as especificidades de tal condição, como a formação de lideranças jovens, aulas de língua estrangeira, curso de informática, atividades desportivas e em especial uma atividade denominada Café com Livros. Nessa o objetivo era incentivar a leitura, a escrita e a inserção grupal.

Aproximei-me do campo da Educação, à medida em que fui me constituindo como educadora social. Conforme Freire (2006) na relação com o outro é que aprendemos e ensinamos, nos tornamos educadores à medida que conhecemos os sujeitos com os quais nos relacionamos. O ensinar e o aprender são sempre orientados pelo método como forma de organizar as ações que realizamos, no caso as ações sócio-educativas, e contemplam não somente os referenciais teóricos que aprendemos, mas também têm caráter político, pois mesmo com rigor epistemológico o educador no cotidiano precisa posicionar-se e dizer qual é o seu papel naquele contexto.

Nesse período, no cotidiano do trabalho institucional e comunitário, sobretudo na relação com as famílias e os jovens, algumas questões foram aguçando minha curiosidade, sobre o discurso⁸ que transitava entre uma possível crise no âmbito da família e entre os questionamentos de como e qual é o papel da família na relação com o jovem, bem como na sua constituição. No campo de estudo havia evidências de que mesmo que a possível crise estivesse presente nas relações entre as famílias e os jovens, aquela ainda ocupava um espaço destacado no discurso dos mesmos. Trago como exemplo, entre outros que poderiam ser citados, um de nossos encontros⁹, onde fizemos uma atividade em que cada um deveria se apresentar e responder a seguinte pergunta: Se você fizesse uma viagem a uma ilha deserta, quem ou o que levaria? A maioria dos jovens fez referências às suas famílias.

⁸ Ora no senso comum, na mídia e também em alguns estudos lidos.

⁹ Exemplo de atividade realizada com os jovens no Projeto Nossa Casa no ano de 2005.

Outra questão marcante, em nível nacional, que me instigou a buscar uma melhor compreensão sobre quem são e como se constituem as famílias referidas pelos jovens foi a história de um jovem chamado *Sandro* contada no documentário *O Ônibus 174*¹⁰. A trajetória do referido do jovem nos faz refletir sobre a juventude empobrecida no Brasil. Não são poucas as questões que nos angustiam ao assistir o documentário, e mesmo quando o episódio há alguns anos foi mostrado pela mídia. No entanto, há outras questões que permitem algumas reflexões: entre elas, as relações familiares (de parentesco sanguíneo e afetivo) constituído pelo jovem e que são importantes na construção de sua trajetória e aos significados que ele atribuiu a essas relações: à família consangüínea, aos amigos da Candelária e à mulher desconhecida que o acolheu como filho em sua casa.

Diante dessas questões instigantes surgiram algumas pistas na construção da pesquisa dando lugar a dois pressupostos iniciais. O primeiro de que se o jovem tem a família como referência é porque atribui a ela alguns significados. E o segundo é de que tais significados são atribuídos relacionalmente. Decorrentes disso algumas questões: Há realmente uma crise no âmbito da família? Por que mesmo com a crise atribuída à família o jovem a tem como referência? Quem é a família que o jovem tem como referência? Quais são os significados que o jovem lhe atribui? E quais são os significados que a família atribui ao jovem?

Ao relacionar as temáticas Juventude e Família faz-se necessário estar atento a questões que implicam numa busca incessante por parte do pesquisador com outras co-relações, porque pode assim melhor entender seu problema de pesquisa. A questão central, uma vez que eu já estava inserida no campo de pesquisa anterior ao ingresso no Mestrado, pautava-se em como pesquisar e aguçar o olhar sobre a experiência vivenciada para superar a sistematização necessária e problematizar de forma crítica a realidade.

¹⁰ Em 12 de junho de 2000, ocorreu um assalto dentro de um ônibus no Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, que fez o país parar por cinco horas em frente à TV. O assalto foi cometido pelo ex-menino de rua Sandro do Nascimento, com arma na mão, não entrou em negociação com a força policial. Esse episódio ficou conhecido como Caso do Ônibus 174. O desfecho do episódio foi trágico acarretando na morte do jovem e na morte de uma jovem chamada Geisa. Ver sinopse do documentário em anexo.

Perguntava-me: como não omitir questões percebidas e ao mesmo tempo não torná-las estáticas? Certo dia um amigo me ofereceu um caleidoscópio¹¹ para brincar, então percebi que poderia tentar exercitar olhar no sentido de perceber as nuances do cotidiano em que estão situados os sujeitos da pesquisa, nuances que mudam, assim como no caleidoscópio, cada vez que ele gira. Tenho observado que a cada dia tudo é ressignificado e reinventado: no caleidoscópio, e também no cotidiano das pessoas. Apesar de ter estado lá e vivenciado diversas experiências com os sujeitos da pesquisa o exercício reflexivo com um instrumento lúdico me levou a entender que fazer o afastamento e o estranhamento é necessário ao pesquisador para que este qualifique a percepção da realidade.

1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E JUSTIFICATIVA

Com base nos estudos e pesquisas atuais realizadas, Abramo (2005, p.38) alerta que: o termo juventude “nunca esteve tão presente nos discursos e nas pautas políticas, mas ainda permanece uma grande indeterminação e muitas indagações a respeito do que, afinal de contas, está sendo designado por ele”. Ratificando, assim, a necessidade de estudos sobre o assunto. Além disso, a autora aponta que existem várias e importantes pesquisas publicadas¹² no Brasil sobre Juventude nos últimos anos, mas há ainda a necessidade de se realizar estudos que relacionem os aspectos diferentes da realidade dos jovens “com suas práticas, valores e opiniões”.

Historicamente, segundo Abramo (1994) na América Latina a presença do jovem foi percebida nas últimas décadas do Século XX ligada à idéia de modernização, mudanças contextuais e sociais. A imagem juvenil presente nesse período recaía sobre o jovem estudante, de classe média, imbricada nos projetos

¹¹ O nome caleidoscópio é uma combinação, conforme Netto (2006), que vem do Grego: Kalos = belo, cidos = forma e scopos = observador. Encerra uma boa quantidade de pedaços de vidro de diversas cores, colocados entre dois ou três espelhos planos. Esses pedaços de vidro colorido formam desenhos extremamente belos que se modificam, simetricamente, à mais leve oscilação do caleidoscópio. Os desenhos infinitamente diferentes e sempre em modificação que esse brinquedo nos dá, sempre intrigam os desenhistas, cuja imaginação jamais pôde atingir a inesgotável ingenuidade com a qual o caleidoscópio sugere encantadores motivos ornamentais para papéis de parede, tapetes e outros produtos.

¹² Ver Marília Pontes Spósito, Elena Wendel Abramo, Juarez Dayrell, entre outros.

peçoais e familiares de ascensão social por meio da escolarização. Junto a isso a visibilidade das mobilizações estudantis e grupos que se engajavam em movimentos na defesa das transformações democráticas e progressistas. Sendo os movimentos estudantis o grande campo de interesse dos estudos latino-americanos, sobretudo a capacidade dos estudantes como sujeitos políticos, de articulação com outros movimentos sociais e de potenciais transformadores da realidade social.

Também no Brasil durante as décadas de 1950 e 1970, a categoria juvenil era ligada aos jovens de classe média. Entretanto, com o passar do tempo, já por volta dos anos 1980 ocorreram mudanças desencadeadas no contexto sócio-político e econômico brasileiro que provocaram, por exemplo, a diminuição da expressividade do movimento estudantil o que permitiu que outras “figuras juvenis” entrassem em evidência. O cenário juvenil se diversificou e “(...) inclusive com manifestações produzidas por grupos de origem sociais distintas” (Abramo, 1994, p. 55). De forma ainda que residual os estudos sobre a juventude foram se ampliando e junto a noção sobre a existência de diversas “juventudes” e das diversificações sociais que a “condição juvenil atravessa”.

O debate sobre juventude no Brasil, conforme Camarano (2004, p.12) se intensificou nos anos 1990, ligado à discussão voltada à formulação de políticas públicas para o segmento. Relação, à priori, pautada nos estudos sobre a dinâmica da população brasileira num contexto que apontava o Brasil como um país de jovens, os quais “entraram em cena fazendo parte do debate sobre a dinâmica demográfica da população no que se refere ao seu potencial de reprodução”. Concomitante à questão, afastadas as preocupações com uma possível explosão demográfica, outras questões passaram a nortear os estudos sobre juventude e que estão relacionadas às mudanças no mercado de trabalho, à violência urbana, às taxas crescentes de mortalidade juvenil e contágio por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST/HIV/Aids). Os textos e discursos geralmente apontam que o alargamento dos estudos sobre a temática Juventude ocorreu pelo fato de se relacionar tal categoria com crise e, sobretudo com violência, o que a representaria como problema. Embora, outras perspectivas no caso, as que situam os jovens como categoria social, tenham surgido, ainda é notório, pelo menos em termos de mídia e nos discursos cotidianos tal relação.

Entretanto, Leon (2005, p.06) diz que há uma diversidade de atores, hoje, no Brasil voltado aos estudos sobre Juventude com uma “multiplicidade de abordagens e perspectivas” quanto à temática.

A escolha por pesquisar como esses sujeitos se constituem jovens no contexto da família e, portanto identificar os significados relacionais, advém da idéia de que os jovens se constituem jovens, numa relação dialógica com as instituições socializadoras, sobretudo com as tradicionais como a Escola, Família, Trabalho e Grupos de Sociabilidade.

Refiro-me à *relação dialógica* no sentido de explicitar de acordo com Freire que:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo, vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo que ele mesmo é fazedor. (...) Faz cultura. É ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade (...). E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando, recriando e decidindo que o homem deve participar destas épocas (1983, p. 43).

Nas relações dos sujeitos com a realidade, e com outros sujeitos, criam, recriam, decidem e, atribuem significados, ou seja, vão movendo, criando, fazendo cultura, contando suas histórias. Nesta pesquisa nos interessa a relação dialógica dos jovens com suas famílias, e os significados que atribuem relacionamente, sem desconsiderar as outras relações constituídas por eles. Desta forma no contexto das transformações globais econômicas, políticas, sociais e culturais que refletem no mundo juvenil alterando as formas sociais, familiares e da vida cotidiana é que pretendo desenvolver a pesquisa.

Considero relevante o desenvolvimento desta pesquisa, porque se por um lado se discute a respeito de uma suposta crise das instituições clássicas de socialização: “vem surgindo principalmente nos últimos anos (...) uma possível crise da família como instituição socializadora. Junto com o trabalho e a escola, alguns autores vêm ressaltando que a família estaria perdendo seu papel central de orientação e de valores para as gerações mais novas”. (Dayrell, 2005, p. 31).

Por outro lado, em pesquisa nacional¹³ recente organizada por Abramo (2005) e outros autores, com jovens de 15 a 24 anos de idade, que teve como objetivo retratar a condição juvenil no Brasil contemporâneo, apontou-se referente à família, apesar dos conflitos geracionais que essa instituição é “a que os jovens mais confiam, dentre todos os itens pesquisados: 98% dizem que confiam, 83% confiam totalmente”, quando perguntados sobre o fator mais importante do amadurecimento, 72% citaram a família, focando o “apoio e orientação para o enfrentamento das questões com que se defrontam na vida” (Abramo, 2005, p. 61).

Sawaia (2006) também aponta com base em uma pesquisa realizada pela Fundação das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em 2002, na qual participou uma parcela representativa da população jovem brasileira de diferentes condições sociais e de todas as regiões do Brasil que 95% percebem a família como a mais “importante das instituições”. Que 70% deles revelaram que a convivência familiar é “motivo de alegria”. Observo, portanto, que entre a crise atribuída à família enquanto instituição socializadora e a valorização da família pelos jovens como referência cultural, de valores e simbólica, há meandros que podem ser melhor compreendidos com o presente estudo.

A pretensão de realizar este estudo implica, sobretudo, em ouvir o que pensam, falam, como se relacionam e o que desejam os jovens que serão sujeitos da pesquisa, na relação com suas famílias, pois segundo Sarti, significa pensar o jovem: “como aquele que introduz o outro necessário na família, por meio de novos discursos que abalam seu discurso oficial – seja pela ruptura, pela inversão ou mesmo pela reafirmação deste discurso” (2004, p.122). O “outro necessário”, para a autora é definido como sendo o jovem que o próprio jovem em busca da identidade própria traz para casa, à medida que se relaciona socialmente e se depara, também, com as referências criadas pelos meios de comunicação. Sendo que na relação do jovem com sua família a forma como a mesma incorpora o “outro” trata-se de uma experiência fundamental que será tanto cultural, como socialmente diferenciada conforme os recursos simbólicos e materiais acessados pelas famílias.

¹³ Trata-se do segundo volume da publicação – Retratos da Juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional (de 2005) derivado do Projeto Cidadania, realizado pelo Instituto Cidadania, sendo que o volume anterior foi intitulado – Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação, de 2003.

De acordo com Miotto a modernização e as transformações sociais globais que ocorreram nas últimas décadas - diante de um processo sócio-histórico-econômico e cultural de transição de uma sociedade industrial para uma sociedade informacional, onde as relações de produção (capital e trabalho) se alteraram de forma significativa - implicaram em mudanças na vida das pessoas em sociedade, na vida familiar e, sobretudo na condição social dos jovens.

Ocorreram mudanças na configuração familiar que decorrem de uma série de fatores, entre os quais: a transformação e liberalização dos hábitos e costumes (principalmente no que se refere à sexualidade), o desenvolvimento técnico-científico (que implicou, por exemplo, na invenção dos anticoncepcionais), a expansão dos meios de comunicação de massa, e, o modelo de desenvolvimento econômico que foi adotado pelo Estado a partir dos anos mil novecentos e oitenta (1980) e que acelerou o empobrecimento das famílias. Diante desse contexto de mudanças conforme Durand:

A família como instituição, histórica e culturalmente, tem tido papel preponderante na socialização das crianças e dos jovens. No entanto, nos dias de hoje, as transformações sociais, culturais e econômicas de certa forma têm desalojado, entre outras instituições, a família tradicional de alguns de seus papéis. A família tem se exposto à mudança e à composição de novos arranjos de modernização e, gradativamente, tem deixado de ser o espaço privilegiado, seguro e acolhedor de socialização, pois cada vez mais se fragiliza e desorienta, abrindo espaço para compor com outras instituições como a escola, a igreja, os meios de comunicação e grupos, que passam a participar ativamente da socialização dos jovens (...) (2002, p. 35).

A família não é o único espaço pelo qual se pode tratar a questão da socialização, mas é, sem dúvida, um âmbito privilegiado, uma vez que este tende a ser o primeiro grupo responsável pela tarefa de socializar. Ou seja, a família independente da sua configuração, ainda constituiria uma forma de mediação entre os homens e a sociedade portanto, neste âmbito seriam interiorizados não somente os aspectos ideológicos dominantes na sociedade, mas se projetaria modelos de relação que são criados e ressignificados dentro do próprio grupo e na relação com os outros. Durand (2000) indica ainda que devido às mudanças sociais que ocorreram neste fim de século, surgiram novos processos socializadores e diante disso, os agentes responsáveis pela socialização como a

família, a escola, o trabalho, a igreja, entre outros, sofrem um descompasso no sentido de acompanhar as mudanças.

Considero como potencial contribuição desse trabalho, o alargamento das discussões teóricas e empíricas, em nível acadêmico e profissional, tanto no contexto do Serviço Social, minha área de formação, como na Educação, área na qual estou tendo a oportunidade de realizar a presente pesquisa e estudo. Com o propósito de entender como os jovens se constituem jovens no contexto da família, se faz necessário compreender os significados relacionais atribuídos pelos jovens e pelas famílias, portanto, num contexto onde se desafiam e são desafiados.

Sob esse enfoque situo aqui os objetivos da pesquisa:

Geral: pesquisar como os jovens do Bairro Monte Cristo se constituem jovens no contexto familiar.

Objetivos específicos:

- Contextualizar historicamente as trajetórias cotidianas dos jovens do Bairro Monte Cristo;
- Identificar os significados que os jovens atribuem às suas famílias, sob uma perspectiva relacional, o que implica ao mesmo tempo identificar que significados as famílias atribuem aos jovens;
- Analisar os significados relacionais atribuídos pelos jovens e pelas famílias.

1.3 O COTIDIANO E A PESQUISA COMO CICLO

Para o alcance dos objetivos em pauta optei por um estudo das trajetórias cotidianas dos jovens e tomei como viés inicial alguns elementos discutidos por Pais (2003, p. 53) sobre a Sociologia do Cotidiano. Pensar dessa forma implica em passear, vaguear, misturar-se entre as multidões e os acontecimentos, pois se trata de fazer descobertas, de apoiar-se em reflexões teóricas, mas não permitir que tais descobertas sejam aprisionadas por modelos teóricos rígidos.

Conforme Biklen (1994) ao se tentar ilustrar um processo de pesquisa é possível visualizar um funil com uma base larga e outra estreita, ou seja, o

pesquisador partiria de um emaranhado de questões e situações para delimitar ou recortar o objeto do seu estudo. No entanto, nos caminhos da pesquisa não é possível precisar quando realmente tudo iniciou ou quando vai acabar. O Pesquisador pode observar que um ciclo vai findar porque precisa responder algumas questões que o seu estudo se propõe, mas também sabe que outro vai começar porque muitas questões emergiram durante a experiência que vivenciou, e por questões metodológicas, no momento não têm possibilidades de responder. Diante disso, fui desenhando um caminho cujo início teve uma aproximação com a sociologia do cotidiano, porque ela se preocupa justamente com aquilo que para muitos é fugaz ou efêmero, mas que para mim foi fundamental nessa empreitada. Ao longo do processo fui descobrindo outras possibilidades teórico - metodológicas que associadas aos estudos sobre juventude e família resultaram no presente trabalho.

O descobrir e o revelar são elementos importantes na sociologia do cotidiano, ou seja, isso significa que as teorias (os conceitos) podem ser usadas para se pensar a realidade e não para dizer o que ela é, pois a realidade é complexa, encerra muitos elementos ou partes, que pode ser observável sob diferentes aspectos. Por conseguinte os conceitos (a teoria) podem ser usados para entender a realidade, quem sabe expressá-la em um dado momento histórico, mas não dão conta de expressar a sua totalidade.

Segundo Pais:

É claro que o conhecimento do social – mesmo através das rotas do cotidiano – carrila através de conceitos, os quais constituem (...) os vagões ou carruagens do conhecimento. Mas o investigador é o maquinista do carrilamento do conhecimento. O que acontece não raras às vezes, é que os conceitos descarrilam (...) e ficam abandonados, enquanto a realidade, em transformação, se afasta cada vez mais desses conceitos (2003, p.33).

Pais alerta que: “o andar ao sabor das correntes envolve, não raras vezes um grave perigo: (...) de nos deixarmos arrastar por elas, de a elas nos acorrentarmos como naufragos à deriva” (1996, p. 51). Em outras palavras o autor está se referindo ao fato de que no lugar de se observar a realidade e com base nela levantar as evidências, os pesquisadores tendem muitas vezes a suprimir

esta realidade para encaixá-la em arcabouços teóricos objetivando a resolução dos problemas da pesquisa.

Com base nesse entendimento, realizei o estudo considerando as “trajetórias cotidianas” dos jovens, para assim entender como os mesmos se constituem jovens no contexto familiar. Desta forma, conforme menciona Pais “(...) dos contextos vivenciais ou quotidianos dos indivíduos fazem também parte crenças e representações sociais que os jovens encontram (...) e que constituem essas crenças e representações sociais o fundamento de interpretações coletivas da vida (...)” (Pais, 1996, p.56).

Ainda de acordo com Pais o pesquisador no cotidiano não vê as coisas em si, melhor dizendo, vê as coisas atreladas aos signos ou enigmas, sendo que os enigmas por natureza são obscuros, pois revelam uma realidade ainda não conhecida, portanto, mistificada. Cabe à sociologia da vida cotidiana “(...) penetrar neste universo de mistificações para melhor poder sair dele, e acima de tudo para melhor compreendê-lo” (2003, p.63). Dessa forma pude construir o Caleidoscópio e a Favela I e II, sendo o primeiro com base nas relações que vivenciei com os sujeitos e o segundo com a especificidade da própria trajetória vivenciada, construída e contada pelos jovens e suas famílias. E ainda o Caleidoscópio e a Favela III, escrito já no encerramento do ciclo, em função de mais um episódio violento envolvendo um jovem que foi participante do Café com Livros.

Escolhi como estratégia de abordagem da realidade o estudo de caso, que conforme Pais (2003) prepara aos poucos o pesquisador para as novas descobertas. Além disso, Biklen (1994, p. 89) fala que esse tipo de estudo consiste em uma observação detalhada de um contexto, de um indivíduo, ou de um documento específico e apresenta graus de dificuldade variável de acordo com a experiência do pesquisador.

Os pesquisadores com o estudo de caso de acordo com o autor citado:

(...) começam pela recolha de dados, revendo-os e explorando-os, e vão tomando decisões acerca do objetivo do trabalho. Organizam e distribuem seu tempo, escolhem pessoas que irão e entrevistar e quais os aspectos aprofundar. (...) à medida que vão conhecendo melhor o tema em estudo, os planos são modificados e as estratégias seleccionadas. (1994, p.89).

Na definição do estudo de caso Meksenas (2002, p.119) salienta que se trata de uma análise compreensiva, pois “os significados que os sujeitos dão as suas vidas, aos fenômenos e às relações sociais são um dos centros de atenção do pesquisador” e que implica “em realizar uma pesquisa intensiva onde o investigado é percebido em sua amplitude e profundidade.” O estudo de caso nos permite a abordagem e coleta de dados qualitativos por meio de diários de campo, observação, registros de conversas informais, documentos diversos, imagens gravadas, etc. Além disso, foram realizados encontros com os jovens, na Casa Chico Mendes, que se configuram tecnicamente como grupo focal¹⁴. Para qualificar a investigação, ainda realizei entrevistas individuais com os jovens e as famílias, que tinham um roteiro previsto, no entanto, foram realizadas de acordo com a situação que os sujeitos vivenciavam naquele momento. Tais entrevistas podem ser consideradas como não diretivas e conforme Zago definidas como entrevistas compreensivas porque “o objetivo da investigação é compreender o social, e que de acordo com este, o que interessa é a riqueza do material (2003, p. 296)”.

1.4 NUANCES TEÓRICO - METODOLÓGICAS

Realizei estudos teóricos sobre Juventude, Família, Construcionismo Social e Rede de Significações para a aproximação com as questões que esse estudo se propõe. No que se refere à Juventude os principais teóricos estudados foram: Leon (2005) que apresenta de uma forma geral as principais e atuais aproximações analíticas, Margulis (2001), Abramo (2005), Spósito (2005) que ajudaram na compreensão das noções conceituais sobre a moratória social, moratória vital, assim como sobre a condição e a situação juvenil; Pais (1996) e Dayrell (2005) que abordam especificidades na compreensão da situação e da condição juvenil e complementam a discussão com a indicação de algumas propostas no sentido de se pensar a juventude, respectivamente, a partir de eixos semânticos (unidade e diversidade) e na perspectiva da diversidade.

¹⁴ Definido como “uma técnica de avaliação que oferece informações qualitativas. Um moderador guia grupos, de aproximadamente 10 pessoas, numa discussão que tem por objetivo revelar experiências, sentimentos, percepções, preferências” (www.fae.ufmg.Escplural/grupo_focal.htm, acessado em 20/10/2006).

Nos estudos sobre famílias realizei aproximações com Mioto (1997), Sarti (2004), Petrini (2005) que propõem construção de uma noção sobre a família que perpassa as questões relacionadas à identidade biológica, mas considera as relações sociais e culturais estabelecidas no espaço familiar e no contexto com o qual a família se articula. Na busca de um entendimento sobre como os sujeitos, no caso os jovens se constituem jovens no contexto da família.

Por fim, para dar conta de apresentar a proposta de pesquisa esboçada, sistematizei a dissertação da seguinte forma:

I - A Introdução: início de um ciclo no sentido de sinalizar as questões que nortearam a pesquisa e situar os objetivos e alguns desdobramentos, que contemplou a (re) construção e (re) definição do problema de pesquisa com os subitens: 1.1 Questões iniciais onde abordei as questões que instigaram a pesquisa, 1.2 Delimitação do Problema e Justificativa: na qual contextualizei o problema, assim como a partir de elementos quantitativos e qualitativos justifiquei a relevância da pesquisa. 1.3 O Cotidiano e a Pesquisa como Ciclo: uma breve discussão sobre a Sociologia do Cotidiano, como viés metodológico inicial que permitiu a elaboração das epígrafes O Caleidoscópio e a Favela I, II e III.

Capítulo II Aproximações Teórico-Metodológicas sobre Juventude: Apresentei os aportes teóricos da pesquisa, que trazem formulações de diversos autores e que permitem uma melhor compreensão das categorias Família e Juventude. Ainda nesse capítulo, as aproximações com o Construcionismo Social e a Rede de Significados, no item 2.3.

No Capítulo III intitulado Situação Juvenil: Trajetórias e Cotidiano apresentei os dados da pesquisa, por meio de quatro itens: 3.1 Breve Contextualização Histórica do Bairro Monte Cristo, 3.2 Relações Contextuais, 3.3 Juventude? Na perspectiva dos jovens. 3.4 Trajetórias em Construção, onde conto as histórias de vida dos sujeitos da pesquisa.

IV - Juventude e Família – 4.1 A Família para o Jovem e 4.2 o Jovem para a Família situei os significados atribuídos relacionalmente que constituem o recorte desse estudo.

V – Considerações Finais: Um Ciclo que se Encerra, tecei considerações no sentido de encerrar o ciclo de pesquisa.

VI - Fontes Bibliográficas: optei pela expressão “fontes”, porque não comportam apenas as referências bibliográficas, mas outras fontes possíveis que poderão surgir no decorrer da pesquisa como, fitas de vídeo, CDs, DVDs, sites, entre outros.

II APROXIMAÇÕES TEÓRICO - METODOLÓGICAS

Diante dos objetivos propostos para a pesquisa foi importante realizar aproximações teórico-metodológicas com as categorias Juventude e Família uma vez que as considero como relacionais e para melhor situar a discussão em pauta, bem como com a Sociologia do Cotidiano que permitiu um olhar com rigor ora de afastamento, ora de inserção do pesquisador por meio da observação das nuances da realidade vivida pelos sujeitos da pesquisa.

2.1 JUVENTUDE

Explanar as discussões sobre Juventude é uma tarefa difícil, pois há uma diversidade de argumentações teóricas relacionadas a essa categoria e seus significados, por conseguinte, não há uma definição conceitual única, mas aproximações ou noções teóricas que possibilitam uma compreensão mais lúcida sobre a categoria em tela. Para Abramo:

(...) quando se busca precisar um pouco mais o próprio termo, as dificuldades aparecem, e todo o seu aspecto impreciso e escorregadio toma relevo. Muito do que se escreve na academia sobre juventude é para alertar para os deslizes, os encobertamentos, as disparidades e mistificações que o conceito encerra (2005, p. 37).

As dificuldades aparecem, conforme a autora, porque a Juventude, enquanto categoria de estudo e análise, tem sido tratada sob diferentes ângulos, sendo que as disciplinas das ciências humanas (sociologia, psicologia, antropologia, etc.) a recortam, além do que estas possuem diferentes correntes teóricas que apresentam dimensões diversas sobre juventude.

Apesar da diversidade é possível a identificação de noções ou aproximações na caracterização da problemática que envolve a categoria juventude e nesse sentido Durand (2000) diz que realizar aproximações teóricas sobre juventude requer discorrer sobre “elementos relacionais, que nos aproximem dos contextos determinados pelos próprios jovens e, a partir daí, perante sua realidade, é que podemos tecer parâmetros conceituais” (2000, p.

40). O que significa, também, dizer que partir da realidade dos jovens para tecer parâmetros conceituais é necessário, sobretudo porque é notório o entendimento de que a noção de juventude está enraizada num determinado momento histórico-socio-cultural. Por conseguinte não há, segundo Pais (1996, p. 37) “um conceito único de juventude (...). A diferentes juventudes corresponderão, pois, necessariamente, a diferentes teorias”. Além disso, a juventude é uma categoria socialmente construída diante de um contexto de “circunstâncias econômicas, sociais e políticas” que podem se modificar historicamente ou ao longo do tempo.

Dayrell (2005, p.21) também enfatiza que “não é fácil construir uma noção de juventude que consiga abranger a heterogeneidade do real”, pois a juventude apresenta um caráter universal que está relacionado às transformações (físicas e psicológicas) de um indivíduo em determinada faixa etária, mas que ao mesmo tempo detém um caráter particular, que se refere às formas diversas de como cada sociedade ou grupo lidará e representará esse momento, que se concretizará nas condições sociais, culturais, de gênero, entre outras.

Com outras palavras e de uma forma ilustrativa significa dizer num sentido mais genérico, que os jovens latino americanos constituem as vivências de *serem jovem* de forma diferente dos jovens norte americanos, asiáticos, africanos, dadas as condições sociais, econômicas, culturais, étnicas, de gênero, entre outras. Assim como ser jovem há trinta anos não tem o mesmo significado que ser jovem na atualidade, ou ainda, ser jovem em camadas empobrecidas tem sentido diferente de ser jovem em camadas médias ou ricas. No entanto, diante das condições diversas há características universais entre os jovens, sobretudo relacionadas à faixa etária e às transformações físicas que ocorrem num determinado período de suas vidas, à medida que se aproximam da puberdade. Transformações que não são estanques, mas que se processam ao longo dos ciclos de suas vidas. Desta forma, num primeiro momento a categoria juventude está vinculada à idade biológica e às capacidades naturais do corpo, no entanto, o seu significado de uma forma complexa atravessa questões de gênero, etnia, camadas sociais, etc.

Para Margullis:

A primeira vista, la noción de juventud se presenta como una categoría vinculada con la edad y por tanto remite a la biología, al estado y las

capacidades del corpo (...). Sin embargo, y por poco que se profundice, la significación de la "juventud" se revela como sumamente compleja (...). (...) convoca a un marco de significaciones superpuestas, elaboradas históricamente, que refleja en el proceso social de construcción de su sentido la complicada trama de situaciones sociales, actores y escenarios que da cuenta de un sujeto difícil de aprehender. (2001, p.42).

O falar, o estudar, o investigar sobre juventude instiga o pesquisador a entender que a trama de situações sociais que envolvem as significações sobre juventude é complexa, o que exige uma busca mais abrangente de como esta questão vem sendo tratada do ponto de vista teórico. Conforme Léon (2005) há pelo menos quatro perspectivas analíticas recentes que vêm contribuindo na compreensão da adolescência e da juventude: a que se refere às gerações e classe de idade, os estilos de vida juvenil, os ritos de passagem (adolescente - juvenil) e as trajetórias de vida e novas condições juvenis.

- Perspectivas Teóricas:

As perspectivas analíticas ou teóricas Conforme Leon (2005) respectivamente caracterizam-se da seguinte forma :

a) Gerações e classe de idade – uma geração pode ser entendida como um conjunto de pessoas que nasceram em um período próximo e que, sobretudo compartilham a mesma educação e as influências culturais e sociais, portanto, a geração dos adolescentes e jovens corresponde a uma idade social “pois o fato de que estejam sujeitos, a uma mesma forma de geração facilita para que surjam pontos de encontro físicos e subjetivos fundamentais para que se formem grupos com identidades geracionais”. (Leon, 2005, p. 15). No entanto, cabe especificar que uma geração pode ser vista como subjetividade produzida, mas não significa que seja de forma concreta um grupo ou um movimento social, e sim uma situação geracional, que corresponde às vivências de sujeitos com idades próximas, em tempos parecidos, com interesses semelhantes.

b) Os estilos de vida juvenil: Há inúmeros contextos culturais e sociais pré-existent na trajetória de socialização que vivenciam os jovens, tais contextos descritos como sendo a família, os amigos, partidos políticos, meios de

comunicação, entre outros, a partir do qual os jovens selecionam e hierarquizam “ideais, valores, estéticas e modas, formas de convivência ou relacionamentos de vida”, na busca de uma identidade própria ou geracional. Entretanto, é preciso lembrar que as experiências juvenis são diversificadas dados os contextos culturais, sociais, econômicos e, portanto, não é possível indicar ou observar um traço comum único ou uma forma única de ser jovem que se revelam nos estilos, mas várias formas de ser jovens e vários estilos.

c) Os ritos de passagem infante/adolescente/ juvenil:

Conceitualmente há uma grande dificuldade em se definir quais as mudanças que ocorrem nos sujeitos, pois podem ser de cunho fisiológico ou de comportamento. O que se tem apontado é que as mudanças físicas são mais universais, enquanto que as de comportamento correspondem às vivências juvenis concernentes as condições sociais, econômicas, culturais, étnicas e de gênero. Além disso, conforme Leon (2005, p. 16) nas sociedades rurais e grupos étnicos não existe “um longo estágio de transição prévio à “plena inserção social” e “nem tampouco existe um conjunto de imagens culturais que distingam claramente este grupo etário de outros”, mas o que existem são os ritos de passagem, onde os adultos reconhecem os jovens como iguais e por terem autonomia social e econômica, assim como os ritos apontam para às “responsabilidades, acessos e restrições”.

Nas sociedades urbanas não se sabe quando exatamente os adolescentes abandonam a infância, nem a maturidade, assim, a definição dos sistemas de idades ocorre para indicar o acesso desigual aos recursos “às tarefas produtivas, ao matrimônio, aos cargos políticos”, como forma de legitimar uma hierarquia social das idades, assim como “(...) cada etapa do desenvolvimento infante/adolescente/ juvenil corresponde a certas categorias de trânsito que muitas vezes os inibe de conflitos abertos, assegurando o controle dos menores a pautas sociais estabelecidas”. (idem).

d) As trajetórias de vida e as novas condições juvenis:

Na perspectiva das novas condições juvenis parte-se da observação das mudanças e transformações sociais globais que estão ocorrendo nas últimas décadas, diante de um processo sócio-histórico-econômico e cultural de transição de uma sociedade industrial para uma sociedade informacional, onde as relações

de produção (capital e trabalho) se alteram de forma significativa. Transformações que de forma mediática modificam a vida das pessoas em sociedade, sobretudo a condição social dos jovens. Diante disso ocorre o surgimento de uma nova condição juvenil. Tal condição implica em olhar o jovem como categoria histórica e social “ (...) que está referida à estrutura social como aos valores e à cultura particular dos sujeitos jovens no processos de transformações sociais contemporâneas (formativas, trabalhistas, econômicas e culturais”. (Leon, 2005, p.17). Contudo, junto à nova condição juvenil aparece uma diversificação, a situação juvenil, que remete à “análise territorial e temporal concreta, sendo como os diversos jovens vivem e experimentam sua condição de jovens, em um espaço e um tempo determinado”. (idem).

Na relação entre condição e situação juvenil entram alguns elementos de análise como, por exemplo, o alargamento do tempo de permanência do jovem no sistema educativo, assim como o atraso da sua entrada no mercado de trabalho e de constituição de família própria. Já no que concerne às trajetórias de vida, e de uma forma complementar a anterior, remete à noção de uma situação de transição da infância para a vida adulta, como um tempo de preparo para o jovem assumir papéis e responsabilidades, sendo que esse tempo pode ser definido como uma moratória social. Há, ainda, uma diferenciação no que se refere à situação de transição, que pode ser pensada como biográfica (que vai da infância à vida adulta), ou como processo (de reprodução), onde as trajetórias são consideradas “um reflexo das estruturas dos processos sociais; processos que se dão de forma conjunta (...)”. (Leon, 2005, p. 17).

Os processos se dão de forma conjunta porque relacionam a individualidade, a subjetividade e as estruturas sociais. Diante disso as trajetórias não podem ser consideradas como lineares, ou seja, há uma diversidade de condições e situações juvenis que podem ser identificadas, e que conforme Leon, podem ser “bem sucedidas” ou “fracassadas”, impressas num contexto de circunstâncias variáveis. A seguir estarei detalhando alguns elementos que as constituem.

- As Novas Condições e as Trajetórias Juvenis

A juventude de acordo com Pais (1996, p. 33). pode ser estudada a partir de dois eixos semânticos: “como aparente unidade (quando referida a uma fase da vida) e como diversidade (quando estão em jogo diferentes atributos sociais que fazem distinguir os jovens uns dos outros)”. Os eixos, conforme o autor requerem a observação de duas correntes¹⁵ sociológicas: a geracional e a classista, que explicam a relação conceitual entre a unidade e a diversidade. No que se refere às correntes, a geracional tem como fundamento básico a noção de juventude como fase da vida, baseando-se nas teorias da socialização desenvolvidas pelo funcionalismo e na teoria das gerações. Portanto, nesta corrente, as relações intergeracionais representam uma questão importante, pois aponta como problemática central a reprodução social, ou seja, pois:

Conforme esse autor:

(...) de acordo com esta corrente, a valorização da problemática juventude justifica-se em função dos sinais de continuidade e descontinuidade intergeracionais. Essa problemática tem sido polarizada (...) em torno de duas posições: uma tende a sublinhar os aspectos de continuidade e reprodução da cultura adulta na cultura juvenil; a outra, mais propensa a destacar aqueles aspectos que implicariam na descontinuidade entre as várias gerações (1996, p. 40).

O relacionamento entre adultos e jovens se construiria, por um lado sem conflitos, em uma relação “aproblemática”, integrada ao tecido social, onde existiria complementaridade e compatibilidade entre as culturas adulta e juvenil. Por outro lado, os relacionamentos se constituíam através de conflitos ou divergências, levando os adultos a olharem para a cultura juvenil com certo temor, uma vez que poderia a mesma apresentar-se como uma forma de “contracultura” negando ou ameaçando a cultura adulta. No que se refere à corrente classista, a reprodução social, que na corrente geracional está relacionada à análise das relações intergeracionais, é percebida em termos da reprodução das classes sociais. Para esta corrente a transição dos jovens para a vida adulta estaria sempre relacionada às desigualdades sociais, tanto em nível da divisão sexual do trabalho, como em nível da condição social: “o sistema educativo e a condição social dos jovens acabariam por determinar que, por exemplo, os filhos de

¹⁵ São as correntes clássicas que estudam a Juventude no campo da Sociologia.

operários se tornassem operários”. (Pais, 1996, p.44). É necessário dizer ainda, que para a corrente classista as culturas juvenis são sempre culturas de classe, ou seja, representariam uma forma de “resistência” na solução de problemas compartilhados por uma determinada classe social. Por conseguinte as culturas juvenis que não apresentam a cultura da resistência ficariam fora da observação da corrente citada, pois, sobretudo, as culturas juvenis de classe¹⁶ teriam sempre um significado político.

Já Dayrell (2005) propõe que se olhe a juventude na perspectiva da universalidade e da particularidade. Ou seja, que a construção de uma noção de juventude seja pautada, também, na diversidade, ao mesmo tempo em que considera o contexto de classe, os diferentes sistemas de interações sociais e simbólicas que “interferem na trajetória social dos jovens”, por conseguinte, indica que pensar a juventude no Brasil requer considerar a diversidade contextual e sócio cultural em que estão os jovens inseridos”. (Dayrell, 2005, p.22).

Conforme o autor a diversidade contextual e sócio-cultural se acentua diante da crise pela qual passa a sociedade brasileira, com reflexos nas instituições tradicionais responsáveis pela socialização: o trabalho e a escola. Tal crise advém das profundas transformações¹⁷ que estão ocorrendo no mundo do trabalho, que alteram as formas de inserção dos jovens¹⁸ no mercado de trabalho, portanto nem a escola, nem o trabalho, seriam a priori referências de valores na construção dos jovens como sujeitos (Dayrell, 2005, p. 23).

Outra questão agravante relaciona-se com o fato de que com o modelo econômico vigente (capitalista-neoliberal e globalizado) o Estado de Bem Estar Social¹⁹, que de acordo com Pérez “(...) ineterviniera em favor de los más necesitados, comienza a derrumbarse em esta etapa histórica, y com ella, la convicción de que la conquista del Estado de Bem Estar era um logro social ineludible de la humanidade (2005, p. 28). Com isso o não oferecimento de soluções por meio de políticas públicas para a juventude, assim como as famílias

¹⁶ Assim, a corrente classista priorizou os estudos das culturas masculinas e operárias.

¹⁷ Tanto no Brasil como no exterior, a partir dos anos 90, o modelo econômico teve como base a inserção competitiva que trouxe como consequência o crescimento das taxas de desemprego, desassalariamento e precariedade dos postos de trabalho, atingindo drasticamente os jovens.

¹⁸ O autor em sua pesquisa indica que essa crise é vivenciada de forma diversificada pelos jovens. No caso, os rappers e funkeiros, sujeitos de sua pesquisa, que a vivem de forma mais acirrada, e que são os “menos atingidos pela escola”.

¹⁹ Que se constituiu tardiamente no Brasil e teve como auge a promulgação da Constituição Federal de 1998.

que cada vez mais são cobradas e responsabilizadas na garantia e na reprodução dos seus sujeitos sem que lhe sejam dadas condições para tal.

Segundo Dayrell a pobreza mudou de forma, assim como suas conseqüências. Se nas gerações anteriores havia a possibilidade remota de mobilidade social por meio da escola e do trabalho, para os jovens empobrecidos, tal possibilidade já não existe ou é significativamente reduzida, portanto, instaurou-se um quadro de crise em que “os velhos modelos em que as instituições tinham um lugar socialmente definido já não correspondem à realidade” (2005, p.24). Desta forma na perspectiva da diversidade, existem várias formas de ser jovem, em parte decorrentes das condições sociais em que os sujeitos vivenciam suas experiências, no entanto a diversidade nem sempre corresponde às representações sobre juventude constituídas na sociedade, ou seja, determinados modelos construídos socialmente não correspondem à realidade concreta dos jovens.

Na sociedade ocidental, conforme o autor foi de forma e ritmo variados que se cristalizou a concepção do modelo ternário das idades da vida: na infância brinca-se, na juventude forma-se e prepara-se e na idade adulta trabalha-se, o que recai na idéia de transitoriedade, ou seja, é um “vir a ser”, em que a fase adulta é vista como plenitude. Essa forma de pensar comporta uma negatividade “o que se é, mas nunca se chegou a ser” (idem, p. 29). A passagem para o mundo adulto, dentro de determinados critérios etários tem algumas referências – o fim dos estudos, uma inserção estável no mundo do trabalho, casar-se ter filhos. Associado a tudo isso o florescimento do mercado de consumo destinado aos jovens, sem grandes definições de classe, ao mesmo tempo a expansão dos meios de comunicação de massa que promoveu o aparecimento de uma cultura juvenil centrada em valores como: liberdade, autonomia e prazer imediato.

De acordo com Dayrell (2005) tem-se, também, a noção da juventude como: uma suspensão da vida social, os jovens estariam fora do sistema produtivo e da ordem dos interesses constituídos. O autor retoma a noção já discutida por Margulis sobre a moratória social – como um tempo de ensaio para o erro, uma experiência que em boa medida se restringe aos jovens das classes médias e altas, dadas as suas condições sócio - econômicas.

Conforme Margulis:

La noción de “moratória social” alude a un plazo a cierta **clase de jóvenes**²⁰, que les permite gozar de una menor exigencia mientras completan su instrucción y alcanzan su madurez social y económica. Es un período de permisividad, una especie de estado de gracia, una etapa de relativ indulgência, en que no les son aplicadas con todo su rigor las presiones y exigencias que pesan sobre las personas adultas. (2001, p.43).

Abramo também discorre sobre o assunto na perspectiva de que a moratória social seria “compreendida como esse adiantamento de deveres e direitos da produção, reprodução e participação, um tempo socialmente legitimado para dedicação exclusiva à formação para o exercício da cidadania” (2005, p. 41).

Trata-se, assim, de um tempo que exige uma preparação em instituições como a escola, aliado a uma suspensão do mundo produtivo, ou seja, do trabalho. Entretanto, segundo Margulis a moratória social tem referências²¹ históricas e sociais e “(...) tiene que ver con la necesidad de ampliar el período de aprendizaje, y por end refiere sobre todo a la condición de estudiante” e que “se remite sobre todo a las classes medias y altas cuyos hijos (...) se fueron incorporando a estudios universitarios (...), (...) estudios de posgrado, cada vez más prolongados (2001, p.43).

Desta forma, a noção de moratória social, conforme os aspectos citados teria constituído uma forma de tensão, pois trata-se de uma experiência que se restringe aos jovens das camadas médias e altas, e os jovens das camadas empobrecidas, que não dão prosseguimento aos estudos, pois começam a trabalhar precocemente, e ainda iniciam a vida reprodutiva relativamente com menos idade? Ou ainda, aqueles que são enredados pelo mundo do crime? A moratória social não daria conta de explicar a juventude na sua complexidade, pois exclui a condição de juventude para um grande número de jovens, que são aqueles que não correspondem às representações construídas socialmente: estudante e trabalhador. No entanto, junto com a noção da moratória social, associou-se a noção de moratória vital, que conforme Margulis (1996) seria uma

²⁰ Grifo meu para salientar que a discussão em pauta tem como perspectiva a idéia das “juventudes” não só como questão semântica, mas para compor a perspectiva de uma juventude que mesmo partilhando os aspectos da condição juvenil são heterogêneas porque se compõem por meio da diversidade.

²¹ No século XVIII surgiu um setor juvenil que gozava de alguns privilégios, sendo que aos poucos, já na metade do século XIX foi propiciada a prolongação do período dedicado à escola, mas são jovens pertencentes a determinadas camadas sociais que desfrutavam desse privilégio.

noção complementar porque comporta uma definição que se estende a todos os jovens e se relaciona com a sensação de invulnerabilidade, de imortalidade, de audácia em tomar determinadas atitudes, sendo que a morte por exemplo pertence aos outros, sobretudo às gerações mais velhas.

No entanto, a tensão trazida pela noção de moratória social não foi esgotada e que conforme Abramo pode ser resolvida pela diferenciação entre a condição e a situação juvenil:

condição²² (modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, que alcança uma abrangência social maior, referida a uma condição histórica geracional) e **situação**, que revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais – classe, gênero, etnia, etc. (2005, p.42).

Em suma, a condição juvenil é válida para todas as camadas sociais porque reflete os significados atribuídos pela sociedade a este ciclo da vida, no entanto, a situação juvenil retrata como os jovens vivenciam tal condição. Portanto para Margulis:

Todas as clases sociales tienen jóvenes, que se diversifican en variados agrupamientos entanto portadores de códigos culturales distintos expresados en su apariencia y comportamientos, em también em las posibilidades y condiciones de vida que emanan de sua situación sócio-económica, lo que inciden em sus consumos, sus expectativas, sus projetos y sus esperanzas. (2001, p.45).

Por fim, para o autor citado a juventude é uma condição definida pela cultura, pois tem uma base material ligada à idade, que diz respeito aos aspectos relacionados com o corpo, a saúde, energia, capacidade reprodutiva, mas também com os aspectos culturais relacionados a idade. Desta forma a Juventude é: “una condición relacional, determinada por la interacción social, cuya matéria básica es la edad processada pela cultura.” (idem).

As aproximações analíticas até aqui realizadas indicam que os estudos sobre juventude devem considerá-la em uma perspectiva relacional, em que as condições juvenis são mediatizadas pelos aspectos biológicos, sociais,

²² Grifos nosso na citação.

econômicos, culturais, de etnia e de gênero. O que implica em perpassar por meio do conhecimento das trajetórias juvenis uma gama de relações vivenciadas pelos jovens e suas famílias. Por conseguinte no sentido de ilustrar a condição e a situação juvenil no Brasil apresentarei a seguir alguns elementos que compõem o assunto.

- Condição e Situação Juvenil no Brasil

Ao observar os dados do censo demográfico realizado em 2000 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) quanto ao item População Por Sexo e Grupo de Idade percebi que na Pirâmide (gráfico) a sua linha mais extensa que representa a juventude brasileira está para a faixa etária entre 15-19 anos (com 17.939.815 jovens), na seqüência a linha que representa a faixa entre 10-14 anos (com 17.348.067) e depois as faixas 20-24 (com 16.141.515) e 25-29 (com 13.849.665). Dentro dos critérios²³ estatísticos para o IBGE a população de jovens no Brasil abrange a faixa que vai dos 14 aos 24 anos e soma aproximadamente 34.000.000 de jovens, no entanto, considerando as discussões que realizei teoricamente até aqui sobre as novas condições juvenis e mesmo ao considerar os ciclos de idades é possível inferir que a população jovem no Brasil ultrapassa significativamente os 34.000.000 considerados.

Outra questão importante conforme Lassance (2004) é a que envolve a discussão sobre a identidade juvenil, ou seja, haveria uma identidade juvenil brasileira, ou existem questões regionais que não permitem essa identificação? Sendo o “Brasil um país de contrastes e desigualdades que se sobrepõem é relevante analisar até que ponto o regional particularizaria o jovem a ponto de podermos falar de um jovem nordestino, ou sulista e assim por diante (Lassance, 2005, p.74).

Tomando como base a pesquisa²⁴ realizada pelo Instituto da Cidadania em 2004, de um ponto de vista estatístico há conforme Lassance:

²³ Até mesmo no tocante aos critérios estatísticos, há países, dadas as suas condições materiais e de interesse na formulação de políticas públicas para a juventude, que consideram faixas de idade mais alargadas sobre a população juvenil.

²⁴ Disponível no site www.institutodacidadania.org.br.

Certa proximidade no perfil demográfico e em aspectos cruciais da condição do jovem. Há muita proximidade da sua auto-imagem. No entanto, vimos o quanto eles divergem em termos de expectativas (aquilo que querem que aconteça), de visões de futuro (aquilo que acham que vai acontecer) e de estratégias (2005, p. 85).

Um exemplo significativo quanto às expectativas está ligado ao “reino da política e das políticas públicas” e que, por conseguinte está imbricada com a idéia de como e o que será reservado aos jovens no Brasil. No entanto os jovens mostram-se otimistas com relação a si próprios e com relação ao Brasil, porém pessimistas com relação ao mundo. Sobretudo é possível conforme o autor dizer que há “a existência de um jovem brasileiro”, ou seja, no tocante a sua condição juvenil, mas o que não quer dizer “que sejam iguais em todo o país” uma vez que vivenciam tal condição de formas diferentes, conforme as “matizes” que representam sua situação juvenil. Ainda sobre a Pesquisa²⁵ do Instituto da Cidadania, Abramo (2005) discute a condição juvenil e suas diferentes realidades, desse estudo destacarei alguns dados relacionados à educação, trabalho, lazer e família.

Quanto à Educação os dados da Pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” confirmam um crescimento do acesso à escola o que: “(...) se tratou de uma oferta desprovida de qualidade e condições materiais e humanas de funcionamento adequadas para as unidades escolares, atingindo a escola pública, única modalidade de acesso à educação para a maioria dos brasileiros” (Sposito, 2005, p. 97).

No universo da pesquisa realizada, 63% dos jovens se declararam estudando, sendo que algumas diferenças ocorreram quanto à cidade e o campo, pois 65% dos jovens urbanos e 55% dos rurais estavam estudando. E ainda quanto ao critério raça-cor os dados apontam 64% dos brancos estavam, 62% dos pardos, 62% dos negros, 78% dos orientais e 65% dos indígenas estavam estudando. Quanto ao nível de escolaridade, Conforme Sposito (2005) parece haver um “empate” entre mulheres e homens no ensino superior e poucos percentuais abaixo do que os homens no ensino médio. É importante mencionar,

²⁵ A pesquisa que me refiro é intitulada “Perfil da Juventude Brasileira” realizada pelo Instituto da Cidadania, pelo Instituto de Hospitalidade e SEBRAE. Teve como universo jovens brasileiros de 15-24 anos que correspondem a aproximadamente 34.000.000 de jovens ou 20% da população brasileira. Foram realizadas no total 3.501 entrevistas distribuídas por 198 municípios o que abrangeu 25 Estados da União.

também, por mais que a metade dos jovens tenha conseguido atingir o ensino médio, 30% sofrem um atraso escolar uma vez que não terminaram o ensino fundamental conforme a legislação.

Sobre o trabalho: Com base nos índices da PEA²⁶, Abramo 1995 diz que da amostra 36% dos jovens estavam trabalhando ou em busca de trabalho. E ainda embora tenha ocorrido nos últimos 20 anos um aumento significativo no número de estudantes, mas junto a isso para Sposito (2005) houve também aumento nos índices daqueles que trabalham e estudam, embora à época da pesquisa muitos dos que se declararam estudando estavam desempregados. Sendo que dos que estão fora do mercado de trabalho as mulheres são as mais afetadas, pois de cada 10 jovens inativos, 6 são mulheres. As condições de trabalho para os jovens “são desfavoráveis” 31% fazem mais de oito horas de trabalho diárias, 63% trabalham na informalidade e 30% ganham um salário mínimo ou menos por mês. Na relação escolaridade e renda, quanto menor, o nível, mais precárias são as condições de trabalho.

Quanto ao lazer: Atividades de lazer conforme a pesquisa ocupa uma boa parte do tempo livre dos jovens. Sendo que a atividade de que mais se ocupam no final de semana relaciona-se à “circulação e desenvolvimento da sociabilidade ligada à diversão”. 78% apontam para as atividades realizadas fora de casa, das quais 45% são entretenimento e lazer. É importante assinalar que há variação das atividades conforme a faixa etária e também são os rapazes mais velhos que fazem lazer e entretenimento fora de casa e no caso das mulheres são as novas.

Com relação à família: a maioria dos jovens brasileiros são solteiros (78%), sendo relevante a parcela dos que são casados oficialmente ou não (20%). Há uma variação importante quanto ao grupo de idade: o grupo de 21-24 concentra o maior número de casados (35% os são) e entre os de 15-17, 5% são casados. As mulheres em todas as faixas de idade, são em maior proporção casadas em relação aos homens. A proporção de casados cai quanto maior é o nível de escolaridade e a renda, e aumenta, por exemplo, no que se refere a casais pertencentes a famílias com renda mais baixa (menos de um salário mínimo mensal). Uma hipótese conforme Abramo é de que o casamento seja um interruptor dos estudos e quanto a renda a “é mais difícil fazer inferências, pois

²⁶ População Economicamente Ativa.

sabe-se que são justamente os casais jovens com filhos que constituem que constituem o momento mais precário, em termos econômicos, do ciclo da vida familiar.(Abramo, 2004, p.47). Dos jovens casados (20%) um quinto deles não se declara chefe de família ao mesmo tempo que poucos jovens solteiros se declaram independentes da família de origem.

Sobre os filhos a pesquisa evidenciou que mais de um quinto vive a condição da maternidade ou paternidade, sendo que dos adolescentes 4% têm filhos e 41% dos que tem mais de 20 anos já os tem. Nessa faixa etária as mulheres têm mais filhos do que os homens. Não há também uma relação direta entre casamento e gravidez, ou seja, por exemplo, entre os 56 jovens casados de 15-17 anos, metade não tem filhos. Outro dado interessante é de que nem sempre a gravidez é acidental, uma vez que 40% dos jovens declararam que a primeira gravidez foi planejada. Por fim, é a família a instituição que os jovens mais confiam, sendo que 98% dos pesquisado dizem que confiam, 83% deles confiam totalmente. Dos pesquisados 72% declararam que a família é “o fator mais importante para seu amadurecimento”. Apoio e orientação são elementos centrais na relação entre o jovem e a família.

2.2 FAMÍLIA

Como foi mencionado considero as categorias Juventude e família como relacionais. Da mesma forma que foram abordadas questões importantes no entendimento sobre Juventude, foi necessário também adentrar questões que envolvem a discussão em torno da família.

- As Abordagens Teóricas Nos Estudos Sobre Família

Segundo Silva a história social²⁷ da família mostra que como instituição social a mesma se relaciona a uma “situação concreta” de uma época específica e se constitui com características diferentes nos diversos grupos sociais, ou seja, a “família tal como hoje a concebemos é uma realidade relativamente

²⁷ Com base nos estudos realizados por Ariès, no contexto das famílias européias.

recente”(1997, p. 32). Ou seja, são atribuídas formas ou configurações diferentes às famílias em momentos históricos diversos. Em destaque o fato de que com a Revolução Industrial o mundo do trabalho foi separado do mundo da família, que passou a ter uma dimensão privada. Associadas a isso foram ocorrendo descobertas tecnológicas e científicas que provocaram impacto na realidade familiar institucionalizada. Descobertas como a pílula anticoncepcional que separou a sexualidade da reprodução e reordenou a sexualidade feminina. Sexualidade e maternidade passaram a ser questões desvinculadas. E também a possibilidade de trabalho remunerado da mulher junto às questões anteriores provocou um processo de reconfiguração das relações familiares, portanto, na família. Em outras palavras para Petrini:

A sociedade moderna caracteriza-se por mudanças de grande porte nos campos da economia, da política e da cultura, com repercussões significativas em todos os aspectos da existência pessoal e social. Essas mudanças assumem no Brasil um ritmo particularmente acelerado depois da Segunda Guerra Mundial, criando um novo cenário sócio cultural, especialmente nos maiores centros urbanos. Trata-se de mudanças profundas e permanentes, que dizem respeito à atividade produtiva e à organização do trabalho, aos processos educativos e de comunicação, até a socialização das novas gerações, ao universo de valores e critérios que orientam a conduta do cotidiano. Essas mudanças, concentradas e aceleradas, repercutem significativamente na vida familiar (...)” (2005, p.29).

Ocorreram a partir da segunda metade do Século XX, em todos os segmentos sociais mudanças relevantes no processo da configuração familiar, que conforme Mioto implicou em “um novo padrão demográfico na realidade brasileira” (1997, p. 118). O novo padrão, mais especificamente a partir da década de 90 tem trazido como características: a redução do número de filhos, concentração da vida produtiva entre as mulheres mais jovens, o aumento da gravidez precoce, o aumento das uniões consensuais e nas uniões civis, o predomínio das famílias nucleares, aumento de famílias monoparenterais (com predominância das mulheres como chefes de família), o aumento da população idosa e, por fim aumentou o número de pessoas vivendo sós. As características que implicaram em mudanças na configuração familiar decorrem de uma série de fatores, entre os quais, a transformação e liberalização dos hábitos e costumes (principalmente no que se refere à sexualidade), o desenvolvimento técnico-

científico (que implicou, por exemplo, na invenção dos anticoncepcionais), a expansão dos meios de comunicação de massa, e, o modelo de desenvolvimento econômico que foi adotado pelo Estado a partir dos anos mil novecentos e oitenta (1980) e que acelerou o empobrecimento das famílias.

Diante desse contexto de mudanças conforme Durand :

A família como instituição, histórica e culturalmente, tem tido papel preponderante na socialização das crianças e dos jovens. No entanto, nos dias de hoje, as transformações sociais, culturais e econômicas de certa forma têm desalojado, entre outras instituições, a família tradicional de alguns de seus papéis. A família tem se exposto à mudança e à composição de novos arranjos de modernização e, gradativamente, tem deixado de ser o espaço privilegiado, seguro e acolhedor de socialização, pois cada vez mais se fragiliza e desorienta, abrindo espaço para compor com outras instituições como a escola, a igreja, os meios de comunicação e grupos, que passam a participar ativamente da socialização dos jovens (...). (2002, p.64).

No contexto histórico-cultural e sócio-econômico brasileiro é necessário ainda conforme Miotto (1997, p. 120), considerar as diferenças sociais e regionais no país, não sendo possível falarmos de *família*, mas sim de *famílias*: “o uso no plural se faz no sentido de abarcar, dentro da concepção de família, a diversidade de arranjos familiares existentes hoje na sociedade brasileira”. A autora trabalha com a proposta de definição do que seria a família, isso ocorre no sentido de se abandonar modelos de famílias, portanto, indica que:

(...) a família pode ser definida como um núcleo de pessoas que convivem em determinado lugar, durante um lapso de tempo, mais ou menos longo e que se acham unidas (ou não) por laços consangüíneos. Ele tem como tarefa primordial o cuidado e a proteção dos seus membros, e se encontra dialeticamente articulado com a estrutura social na qual está inserido (1997, p. 120).

Sarti (2004), na mesma direção de Miotto (1997), explana que é necessário que o pesquisador realize um esforço de “estranhamento” no que se refere aos estudos sobre a família, pois há uma tendência, tanto no campo de atuação profissional, quanto no campo da pesquisa em se confundir a família com a “nossa família”. Ou seja, é projetado entendimento da família do pesquisador sobre àquelas as quais se está estudando e observando. Os pesquisadores, ainda, teriam inclinações à naturalização das relações familiares como “unidade biológica

de reprodução”, que se relacionam com os eventos do “(...) nascimento, acasalamento, o crescimento e o envelhecimento”, que acontecem segundo as regras sociais e do próprio tempo (sentido cronológico). A naturalização biológica das relações sociais transformou-se em modelo de família a ser seguido, por conseguinte, a instituição do discurso do que seria normal ou não.

Sarti em seus estudos²⁸ enfoca a “construção da noção de família” por parte dos sujeitos da pesquisa, moradores de comunidades empobrecidas, e no lugar de definir teoricamente a família, propôs à priori, pensar a família a partir da noção que a própria família elabora sobre si. Sugerindo, assim, uma abordagem sobre a família como:

(...) um universo de relações, que se delimita pela história que se conta aos indivíduos desde que nascem, ao longo do tempo por palavras, gestos, atitudes ou silêncios, e que será por eles reproduzida e ressignificada, à sua maneira, dados os distintos lugares e momentos dos indivíduos na família (...). Concebida como uma realidade que se constitui, portanto, pela linguagem socialmente elaborada e internalizada pelos indivíduos por um mecanismo necessariamente relacional (...). (SARTI, 2004, p. 117).

Para a autora no processo histórico de reprodução e ressignificação possível, que ocorre no plano da cultura, a família tornou-se um campo privilegiado para se pensar as relações: “o indivíduo e a sociedade, o subjetivo e o objetivo, o biológico e o social”. (Sarti, 2004, p. 117).

Inspirada nas formulações de Levi-Strauss²⁹ sobre parentesco, a autora, enfoca uma configuração de ordem cultural das diversas relações que compõem o parentesco (entre marido e mulher, entre pais e filhos, etc.), tal como os próprios atores explicam e vivem. A família, então, se delimitaria simbolicamente a partir do discurso de si própria, o que acaba operando como um discurso social que se institui culturalmente “(...) e que comporta uma singularidade que diz respeito à noção do eu”. Assim, é a partir das referências familiares que o indivíduo se constitui socialmente. Cada família constrói a sua própria história (ou seu próprio mito) entendido como “uma formulação discursiva em que se expressam o significado e a explicação da realidade vivida (...)” (Sarti, 2004, p. 118).

²⁸ Foram realizados em bairros da periferia de São Paulo.

²⁹ Formulação teórica conhecida como a “Teoria da Aliança”, que aponta um sistema de parentesco como um todo e as regras que presidem suas relações.

É importante mencionar que para autora a realidade social pode ser concebida como um universo simbólico em que há um caráter inconsciente dos costumes internalizados sem que os indivíduos percebam. Ou seja, entre o mundo exterior e o mundo subjetivo, as construções simbólicas operam numa relação especular, o que também acontece na família. Isto significa que o discurso social sobre família reflete nas diferentes famílias como um espelho. Mas em cada caso há uma tradução do discurso que será devolvida ao mundo social como uma imagem que é filtrada pela singularidade das experiências familiares.

Outro aspecto importante é que para Sarti (2004) seja qual for a composição e organização da família, seria a mesma um filtro por meio do qual o indivíduo começa a “ver e a significar o mundo”, pois nela aprendemos a falar e por meio da linguagem realizar ordenações e dar sentido às experiências vividas. Então, o processo de crescimento de todos os membros, ao longo da vida, desde que se conceba que as experiências podem ser reelaboradas recaem sobre a idéia de que crescer não é apenas um processo biológico, mas também simbólico.

Ao relacionar argumentações de Sarti (2005) e Mito (1997) no sentido de tecer considerações que respaldaram o presente estudo, destaco que: pensar uma definição teórica sobre a família pressupõe considerá-la como instituição histórica que se relaciona dialeticamente com as dimensões: social, política e econômica; abandonar modelos pré-concebidos é condição *sinequanon*, no entendimento e observação da diversidade de arranjos familiares no Brasil; e por fim elaborar uma noção de família a partir do discurso que constroem sobre si mesmos supõe priorizar as evidências do cotidiano, sobretudo a dimensão cultural, que remete a símbolos e significados.

Sobre a especificidade do presente estudo que se remete à constituição do jovem no contexto da família cabe dizer que de acordo com Sarti, a família tem um papel preponderante ao longo da vida dos sujeitos:

Em relação às crianças, desde que nascem, é determinante o papel estruturante que tem a família em suas relações, mas não apenas na infância. Ela mantém-se como referencial mesmo nas transformações da vida adulta. A diferença está em que, sobretudo no mundo dos jovens, se diversificam os eixos de referência estruturantes, em permanente relação com o mundo familiar (1999, p. 101).

E o processo de significação e ressignificação acontece em dois momentos: por meio da socialização primária e da secundária, a primeira está relacionada à infância é a base estrutural na conexão com a segunda, vinculada aos processos que introduzem os indivíduos em setores diversos da sociedade, que decorrem de instituições “enraizadas” na divisão do trabalho.

Em outras palavras, conforme Durand:

O processo de socialização é subdividido teórica e conceitualmente em dois momentos, a saber: socialização primária e socialização secundária. A primeira consiste na transformação do homem (que ao nascer é apenas um organismo biológico) em ser social típico: de um gênero, de uma classe, de um bairro, de uma região, de um país. A segunda deriva da divisão do trabalho e, portanto, da necessária e inevitável distribuição social do conhecimento, que consiste em todo o processo subsequente de inserção do homem, já socializado, em novos setores institucionais (2000, p.71).

Cabe explicar que a família e a escola são espaços socializadores importantes, respectivamente relacionados à socialização primária e secundária. Contudo, a modernização e as transformações sociais globais que ocorreram nas últimas décadas acabam por alterar, de forma significativa, a vida das pessoas em sociedade, sobretudo a condição social dos jovens. Apesar disso, a família ainda constituiria uma forma de mediação entre os homens e a sociedade, portanto neste âmbito seria interiorizado não somente os aspectos ideológicos dominantes na sociedade, mas se projetaria modelos de relação que são criados e ressignificados dentro do próprio grupo e na relação com os outros.

Durand indica que devido às mudanças sociais que ocorreram neste fim de século surgiram novos processos socializadores, o que implicou:

(...) numa nova organização nos padrões de funcionamento, nos comportamentos, nos hábitos e, de certa forma, até nos lugares e espaços onde os fatos se produzem. São visíveis as mudanças na política, na família, na escola, no trabalho. Nesse contexto, como não poderia deixar de ser, encontram-se os jovens, enfrentando os desafios das definições e afirmações de sua condição, num mundo onde tudo é questionável e mutável. (2000, p.41).

Diante disso, os agentes responsáveis pela socialização como a família, a escola, o trabalho, a igreja, entre outros, sofrem um descompasso no sentido de acompanhar as mudanças, e também como já sinalizado vem surgindo nos últimos anos (...) uma possível crise da família como instituição socializadora. Junto com o trabalho e a escola, alguns autores vêm ressaltando que a família estaria perdendo seu papel central de orientação e de valores para as gerações mais novas” (Dayrell, 2005, p. 31).

As argumentações de Sarti (1999), Durand (2000) e Dayrell (2005), perpassam a questão da socialização. Porém enquanto Sarti afirma que a família têm papel “estruturante” ao longo da vida dos sujeitos, Dayrell enfatiza que esse papel está ao longo do tempo ressignificado, ou seja, vêm se alterando conforme a organização e configuração familiar no contexto onde se situam.

Sob essa ótica é relevante trazer a família, conforme Sarti (2004), a partir do discurso simbólico que elabora sobre si mesma e conforme Mito (1998) como um espaço de convivência entre sujeitos que compartilham experiências num determinado tempo e espaço, cujas relações perpassam as que se remetem aos laços de consangüinidade. A família é, portanto uma instituição histórica que por se relacionar dialeticamente com as esferas sociais, econômicas, políticas e culturais vem sofrendo mudanças decorrentes das transformações macros que afetam a sociedade. Constata-se que há uma diversidade de estudos ligados a diversas perspectivas que contribuem para objetivar uma definição sobre a configuração da família.

Desde uma definição que permeia o caráter mais estatístico às que priorizam as dimensões sociais e culturais com as quais a família está articulada. Com o intuito de situar algumas perspectivas De Lima (2006) em seu trabalho aborda três concepções de família que colaboram na aproximação de definições ou noções, são elas: definição de família como agregado doméstico, nas Pesquisas Estatísticas Brasileiras e como Rede de relações.

a) Família como Agregado Doméstico³⁰: concepção que tende a compreender a família como um agregado doméstico, a partir de um elemento que é a co-residência, ou seja, as pessoas têm “uma convivência comum em um

³⁰ Conforme De Lima (2006) o termo Agregado Doméstico é equivalente ao termo Arranjo Domiciliar que é um termo utilizado para definir o grupo de pessoas que vivem numa unidade doméstica.

mesmo espaço habitacional, que pode se chamado de casa”. (De Lima, 2006, p.28). Os agregados domésticos não se organizam somente em função das relações de laços de sangue ou parentesco, mas também pelo tipo e a quantidade de núcleos familiares que os compõem. A forma como as pessoas se organizam no espaço doméstico e como “marcam” suas relações constituem tipos diferentes de agregados: agregado doméstico sem núcleo familiar (composto por pessoas só, ou um grupo de pessoas que coabitam o mesmo espaço, cujo elemento definidor é a ausência de núcleo conjugal ou de parental); agregado doméstico de família simples (casal sem filhos e sem demais pessoas, casal com filhos sem outras pessoas ou pai ou mãe com filhos sem outras pessoas); Agregado doméstico de família alargada³¹ (casal com ou sem filhos com demais pessoas parentes ou não, pai ou mãe com filhos e outras pessoas e avós com netos com ou sem outras pessoas; Agregado doméstico de família múltipla (família com dois, três ou mais núcleos conjugais ou parenteral.

b) Família nas Pesquisas Demográficas Brasileiras: O IBGE define a família a partir do espaço doméstico “(...), entretanto, preocupa-se com as subdivisões feitas no interior destas, tendo como base a família uma pessoa que se responsabiliza e/ou provê a família, denominada pessoa de referência” (De Lima, 2004, p. 30). Há uma preocupação em se identificar em domicílio a convivência de núcleos familiares diversos, mas que convivem no mesmo espaço e podem ter ou não laços de parentesco. O elemento definidor nesse caso do núcleo familiar é a dependência das pessoas com relação à pessoa referência, “geralmente a dependência é econômica”.

c) Família como Rede de relações: a família, para além do grupo que habita o mesmo espaço é compreendida como um grupo de pessoas que “mantém relações entre si, sem necessariamente conviverem em um espaço comum” (De Lima, 2006, p. 32). Nesse sentido é possível perceber as famílias com suas diversas constituições, e das “relações e inter relações que se processam ao longo da sua vida temporal”. Ou seja, um dos elementos importantes é observar e compreender as redes com as quais a família estabelece relações e que, sobretudo gera uma rede de obrigações. Nesse caso podem-se situar as famílias consideradas pobres:

³¹ O mesmo que famílias complexas.

A rede de obrigações que se estabelece configura, assim, para os pobres a noção de família. Sua delimitação não se vincula à pertinência a um grupo genealógico, uma vez que a extensão vertical do parentesco restringe-se àqueles com que convivem ou conviveram (...). Para eles, a extensão da família corresponde à rede de obrigações: são da família aqueles com que se pode contar, quer dizer aqueles em quem se pode confiar” (SARTI, 2006, p. 33).

2.3 CONSTRUCIONISMO SOCIAL E A REDE DE SIGNIFICAÇÕES

As discussões teóricas sobre a Juventude e a Família me levaram a abordar também outras aproximações que permitiram o conhecimento quanto às questões relacionais. Por conseguinte abordei as perspectivas metodológicas conhecidas como Construcionismo Social e Rede de Significações que convergem no tocante a sua base fundamental cujo pensamento é delineado pela denominada matriz sócio-histórica que por sua vez comporta ou “(...) é composta por elementos sociais, econômicos, políticos e culturais, historicamente construídos e em contínua construção. Ela apresenta uma natureza fundamentalmente semiótica³² e tem concretude no aqui e o agora das situações” (Ferreira-Rossetti, et all, 2004, p.95). A matriz sócio histórica evidencia dois elementos principais: o primeiro relacionado às condições socioeconômicas e políticas, que mostram as condições concretas de vida de um determinado grupo ou comunidade, ou seja, as condições em que a pessoa vive, nasce e se desenvolve, junto a isso às pressões que estão submetidas. O segundo voltado às práticas discursivas ligadas às representações, símbolos e significados imbricados em períodos históricos e processos sociais deferentes.

A matriz sócio-histórica por sua materialidade no “aqui e agora das situações, nos componentes pessoais, nos campos interativos e nos contextos” se revela, por exemplo: (...) na organização de espaços, das rotinas, das práticas e dos discursos circunscritos a um determinado grupo de pessoas e contextos, e através do próprio corpo, possibilitando e delimitando campos interativos,

³² Estuda os fenômenos culturais como se fossem sistemas signícos, isto é, sistemas de significação. Ocupa-se do estudo do processo de significação ou representação, na natureza e na cultura, do conceito ou da idéia.

favorecendo certas organizações sociais, certos significados e sentidos” (Ferreira-Rossetti, et all, 2004, p.27).

Decorrente disso as perspectivas citadas abordam algumas categorias que interessam para esse estudo como: a vida cotidiana, a temporalidade, os significados e os papéis. Além do que ambas consideram que os sujeitos se constituem relacionalmente ou dialogicamente, ou seja, sempre na presença de outro sujeito. “A realidade da vida cotidiana é partilhada com os outros. (...) de fato, não posso existir na vida cotidiana sem estar em interação ou comunicação com os outros” (Berger; Luckmann, 1985, p. 40) e também: As características pessoais são construídas na história interacional de cada um e tomam sentido em relações situadas e contextualizadas. O outro se constitui e se define por mim e pelo outro, ao mesmo tempo que eu me constituo e me defino com e pelo outro. (Ferreira-Rossetti, et. all, 2004, p. 25).

Entretanto, o construcionismo social perpassa a constituição das instituições socializadoras, as formas de socialização e a interiorização da realidade que, sobretudo é construída socialmente. A Rede de Significados aborda o desenvolvimento dos sujeitos durante o seu ciclo vital por meio de processos relacionais onde se aprende a significar ou atribuir significados, que são variáveis de acordo com os contextos.

Sobre o construcionismo social, uma vez que a pesquisa em tela aborda, entre outras questões, a constituição dos jovens na relação com instituições socializadoras família, trabalho, escola e grupos de sociabilidade é importante situar que o mundo institucional conforme Berger; Luckmann (1985) antecede ao nascimento dos indivíduos e o sucede depois que morrem e sendo produto objetivo e histórico não pode ser negado no sentido de que cabe aos próprios sujeitos alterá-lo ou legitimá-lo. Em outras palavras, há um arcabouço de valores e normas que são transmitidos, na maioria das vezes de forma coercitiva, por meio das instituições existentes, ou seja, a realidade já aparece objetivada no momento em que os sujeitos entram em cena, e ao longo de suas vidas podem mudá-la ou dela apropriar-se. Sendo que a transmissão de tais normas e valores pode ocorrer por meio dos processos de socialização primária e secundária, em que os sujeitos aprendem os significados sociais e ao se identificar com eles transforma-os em seus próprios significados. Sendo que a primária está relacionada à infância é a

base estrutural na conexão com a segunda, vinculada aos processos que introduzem os indivíduos em setores diversos da sociedade, que decorrem de instituições “enraizadas” na divisão do trabalho.

Dessa forma na socialização primária é “construída o primeiro mundo dos indivíduos”, aliás, o mundo possível³³ e objetivado para ela, finda quando a criança toma consciência de si e dos outros e percebe que é um sujeito que se relaciona socialmente. Mas para Berger; Luckmann (1985) a socialização é um processo que “não é total nem acabada” e sobretudo é variável em função de condições materiais de existência dos sujeitos. Quanto à socialização secundária “é aquisição do conhecimento de funções específicas, (...) direta ou indiretamente com raízes na divisão do trabalho” e também com a distribuição social do conhecimento”.

A importância de considerar a relação dos jovens com as instituições clássicas de socialização advém da questão do processo de mudanças, que alguns autores intitulam como crise, e que vêm ocorrendo no âmbito das mesmas, provocando senão uma crise, pelo menos um processo de reorganização. Tais mudanças oriundas de uma sociedade cada vez mais globalizada e desigual afetam consideravelmente a vida das pessoas, sobretudo a dos jovens.

Segundo Peréz:

Asistimos em estos tiempos a uma de las transformaciones más importantes em la história de la humanidad: nunca antes el conocimiento habia jugado um papel importante ni había afetado tanto la vida cotidiana das personas. El echo más significativo es lá manera como la globalización o mundilización toca todas la gentes produciendo uma reorganización y uma recontextualización de los entornos inmediatos, antes protegidos por la particularidad de los medios sociales y su relativo aislamiento de otras realidades (1996, p. 17).

A reorganização da sociedade afeta os processos de socialização porque eram as instituições clássicas que cumpriam o papel de agentes socializadores. Mas surgiram outras formas de socialização e agentes produzidos por novas formas de conhecimento³⁴ emergentes implicando em práticas³⁵ que vão transformando as instituições e também redimensionando a vida cotidiana.

³³ Porque interioriza segundo os autores o mundo dos pais.

³⁴ Tecnológico e informacional.

³⁵ Refiro-me ao redimensionamento das práticas políticas, culturais, econômicas, sociais, entre outras.

Conforme Durand:

(...) numa nova organização nos padrões de funcionamento, nos comportamentos, nos hábitos e, de certa forma, até nos lugares e espaços onde os fatos se produzem. São visíveis as mudanças na política, na família, na escola, no trabalho. Nesse contexto, como não poderia deixar de ser, encontram-se os jovens, enfrentando os desafios das definições e afirmações de sua condição, num mundo onde tudo é questionável e mutável. (2000, p. 44).

É necessário situar também, as demais categorias que são importantes para o estudo em questão. Em termos explicativos a vida cotidiana, ou melhor, a realidade da vida cotidiana remete-se ao que parece fugaz, pois trata-se do aqui e do agora, ou seja é o presente em foco. Mas a vida cotidiana é experimentada na relação com acontecimentos de “diferentes graus de aproximação distância, espacial e temporal”. Como ilustração, um jovem pode objetivar a sua realidade por meio dos estudos, do trabalho, entre outros, onde está sempre na relação com os outros, no entanto, há, por exemplo, a dimensão dos sonhos, realidade que a pessoa tem consciência da sua existência. No entanto, conforme Berger; Luckmann (1985) o que diferencia a realidade da vida cotidiana de outras realidades que se tem consciência é o fato de que nela as pessoas não estão objetivamente sozinhas, mas estão na relação com os outros “na situação face a face o outro é apreendido por mim num vívido presente partilhado por nós dois. Sei que no mesmo vívido presente sou apreendido por ele. Meu “aqui e agora” e o dele colidem continuamente (...) (idem, p.47). Importante é destacar que o cotidiano não está fora da história, ou seja é por meio do cotidiano que o sujeitos fazem a história “A vida cotidiana não está ”fora” da história, mas no “centro” do acontecer histórico (...). Toda grande façanha histórica concreta torna-se particular e histórica precisamente graças ao seu efeito posterior na cotidianidade. O que assimila a cotidianidade da sua época assimila, também, com isso o passado da humanidade” (Heller, 2004, p.20).

Dessa forma a vida cotidiana comporta o que pode ser chamado teoricamente de temporalidade. Para Berger; Luckmann (1985) os sujeitos se deparam com a imposição de alguns tempos, por exemplo, o corpo na sua condição física que se organiza nos ciclos da vida (infância, adolescência,

juventude, maturidade, velhice) assim como a sociedade enquanto realidade socialmente construída impõe a realização de determinadas atividades em detrimento das fases desse ciclo, sendo que essas determinações permitem que as pessoas se orientem cotidianamente. “A estrutura temporal da vida cotidiana não são somente seqüências predeterminantes à minha “agenda” diária quanto minha completa biografia. O relógio e a folhinha asseguram de fato que sou um “homem do meu tempo” (Berger; Luckmann, 1985, p.46).

Ferreira-Rossett, et all (2004), que têm seus estudos mais voltados para o desenvolvimento humano diz que a temporalidade, ou dimensão temporal seria composta por quatro tempos: o tempo presente (seria o aqui e o agora), o tempo vivido (que está vinculado aos processos de socialização), o tempo histórico (socialmente construído durante períodos relativamente longos) e o tempo prospectivo (que está orientado para o futuro). Sendo que “Essas quatro dimensões temporais encontram-se dinamicamente inter-relacionadas, umas sustentando, contrapondo-se, confrontando-se e transformando as outras” (Ferreira-Rossetti, et all, 2004, p. 28). O que implica em considerar que as pessoas passaram por experiências anteriores, que carregam diferentes histórias de vida e que fazem planos e têm expectativas diferentes para o futuro.

Na trama³⁶ que envolve a constituição dos sujeitos, que compõe a vida cotidiana e a realidade construída socialmente, surge a atribuição dos significados, ou seja, num contexto específico os sujeitos significam sua existência e tanto para Berger; Luckmann (1985), quanto para Ferreira-Rossetti, et all (2004) a linguagem ou a palavra media o conhecimento da realidade. Assim, a linguagem ou a palavra pode ser considerada como signo³⁷ porque, conforme Ferreira-Rossetti:

(...) se destaca a palavra como signo por excelência, como modo mais puro e sensível de relação social, ao mesmo tempo material. Constituindo uma *especificidade* do humano – viabiliza modos de interação e de operação mental -, possibilita ao homem não apenas indicar, mas nomear, destacar e referir pela linguagem, e pela linguagem orientar, planejar, (inter) regular as ações; conhecer o

³⁶ Que pode ser pensada ilustrativamente conforme Ferreira-Rossetti, et all (2004) como uma forma de interligações, canais e fluxos.

³⁷ Ferreira-Rossetti, et all (2004) consideram o signo como o que se produziu, que age, que repercute nas relações dos sujeitos.

mundo, conhecer-se, tornar-se sujeito; objetivar e construir a realidade (, et all , 2004, p. 42).

Ao construir a realidade, os sujeitos desenham suas trajetórias atribuindo signos, que se traduzem em significados, ao mesmo tempo em que signos lhe são atribuídos, uma vez que essa realidade é construída socialmente. Sendo a linguagem ou a palavra uma das formas de objetivação dessa relação. No contexto das significações também há uma relação necessária a se fazer no tocante à noção dos “papéis” que podem ser sociais ou psicológicos. O primeiro está relacionado, por exemplo, com o ser mãe, mulher, jovem e o segundo é a forma como esses papéis são desempenhados. Por conseguinte, a significação dos papéis assumidos pelos sujeitos precisam ser entendidos contextualizados social e culturalmente.

Pois para Ferreira-Rossetti:

(...) só são entendidos na totalidade da dinâmica de cada situação, no embate dos processos de restringir e ampliar campos de significação, daí a importância dos episódios sociais, pois favorecem uma compreensão maior do modo como se dá o processo dinâmico de construção de si mesmo nas práticas discursivas (et all , 2004, p. 79).

Ainda, sobre a noção dos papéis, e como já mencionei anteriormente o estudo prioriza a relação dos jovens com as instituições socializadoras, com um recorte que direciona para a relação com a família, é importante observar o que dizem Berger; Luckmann “Ao desempenhar papéis, o indivíduo participa de um mundo social. E ao interiorizar estes papéis, o mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele (1985, p. 132).

O processo do desenvolvimento humano é sempre relacional, ou seja, objetivado na relação com os outros e aonde e por conta disso os sujeitos vão atribuindo significados no decorrer de sua existência, que variam de acordo como as pessoas nascem, crescem e se desenvolvem, ou seja, dependem das suas condições materiais históricas, econômicas, políticas, culturais, étnico-raciais, entre outras. Por conseguinte, e, de uma forma imediata o relacional circunscreve a vida cotidiana que é uma realidade construída socialmente e é nisso que pauta-se essa pesquisa: A vida cotidiana dos jovens do Bairro Monte Cristo, que mostra

uma realidade construída socialmente e que se constitui por meio das relações com os outros e nisso se objetiva. No entanto, o outro no nosso caso de estudo são as instituições socializadoras a família, a escola, o trabalho e os grupos de sociabilidade. Uma vez que, também por meio da relação com tais instituições o jovem vai se constituindo jovem e construindo sua trajetória de vida.

III SITUAÇÃO JUVENIL, COTIDIANO E TRAJETÓRIAS

O Caleidoscópio e a Farela

Parte II

É, olha aí: gira, gira, gira:

Nos seus olhos há tristeza e sua voz está contida

O Jovem chorou porque ao contar sua trajetória percebeu o quanto é difícil falar de si mesmo, lembrou que um dia teve fome e frio. Sim, lá geada no inverno, ele tinha que ir de sandálias para Escola.

Gira, gira, gira: Mas em 2006 ele concluiu o ensino médio, deseja que sua irmã seja feliz, quer “ficar de boa” e quer curtir.

Hei, espera aí: gira, gira, gira

Você ouviu? Sim estou ouvindo. Foi você que caguetou? Não, não, ai, ai, não fui eu, não fui eu. Os gritos vêm dali (...). Do beco? Uhum dali.

Gira, gira, gira:

Que sorriso encantador, ele quer crescer na vida, se formar, ter um bom emprego e casar. É sua mãe faleceu há pouco, há saudades em seu olhar.

Gira, gira, gira: Mas a vida tem que continuar, como sempre está atento e gosta de estudar, para o 3º ano do ensino médio conseguiu passar.

Gira, gira, gira:

Oi, beijo no rosto e um abraço. Tudo bem com você? Uhum. Não tenho visto teu irmão, podes me dizer onde ele está? Ah, só ir ao beco e procurar. Sim, mas ele está no beco a tramar?

Gira, gira, gira:

Tu declaras ter 18 anos, ser solteira, estar estudando e ser branca. Eu acho né? Eu não sei, eu acho que eu sou, ou eu sou morena? Acho que branca eu sou.

A jovem saiu de casa cedo, pois difícil era de se relacionar com o alcoolismo, doença da mãe, que dificultou a convivência familiar.

Gira, gira, gira: Mas uma casinha conseguiu comprar, com sua filha e a irmã, e também com a ajuda do pai, construíram um novo lar e sonha um dia uma faculdade cursar.

Gira, gira, gira: O que aconteceu? Não sei. As entradas da favela estão cercadas e há um helicóptero sobrevoando o lugar, começou lá e agora veio pra cá. A polícia no beco entrou, entre outras coisas que encontrou, um jovem levou.

Gira, gira, gira:

Como assim? A jovem comunicativa e falante aos doze anos de idade pela primeira vez se casou, não deu certo e se separou, então novamente casou. É ela também chorou, quando lembrou que com quinze anos, uma filha, sozinha pariu, e depois de limpar a filha, com muitas dificuldades o seu pedido de ajuda alguém ouviu.

Gira, gira, gira:

É sim, e o tempo passou e agora são duas filhas para cuidar, não pode trabalhar porque uma delas não tem com quem deixar. No casamento com dificuldades está, mas com o tempo as coisas vão se ajeitar.

Gira, gira, gira:

Que muduca é essa? Crianças, jovens, velhos, mulheres e homens, tem pessoas por todo lugar. Ah, o Natal vai chegar, e brinquedos alguém vai entregar.

Gira, gira, gira:

O jovem alegre e falante num daqueles dias foi prestar concurso para o vestibular, mas datada não era a foto da sua inscrição e por isso não o deixaram entrar.

Gira, gira, gira: Mas no ensino médio se formou e acha legal e quer como cobrador de ônibus trabalhar quem sabe um dia arqueologia cursar.

Gira, gira, gira: Há uma espécie de calma nas ruas e becos da favela, férias, Natal, Ano Novo e Alegria. Não, observe bem, há também correria, pois o povo daqui continua trabalhando para ter o pão de cada dia.

Gira, gira, gira:

Naquele dia o gravador quebrou, caiu no chão e a entrevista desgravou, então preocupada ao jovem perguntei, e agora o que fazer? O jovem paciente e tranquilo falou: vamos novamente a entrevista fazer, mas agora você vai ter que escrever.

Gira, gira, gira:

É ele conseguiu emprego, é longe, sai as 14h da tarde e volta de madrugada, mas ele quer trabalhar, pois uma moto quer comprar. Ah! Sim e sua mãe ele nunca vai deixar.

Carla

Florianópolis, 08/01/2007.

A situação juvenil, como já foi mencionada, expressa a forma como os jovens vivenciam a condição juvenil. Tal situação é perpassada por questões específicas do cotidiano e são intrínsecas às relações culturais, de gênero, sociais, econômicas, étnicas raciais, entre outras. Ao observar as nuances do cotidiano em que os jovens estão inseridos e ao conhecer melhor suas trajetórias foi possível olhar de forma mais diretiva a situação juvenil dos jovens envolvidos na pesquisa. Além do que ao considerar conforme Berger; Luckmann (1985), a realidade como socialmente produzida e construída foi necessário estar atenta à diversidade de elementos evidenciados diante a opção pelo Estudo de Caso, pelo Grupo Focal e pelas abordagens individuais com os jovens e com as famílias, por meio do questionário e de entrevistas.

O critério inicial foi a experiência e a vivência, dessa forma parti do fato de ter conhecido os jovens no espaço organizacional da Casa Chico Mendes, a partir de dois mil e dois (2002), ano em que também me inseri nessa instituição. Por meio de conversas informais com os profissionais da organização e com lideranças sócio-comunitárias organizei uma lista com 31 jovens. Uma vez identificados os jovens e localizados fiz o convite³⁸ para que participassem do processo, ao mesmo tempo em que os orientei quanto aos procedimentos da pesquisa. Expliquei que o processo de coleta de dados compreendia três

³⁸ Em anexo.

momentos: o preenchimento do questionário, a participação no grupo focal³⁹ e as entrevistas individuais e com uma referência familiar que seria indicada pelo jovem.

Localizei e entreguei o questionário⁴⁰ para 26 jovens, sendo que desses 19 foram devolvidos preenchidos. O questionário foi organizado com o intuito de retratar a situação juvenil vivenciada pelos sujeitos da pesquisa juntamente com as relações das instituições clássicas de socialização e contemplava questões subjetivas sistematizada nos seguintes itens: I - Identificação, II - o Jovem na relação com a família, III - Na relação com a Escola, IV - Na relação com o Trabalho, na V – na relação com os Grupos de Sociabilidade e na VI – na Relação com a Mídia Falada, Escrita e Eletrônica. Entre as questões, três objetivavam uma aproximação inicial com as temáticas juventude e família, a saber: O que você entende por família? Quem é a tua família? O que você entende por juventude?

O questionário foi organizado com perguntas subjetivas que tinham o intuito de contemplar a diversidade de respostas possíveis e possibilitar a emergência de elementos que repostas objetivas (seletivas) poderiam não apontar, mesmo sabendo que as questões subjetivas implicariam numa maior dificuldade por parte dos jovens em respondê-las. Além disso, foi acordado um prazo a devolução⁴¹ do questionário na Casa Chico Mendes. O que chamou a atenção foi boa aceitação em responder o questionário e a pontualidade dos jovens ao entregá-los.

Uma vez encerrada essa etapa comecei a mobilização dos jovens que responderam os questionários para a organização do Grupo Focal por meio da entrega de convites. “O Grupo focal é uma técnica de avaliação que oferece informações qualitativas. Um moderador guia grupos, de aproximadamente 10 pessoas, numa discussão que tem por objetivo revelar experiências, sentimentos, percepções, preferências” ([www.fae.ufmg.Escplural/grupo focal.htm](http://www.fae.ufmg.Escplural/grupo_focal.htm), acessado em 20/10/2006).

³⁹ A possibilidade de organizar o grupo focal surgiu porque durante as visitas à Casa Chico Mendes várias vezes ficávamos (eu e os jovens) conversando sobre o cotidiano comunitário, sobre suas experiências na escola, entre outros assuntos.

⁴⁰ Em anexo.

⁴¹ Quando eu não estava presente na Organização, havia uma pasta disponível, sendo que os (as) colegas e profissionais que lá trabalham recebiam e guardavam os questionários.

Foram realizados quatro encontros⁴², sendo que nos dois primeiros expliquei de uma forma mais detalhada os objetivos da pesquisa, quem é o pesquisador, quem está envolvido no processo, entre outras questões. Agendamos datas e horários para os encontros específicos do grupo focal, que contou com a participação no primeiro encontro de seis jovens (uma mulher e cinco homens) e dois observadores⁴³. Já no segundo encontro houve desistência de um dos jovens, sendo que o mesmo não quis justificar o motivo pelo qual sairia do grupo.

No grupo focal discutimos com maior especificidade algumas relações já apontadas no questionário: num primeiro momento foi prioridade as questões contextuais da realidade do Bairro Monte Cristo, e num segundo a relação com a Escola e com os Grupos de Sociabilidade, que surgiram espontaneamente, e de forma mais direcionada as relações com o trabalho e com a família. No último encontro do grupo focal agendei as entrevistas individuais com quatro jovens, sendo que tais entrevistas foram realizadas na Casa Chico Mendes. Cabe ressaltar que foram realizadas mais duas entrevistas com jovens que responderam o questionário, e que estavam dispostos a realizar as demais entrevistas, mas justificaram não poder participar do grupo focal. Foi o caso da jovem D. (18 anos) que por não ter com quem deixar as filhas não podia participar das reuniões do grupo e também o jovem T. (18 anos), morador da Comunidade Novo Horizonte, que tinha dificuldades⁴⁴ em se deslocar à Chico Mendes, uma vez que os encontros eram à noite. As entrevistas individuais, com esses jovens foram realizadas nas suas residências.

As entrevistas individuais tinham um roteiro previsto, no entanto, foram realizadas de acordo com a situação que o jovem vivenciava naquele momento. As entrevistas, em se tratando das questões metodológicas são consideradas

⁴² No grupo focal os assuntos das reuniões são identificados por meio de um roteiro, e durante os encontros são realizadas entrevistas com os grupos “que são apropriadas para estudos que buscam entender atitudes, preferências, necessidades e sentimentos” (www.fae.ufmg.Escplural/grupo_focal.htm, acessado em 20/10/2006).

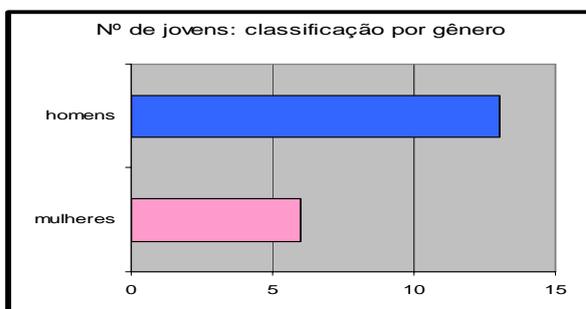
⁴³ Dois jovens que realizavam na época estágio Curricular de Pedagogia -UFSC colaboraram no grupo com observações e registros.

⁴⁴ É necessário enfatizar que a Comunidade Novo Horizonte e a Chico Mendes são adjacentes, fazendo parte do Bairro Monte Cristo, mas devido as rivalidades dos grupos locais, que na maioria das vezes estão ligados aos grupos do tráfico de drogas, os jovens que não têm envolvimento ficam impossibilitados de circularem no contexto comunitário sob ameaça de morte do grupo rival. No caso de T. o mesmo frequenta a Casa Chico Mendes, mas sempre acompanhado de sua mãe, que é uma liderança comunitária conhecida em ambas as comunidades, embora o jovem, como muitos outros, não faça parte de nenhum grupo.

como não diretivas, e conforme Zago definidas como compreensivas porque “o objetivo da investigação é compreender o social, e que de acordo com este, o que interessa é a riqueza do material (2003, p. 296)”. O roteiro contemplava questões como: origem da família, vivências no cotidiano comunitário, memórias da infância, adolescência e juventude, referências familiares, sonhos, e a pergunta central: Qual é o significado da família para você? As entrevistas foram encerradas com o pedido de que o jovem indicasse uma referência familiar para participar da última etapa da pesquisa. Por fim, por meio da indicação dos jovens realizei cinco entrevistas (também com roteiro previsto) com as referências familiares, sendo três pessoas indicadas pelos jovens do grupo focal e duas pessoas indicadas pelos jovens que descrevi anteriormente. A pergunta principal dessa etapa foi: quem é o jovem (x)⁴⁵ para você?

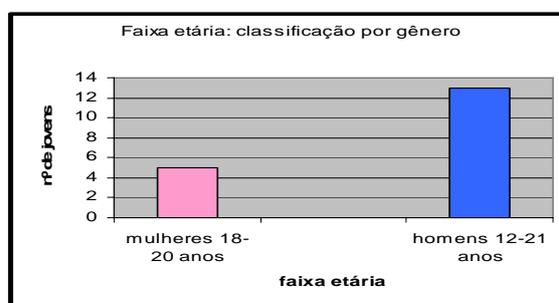
Quanto ao questionário foram devolvidos 19 preenchidos, sendo 13 preenchidos por homens e 6 preenchidos por mulheres conforme os gráficos abaixo. No total dos dezenove questionários as idades variaram entre 12 e 21 anos, no entanto a faixa mais representativa é a que abrange as idades entre 15 a vinte anos (com 14 questionários respondidos). Quanto ao gênero tivemos como faixa representativa as idades de 18 a 20 anos (com 5 questionários respondidos) para as mulheres, e, entre homens houve uma maior variação nas idades, pois esses representaram 68.4% dos que responderam o questionário. As idades mais representativas variaram entre 12 a 21 anos (com 13 questionários respondidos).

Gráfico 1
Nº. de jovens que responderam o questionário



Fonte: Dados do Questionário Juventude Família Questões Relacionais, 2006.

Gráfico 2
Faixa etária representativa dos jovens que responderam o questionário



Fonte: Dados do Questionário Juventude Família Questões Relacionais, 2006.

⁴⁵ O x refere-se ao nome do jovem que estava sendo entrevistado naquele momento.

Os dados mostram que houve uma maior participação dos homens na pesquisa, situação que também ocorreu no grupo focal⁴⁶. Outro exemplo que pode ser destacado é de que em algumas atividades, como o *Café com Livros*, foram realizadas no período noturno no ano de 2005, e mesmo no espaço institucional da Casa Chico Mendes (cafés, almoços, jantares, entre outros.) a predominância era masculina. Sobre essa questão, os jovens da pesquisa apontam algumas possibilidades explicativas sobre a predominância:

É chegam umas meninas e comentam que lá por ser a maioria homens, os pais ficam preocupados que aconteça alguma coisa, porque aqui é um espaço liberal onde todo mundo pode expressar suas opiniões. As pessoas acham que é uma bagunça. Os pais não vão deixar as filhas ir lá por que acham que é uma bagunça. Um pouco acho que é isso (K. A. C, 2006).

O jovem expressa que há uma margem de possibilidades e escolhas que podem fazer quanto às atividades que desenvolvem no âmbito da Casa Chico Mendes, sobretudo no Projeto Nossa Casa, que tem sua atenção voltada para o público juvenil. Dessa forma as ações vão se caracterizando dentro da perspectiva juvenil, muitas vezes não compreendidas pelos adultos.

Outros jovens indicam a possibilidade de que as atividades que realizam não são as que as jovens gostam de realizar “É pode ser que não estejam a fim de vir aqui jogar ping - pong com os homens” (N. F. da C., 2006). Na mesma direção o comentário “Acho que elas não querem jogar ping - pong. Tem que ter mais atividades que elas gostem” (V.C.C, 2006). Aqui emerge a indicação de que é necessário estar atento ao público juvenil feminino e criar junto com elas outras possibilidades de participação. Porém, nas atividades realizadas no Café com Livros, que fazia parte desse Projeto, embora a predominância fosse masculina havia um número considerável de mulheres, em torno de cinco.

⁴⁶ Onde participaram cinco jovens e uma jovem.

3.1 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE O BAIRRO MONTE CRISTO: CENAS DO COTIDIANO JUVENIL

Com o objetivo de ajustar o giro do *caleidoscópio* para a realidade e o cotidiano dos sujeitos da pesquisa nesse item descrevi um pouco da história do Bairro Monte Cristo e situei algumas questões que emergem desse contexto. Uma vez que a capital Florianopolitana é conhecida como excelência⁴⁷ em qualidade de vida. Entretanto, ao adentrarmos suas entranhas é possível observar, que segue o rumo das grandes capitais, a diferença que nessas tudo é visto a olho nu. Já aqui as belezas naturais e o embelezamento urbanístico da cidade escondem um cotidiano de empobrecimento e vulnerabilidade social de famílias e jovens, que muitas vezes só se fazem conhecidos, quando são notícias e estatísticas policiais.

Durante o período⁴⁸ em que trabalhei na Casa Chico Mendes observei o processo de transformação urbanística ocorrida no Bairro Monte Cristo⁴⁹. O processo foi acentuado nas Comunidades Novo Horizonte, Chico Mendes e Nossa Senhora da Glória, que entre outras⁵⁰ formam o Bairro Monte Cristo. São visíveis as transformações, entre tantas destaque: dos becos e ruelas à avenida, ainda em construção, que atravessará as comunidades Chico Mendes e Nossa S^a. da Glória. Dos casebres aglomerados às casinhas de alvenaria, entre tantas outras modificações. Nas palavras do jovem a caracterização das comunidades há 15 anos: “Era um barral, uma casinha em cima da outra, sem iluminação” (R.L. da S., 2006).

Ou como lembra outro jovem:

⁴⁷ Conforme consta no Atlas de Desenvolvimento Humano de 2003 a Grande Florianópolis com um IDH-M de 0,86, tem o melhor IDH-M (desenvolvimento humano) entre as 33 regiões metropolitanas do país e outras seis cidades catarinenses estão entre dez mais bem classificadas no ranking do IDH-. O Estado concentra ainda as três primeiras colocadas: depois da Grande Florianópolis, vêm os núcleos metropolitanos da RM Norte/Nordeste Catarinense (Joinville) em segundo lugar, e da RM do Vale do Itajaí (Blumenau) em terceiro, ambos com IDH-M de 0,85. Ver site www.pnud.org.br/atlas.

⁴⁸ 2002-2006.

⁴⁹ Decorrente da execução do Projeto Habitar Brasil - BID, sob a responsabilidade da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

⁵⁰ O bairro Monte Cristo é formado atualmente por nove comunidades organizadas: Chico Mendes, Nossa Senhora da Glória, Monte Cristo, Promorar, Santa Terezinha I e II, Nova Esperança e Panorama. Está localizado na região continental de Florianópolis e faz divisa com o município de São Jose.

(...) quando eu vim para cá era bem diferente, tinha bastante casas, tudo pequeno e barro, as escadas não eram escadas, eram assim barro mesmo, quando chovia era o maior lamaçal. Ai quando a gente saiu ali de cima e veio aqui para baixo, aí sim as casas começaram a aumentar. Quem veio morar aqui começou a fazer casas novas, muitas dessas pessoas começaram a reivindicar porque onde estavam era ruim por causa do esgoto, o chão era ruim. E aí a prefeitura começou, porque alguém começou a reivindicar (I. A. C., 2006).

Por um lado e de uma forma explícita, pelo menos para quem (muitos dos ilhéus, dos moradores do continente e turistas) passa às margens da Via Expressa⁵¹, o bairro Monte Cristo possui uma fachada estética que é de um conjunto de casinhas coloridas. No entanto é nas entranhas das comunidades que a realidade se desvela e mostra o processo de empobrecimento das famílias⁵² que ali se fixaram, a partir dos anos 1970. Empobrecimento que iniciou no campo e acentuou-se na cidade, pois chegando aqui tiveram que recomeçar uma vez que o conhecimento próprio do trabalhador da terra já não era pertinente dadas as características urbanas das atividades de trabalho:

As levas migratórias, originárias do interior do Estado, são na sua maioria, marcadas pela condição do empobrecimento extremo. São famílias que vão perdendo a condição necessária de permanência no campo e que foram sendo obrigadas a buscarem um simples pedaço de chão ou um modo de ganhar a vida na cidade (LIMA, p. 22, 2003).

Os relatos⁵³ sobre a organização histórica das comunidades que formam o Bairro Monte Cristo mostram a especificidade da luta e da organização dos grupos pelo acesso à moradia. E mesmo que o universo da pesquisa em foco priorize as comunidades Chico Mendes, Novo Horizonte e Nossa Senhora da Glória e, é importante indicar que algumas comunidades do Monte Cristo iniciaram na década de 1970 e são frutos da ocupação de terras espontânea ou organizada, nesse caso articuladas pelo Movimento dos Sem Teto, assessorado pelo Centro de Apoio e Promoção do Migrante (CAPROM). Sendo essa a situação da Chico

⁵¹ Trata-se de uma marginal que leva à Ilha de Florianópolis.

⁵² Conforme Lima (2003) e Lisboa (2003) Até os anos 1950 a cidade de Florianópolis mantinha-se pequena, com infra-estrutura precária e poucos balneários, no entanto na década seguinte com o surgimento da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Empresa de Eletricidade da Região Sul (ELETROSUL) surgiram novas oportunidades de emprego e o contingente populacional começou a aumentar, além disso por volta de 1970 começaram a ser construídos os grandes hospitais públicos e demais empreendimentos imobiliários o que certamente acelerou o processo migratório uma vez que as famílias vêm para a capital na busca por emprego e melhores condições de vida.

⁵³ Ver relato detalhado in Lima (2003), Ribes (2005) e De Lima (2006).

Mendes e da Novo Horizonte. “São comunidades que tiveram que se organizar e resistir para garantir a sua permanência na terra, bem como as melhorias que hoje possuem” (De Lima, 2006, p. 77).

No contexto de lutas e resistências, os direitos sociais saúde, educação, moradia digna, entre outros, que legalmente estão previstos, tem sido pauta de reivindicações comunitárias. E diante do modelo econômico excludente vigente no Brasil, que acelerou o processo de empobrecimento das famílias, foram surgindo a Escola de referência Estadual do bairro, as Creches, o Posto de Saúde e as Organizações Não Governamentais⁵⁴. Muitas transformações ocorreram desde o início das ocupações, e pelos menos nos cinco últimos anos, entre elas o agravamento das questões relacionadas à formação dos grupos ligados ao narcotráfico, situação que não é diferente de muitas cidades, sobretudo as de grande porte no Brasil. Mas não fossem as questões decorrentes do processo do empobrecimento e as tramas que tecem a vida de envolvimento de alguns moradores das comunidades com grupos do tráfico de drogas, por sua vez rivais, o cotidiano mostra a rotina de pessoas que como em qualquer outra comunidade, acordam cedo para trabalhar, crianças e jovens que vão para creches, escolas e projetos sociais, os afazeres domésticos na vida familiar, a organização comunitária, entre outros.

Na tramas que tecem a vida de alguns grupos, formado na maioria por adolescente e jovens, envolvidos com o narcotráfico, que remete à realidade violenta dos conflitos com os grupos rivais, a vida de “trampo” ou o “corre” nos becos⁵⁵. E que Conforme o jovem R. L. da S. (2006) descreve: “(...) são da Chico Mendes, da Novo Horizonte e outros lugares (...) e tem um monte deles, mas é que é mais fácil falar da Chico Mendes, para o pessoal de fora é só Chico Mendes. Se falar de Monte Cristo, a maioria não conhece, não sabe o Monte Cristo é dividido em cinco, não nove comunidades”.

Junto a isso, acontece a relação conflituosa com a força policial, e ainda a mistificação de que todas as pessoas que moram em comunidades⁵⁶

⁵⁴ Entre outras, a Casa Chico Mendes que nasceu em meados de 1993.

⁵⁵ Onde alguns ganham em torno de R\$ 15,00 por dia dependendo da quantidade de “bagulho” que conseguem vender (informação obtida em conversas informais).

⁵⁶ Conforme os dados apontados no Plano Municipal de Assistência Social de Florianópolis (2002-2005) existem 46 áreas de favelas no município, com população estimada em 50.000, concentrada em três grandes regiões: continente (onde atuamos), Saco Grande e Maciço do Morro da Cruz (regiões insulares).

empobrecidas têm envolvimento com a criminalidade. Questões que apontam para a Comunidade Chico Mendes, por exemplo, como a mais famosa em Florianópolis, ou “(des) conhecida. É famosa, menos por méritos e mais pela (des) informação que faz dessas comunidades empobrecidas, lugares apenas de perigo e miséria (Lima, 2003, p. 25). Ou como expressou o jovem: “Algumas pessoas que não moram na comunidade Chico Mendes, as pessoas pensam que o jovem é bandido, que é drogado que é vagabundo” (R. L da S., 2006).

Em outras palavras, muito do que se conhece dessas comunidades, está veiculado ao que os meios de comunicação apresentam, na maioria das vezes por meio de notícias que giram em torno dos episódios⁵⁷ violentos ocorridos por conta de rixas dos grupos. Não falo de omitir os fatos, mas estes podem ser melhor observados para apreendermos a realidade. Quem tem a oportunidade de estar no cotidiano comunitário não demora muito a perceber que “(...) seus moradores insistem em afirmar a vida dessas comunidades pelo aspecto da resistência, do trabalho, da solidariedade e da determinação” (Lima, 2003, p. 25). São muitos os exemplos a serem citados desde o dia a dia de labuta das famílias e jovens, como a organização comunitária e o trabalho de suas lideranças, assim também como profissionais de diversas formações que se engajam nos trabalhos. A saber, como ilustração a Rede de Articulação das Organizações Não Governamentais do Bairro Monte Cristo que tem atuado nos últimos cinco anos no sentido de discutir as demandas comunitárias e realizar encaminhamentos, e, sobretudo constituir ações diretas na busca pela cidadania. São marcantes os Eventos que a Rede tem articulado como: “As vozes do Monte Cristo: paz é fruto da justiça social I e II” nos anos de 2003 e 2004. Os Eventos tinham como objetivo “(...) criar um espaço para que os moradores externalizassem suas idéias, expressando-se acerca de seu cotidiano de trabalho e luta por sobrevivência e dignidade, bem como suas atividades coletivas na construção da cidadania, contrapondo-se ao rótulo de bairro violento e perigoso amplamente divulgado pela mídia” (Ribes, 2005, p. 35).

Principalmente no Evento II percebeu-se uma grande presença de crianças, adolescentes e jovens que colaboraram no desencadeamento dos Eventos “O Dia

⁵⁷ Decorrentes das rixas dos grupos e que geram um índice significativo de homicídios e tentativa de homicídios entre os jovens, segundo Abarca (2006), com base em dados da Secretaria de Segurança Pública de Florianópolis ocorrem na grande Florianópolis.

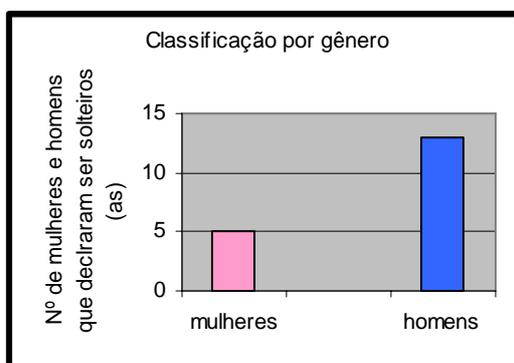
da Juventude” em 2005 e “A Semana da Juventude” em 2006 que têm se constituído em um espaço no sentido de se discutir políticas públicas para juventude a partir das demandas que os próprios jovens reconhecem como significativas. Atualmente tem-se alguns Projetos em parceria com as ONG’s, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e uma comedida participação do poder público municipal que privilegiam a atuação dos jovens, como no caso da implantação da Rádio Comunitária e Gravadora de Hip-Hop.

3.2 JUVENTUDE? É ASSIM QUE A ENTENDEMOS

- Os dados de Identificação: o que os jovens declararam

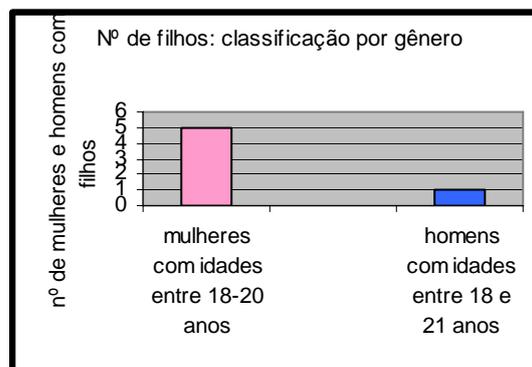
Apresentarei a seguir alguns dados referentes ao questionário respondido pelos jovens e que ajudam a compreender melhor quem é o jovem participante da pesquisa. Entendo que o jovem ao identificar-se revela parte da sua história, e suas declarações quando qualificadas, mostram a contradição da sua condição e situação juvenil. É importante salientar que metodologicamente, os dados foram agrupados com base nas respostas imprimidas pelos jovens, ou seja, a partir das auto-atribuições.

Gráfico 3
Situação Conjugal



Fonte: Dados do Questionário Juventude F Questões Relacionais, 2006.

Gráfico 4
Nº De Filhos



Fonte: Dados do Questionário Juventude Questões Relacionais, 2006.

Quanto à situação conjugal: entre as mulheres 1 declarou ser casada; entre os homens todos declararam ser solteiros, mas é interessante observar que um casal respondeu a pesquisa (entre os dezenove participantes), sendo que ela declarou ser casada e ele ser solteiro. Quanto aos filhos: entre as mulheres 5 declararam ter filhos; entre os homens 1 declarou ter filhos (as). Cabe observar que o casal declarou ter duas filhas. Sobre as idades dos que declararam ter filhos: (as) as idades das mulheres variaram entre 18 à 20 anos, com filhos de 6 meses à quatro anos de idade. Duas mulheres declararam ter dois (duas) filhos (as) cada uma, e, três declararam ter um (a) filho (a) cada uma. Entre os Homens 1 declarou ter duas filhas.

Cabe ainda salientar que no que se refere à situação conjugal todos os jovens são oficialmente solteiros, embora uma das jovens tenha se declarado casada, sendo interessante como os papéis de gênero são incorporados. No caso em relação à jovem que se declarou casada, uma vez que seu parceiro se declarou solteiro. Situação que pode ser melhor compreendida quando a jovem comenta que no início do relacionamento, que começou há quatro anos, era diferente e que agora “(...) não sei se é por causa das meninas, ele vai lá pra baixo, fica à noite, chega aí seis, seis e pouco da manhã, podre de bêbado e incomodando. Aí a única coisa que eu digo pelo amor de Deus não me incomoda (...)” (D. B. S, 2006). Quanto às filhas a jovem fala que o parceiro não ajuda a cuidá-las, pois conforme o mesmo a obrigação com fralda e leite tem cumprido. No entanto a própria jovem questiona: “(...) elas não precisam só de fralda e pão, elas precisam de carinho né?”

Outra questão importante é a que aponta para as maternidades e as paternidades precoces, pelo menos uma das seis jovens teve o primeiro filho (a) com 14 anos de idade, sendo que comparando as idades das mães e a idade dos filhos (as) há o indicador de que foram mães com idades entre 14 e 18 anos.

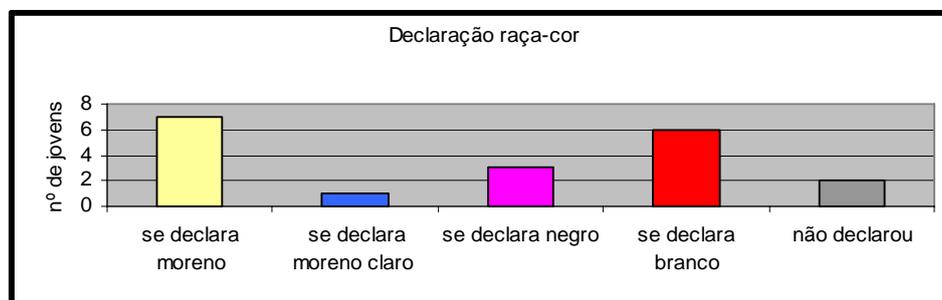
A primeira vez que eu casei eu tinha 12 anos lá em Porto Alegre onde a minha avó mora, depois foi com o T. casa e descasa. (...) Nós ficamos um ano e meio separados, mas nesse tempo eu vinha aqui e daí nós ficava e rolava e foi nesse vai e vem. E não engravidei da T. quando

estava casada com ele, engravidei nessas de fica aqui e vai embora (D. B. S, 2006).

Uma questão a assinalar é de que apesar de dois jovens (homens) não ter declarado ter filhos (as), pelas observações realizadas um deles (com 15 anos) tem namorada que está no 5º mês de gestação, e o outro (com 17 anos) tem um filho de aproximadamente 2 anos de idade.

Quanto à raça – cor: dos 19 jovens – 7 declararam ser morenos (4 mulheres e 3 homens); 1 homem moreno claro; 3 homens negros; 6 brancos (2 mulheres e 4 homens), e 2 homens não declararam. Por conta das observações é interessante ressaltar que de uma forma significativa aparece a representação do “moreno (a)”, embora seja possível perceber as características afrodescendentes nos jovens participantes. A indagação gira em torno do que faz os jovens construírem suas identidades? No caso o que significa se reconhecer moreno (a)?

Gráfico 5
Raça-Cor



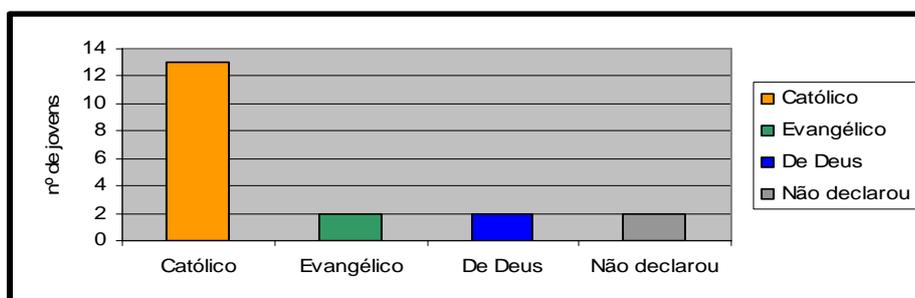
Fonte: Dados do Questionário Juventude e Família Questões Relacionais, 2006.

Outro elemento interessante surgiu quanto ao item raça-cor, pois sendo a questão aberta as classificações, moreno claro, moreno, negro, e branco surgiram a partir das declarações dos jovens. Nas entrevistas individuais eu pedia sempre para confirmar o primeiro item do questionário que continha as questões sobre a identificação do jovem e fazia a afirmativa “tu te declaras” quanto ao item. Nesse sentido surgiram alguns comentários realizados pelos jovens sempre em tom de dúvida: “É eu acho que eu sou morena (...)” (D. B. S. 2006), ou como nas palavras da outra jovem “Eu acho que eu sou branca, ou eu sou morena?” (E. F. de O. 2006). Diante da dúvida eu perguntava por que as (os) jovens achavam que eram

morenos ou brancos, e as respostas respectivamente das jovens acima citadas foram: “Ah, porque é a minha cor, eu sou escurinha. (...). *Eu me considero morena, todo mundo que vai assinar ali no papel bota que eu sou morena*” e “*Eu acho que eu sou branca*”. Em contrapartida ao observar as respostas dos questionários pelo menos dois jovens que poderiam ser identificados como brancos, eles declararam-se negros, por conseguinte ao observar outros dados, declararam participar de grupo de capoeira e acessar sites sobre o assunto ligado à cultura negra.

No que se refere à religião: Dos 19 jovens, 13 declararam ser católicos; 2 evangélicos; 2 de Deus e 2 não declararam. Por conta das observações no campo de pesquisa, há um grande número de instituições religiosas no Bairro Monte Cristo, com um grande crescimento nos últimos anos das Instituições Evangélicas, estando também a instituição Católica presente, com forte representação, sendo que nesse caso as relações para cursos de batismo, eucaristia e crisma são bem perceptíveis no cotidiano da comunidade.

Gráfico 6
Religião



Fonte: Dados do Questionário Juventude e Família Questões Relacionais, 2006.

Como já referido a maioria dos jovens se declararam católicos, mas ocorreram também na confirmação dos dados de identificação os comentários “*não sou praticante*” ou “*fiz a primeira comunhão*”. Outra questão é de que a mística é muito presente nos grupos juvenis que são denominados “bondes”, e que na maioria estão envolvidos com atos infracionais⁵⁸ ou à criminalidade. É

⁵⁸ O ato infracional é definido no Estatuto da Criança e do Adolescente como crime ou contravenção penal cometida pela criança (até doze anos incompletos) ou adolescente (12 a 18). O cometimento de ato

muito comum observar os jovens com correntes (adereços) com crucifixos, tatuagens com signos religiosos e as expressões “Deus te guarde”, “vai com Deus”, assim como a definição de que são da religião “de Deus”.

Não foi central na pesquisa a discussão que aborda, entre outras, as questões de gênero e étnicas-raciais, porém não poderia deixar, pelo menos de mencionar que tais questões foram observadas no campo.

De acordo com Lisboa:

(...) o gênero é uma construção simbólica e contém o conjunto de atributos designados às pessoas a partir do sexo. O gênero está assentado no corpo histórico de cada pessoa. Por sua vez, cada qual existe a partir de um corpo vivido, cuja categoria confirma a historicidade dos corpos e a conformação em cada caso (...) (2003, p.20).

Da mesma forma em relação às questões étnicas-raciais, compartilho a idéia na qual a identificação étnica “de um determinado grupo é resultado da sua capacidade em manter simbolicamente as fronteiras da diferenciação que o distinguem dos vizinhos” (idem, p. 21), assim a noção de identidade étnica também pode ser vista dos ponto de vista relacional e a forma de como os jovens se “auto-atribuem a identificação” contribui para entender como os sujeitos se constituem.

Ainda nessa perspectiva e no sentido de associar os elementos presentes na constituição dos jovens apresento na seqüência às respostas à pergunta “O que você entende por juventude?” E por ser uma indagação subjetiva, as respostas se desdobraram em diversas formas. Por conseguinte conforme os significados que os jovens atribuem à juventude pude analisá-las na perspectiva de alguns elementos teóricos já descritos anteriormente que conforme Leon (2005) compõem: a idéia de transitoriedade, a de classe de idade, de moratória social e vital e estilo juvenil.

Na perspectiva dos jovens há uma heterogeneidade na forma de como significam a juventude, por conseguinte como auto-atribuem sujeitos juvenis. Dessa forma a condição juvenil para os jovens perpassa as idéias de

infracional e uma vez verificada a autoria implica na aplicação pelas esferas competentes de medidas de proteção ou medidas sócio-educativas, sendo que às crianças só podem ser aplicadas as medidas de proteção (ECA, 1999).

transitoriedade e classe de idade como, por exemplo, nas frases “*A gente passou de ser criança, agora tá na juventude*”; “*É a passagem de criança, adolescente para a vida adulta*”, “*É a época onde o jovem está quase sendo um adulto e a ter um pouco mais de responsabilidade*”. A idéia de transição expressa um lugar que não está definido ou algo que será, mas ainda não se chegou a ser. E a “responsabilidade” típica do mundo adulto aparece como o demarcador da transição. Em contrapartida ao que será, mas que não se tem muita certeza do que se é, pode ser ilustrada na frase “*o futuro do amanhã*”. Junto a isso a aspiração de liberdade, traduzida aqui em independência “*É poder ter mais independência e poder optar pelo o que quer e o que não quer pela vida*”. Mas ao mesmo tempo nesse processo aparece a idéia do jovem que se dispõe ao desconhecido, pois juventude é também um “*tempo de aprender*”.

Associada às questões anteriores a idéia de um tempo em que o jovem pode fazer ou praticar ações legitimadas socialmente e que somente seriam permitidas a essa fase do ciclo – a juventude – “*Significa uma fase da vida que se comete erros*”; “*Cabeça muito aberta, rebeldes*”. Noções, que para Margulis (2001) podem ser relacionadas à moratória social, sobretudo a moratória vital que aponta analiticamente para o desejo de liberdade juvenil traduzido na idéia de que no ciclo da vida a morte, por exemplo, não estaria para o jovem, mas para os mais velhos, assim tudo seria possível “*Uma coisa legal, mas ao mesmo tempo perigoso sem juízo*”.

A exemplo, aos jovens participantes do grupo focal foi perguntado se já teriam cometido algum ato infracional apurado ou não - uma vez que a discussão naquele momento se remetia aos jovens envolvidos com a criminalidade. Ato infracional apurado significa o mesmo que ser comprovado e, portanto estar sujeito judicialmente ao cumprimento de medidas sócio-educativas ou de proteção. Alguns jovens declararam que cometeram atos infracionais, não apurados, mas que se tratava de atitudes momentâneas ligadas à vivência de experiências desafiadoras e de perigo. “*Eu já. Eu roubei um carro (...) É, eu e mais dois. Não foi assim um roubo, foi um empréstimo, a gente pegou emprestado, tava com a chave, não precisamos quebrar nada, a gente não arrombou nada e só. A gente deu umas banda e a gente devolveu, mas eu não fui preso*” (R. L da S, 2006).

Ao ser indagado sobre por que praticaram o ato o jovem respondeu:

Assim, não foi nada planejado, foi de momento, eu fui lá no campo pegar um dinheiro com uma camarada, aí veio um outro camarada que é fissurado por carro. Pô daí o cara chegou assim, se podia da uma volta, o cara não vinha, a chave tava no carro, a gente combinou eu meu camarada, esperar numa esquina e sair no pinote, aí a gente foi. Não foi nada que já tava (...) maquinado, foi coisa de momento (R. L. da S., 2006).

Outra questão em destaque é de que os jovens se auto-definem positivamente *“Juventude é estar bem consigo mesmo independente da idade, ser feliz, fazer o que gosta”* ou *“Juventude é ter para mim mais disposição”*. E também alguns associam a juventude por meio da identificação dos seus pares como o jovem ao descrever o seu entendimento sobre juventude *“Entendo que seja um grupo de jovens que participam de alguma atividade e que sejam bem unidos”*, sendo possível inferir que ao se reconhecer em um grupo, de certa forma se identifica com um determinado estilo juvenil, na coexistência de outros, dos quais também pode ter aproximações.

3.3 RELAÇÕES CONTEXTUAIS TECIDAS

Nesse item abordei as relações que os jovens estabelecem com as instituições clássicas de socialização o que permite observar mais elementos que corroboram na constituição do jovem enquanto sujeito juvenil e, sobretudo o tecido da realidade construída socialmente. Entretanto, destaco o recorte proposto inicialmente no que tange à relação entre os jovens e suas famílias, trazendo também dados sobre as demais instituições – Escola, Trabalho e Lazer e Sociabilidade, que permeiam a constituição do sujeito juvenil.

- O jovem na relação com a Família

Abordei aqui alguns dados sobre as famílias dos jovens que responderam o questionário por meio da pergunta “Quem é a tua família?”⁵⁹ com o intuito de conhecer melhor as condições históricas, sociais e econômicas das famílias. Nesse caso as respostas deveriam ser agrupadas nos seguintes itens: nome, parentesco, escolaridade, ocupação e composição da renda familiar.

Sobre a composição familiar: dos 19 jovens que responderam o questionário 4 deles reconheceram de 2 a 3 pessoas na composição familiar; 9 reconheceram de 4 a 5 pessoas; 4 reconheceram de 6 a 7; e 2 reconheceram de 8 a 9 pessoas. No entanto, não foi possível identificar num primeiro momento quantas pessoas faziam parte da unidade doméstica familiar, porque alguns jovens reconheceram os amigos como fazendo parte dessa composição. No entanto, uma vez que se tome como base a família na perspectiva de Rede de Relações, em que a família, que é compreendida para além do grupo que habita o mesmo espaço, ou seja, como um grupo de pessoas que “mantém relações entre si, sem necessariamente conviverem em um espaço comum” (De Lima, 2006, p. 32). É possível inferir que as famílias reconhecidas pelos jovens com suas diversas constituições, se compõem numa relação que se sobrepõe à questão do parentesco, o que não significa que ele não apareça como significador importante.

Sobre a escolaridade da família: aqui priorizei apresentar a escolaridade dos pais: 6 jovens declararam que os pais tinham escolaridade entre 1ª à 4ª série do ensino fundamental; 5 jovens que os pais têm escolaridade entre 5ª à 8ª série do ensino médio; 2 jovens declararam que os pais têm ensino médio (completo ou completo); 1 declarou pais com nível superior (incompleto). Os demais jovens compõem em si uma unidade familiar, cada um, e declararam a sua escolaridade, nesse caso os dados estão computados no item os jovens na relação com a Escola.

Sobre a ocupação dos sujeitos considerados da família: foram citadas as funções de pedreiro, costureira, lavagem automotiva, estudante, empregada doméstica, auxiliar de limpeza, subgerente, faxineira, aposentada (o), monitora, desempregada, supervisora em mercado, serviços gerais, coordenador de

⁵⁹ Pergunta parafraseada da Dissertação de Mestrado A proteção Social no âmbito da família: um estudo sobre as famílias do bairro Monte Cristo em Florianópolis, 2006.

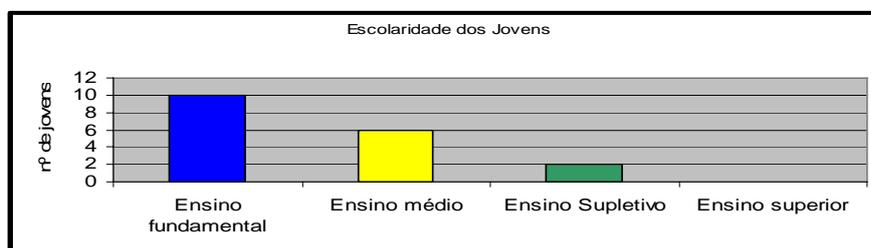
projetos, servente, marinho, encostado, faz lanches em uma lanchonete, faxineira de ônibus, auxiliar operacional, liderança comunitária, estagiário, do lar, copeira, serviços gerais brinca, trabalha, carpinteiro.

Sobre a renda: devido aos jovens citarem e reconhecerem como da família amigos e outros que não moravam na unidade familiar e muitos jovens não terem declarado a composição da renda familiar, além do que o casal participante da pesquisa em si compõe uma unidade familiar, não consegui verificar a renda das famílias. No entanto, nas entrevistas individuais (com quatro pessoas) foi possível identificar a média de R\$ 450,00 mensais, ou seja, um pouco acima do valor atual do salário mínimo.

- O jovem na relação com a Escola

Sobre a escolaridade dos jovens: dos 19 jovens que responderam o questionário, 3 jovens declararam ter escolaridade de 1ª à 4ª; 7 jovens de 5ª à 8ª do ensino fundamental; 7 jovens 1ª à 3ª do ensino médio; 2 supletivo do ensino médio. Do total de dezenove jovens: 12 declararam estar estudando e 7 não estar estudando. Considerando as idades dos jovens que responderam o questionário com representação das idades de 15 a 20 anos, somente 36,8 % dos jovens estão cursando e ou concluíram o ensino médio regular. Tais dados mostram-se em consonância com os dados apresentados anteriormente na Pesquisa Nacional sobre Juventude uma vez que conforme Spósito (2005), nos últimos anos houve um maior acesso dos jovens ao sistema escolar, no entanto, ao verificar, por exemplo, os dados sobre os que cursam o ensino médio ou que o concluíram, percebe-se um afunilamento no sentido da não permanência e não conclusão, e o encaminhamento posterior para a Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Gráfico 7
Escolaridade



Fonte: Dados do Questionário Juventude e Família Questões Relacionais, 2006.

E ainda ao observar as idades dos jovens percebe-se que há uma defasagem entre idade e nível de escolaridade. Por outro lado esses dados indicam que de alguma forma muitos jovens retornam para concluir os estudos. No grupo pesquisado, os jovens assinalaram alguns dos motivos que levaram ao afastamento da escola: a necessidade de trabalhar precocemente para manter-se e colaborar no sustento da família, a constituição de uma nova unidade familiar e também as relações entre os sujeitos no contexto da escola.

A moratória social no seu sentido puro indica que ao analisar a condição do jovem em situação de vulnerabilidade social, que a esses jovens em boa parte não lhes é concedido o que se conhece conforme Abramo (2005) um “tempo de espera” que determinados jovens dadas as suas condições sócio-econômicas podem contar, ou de gozar conforme Margullis (2001) “de uma menor exigencia mientras completan su instrucción y alcanzan su madurez social y económica” (2001, p.43). Dessa forma para os jovens da pesquisa a moratória social faria sentido não como tempo de espera ou de “estado de graça” para prepara-se para o futuro mas:

(...) uma possibilidade de vivência e experimentação (uma vivência em todas as esferas do mundo adulto, mas de maneira singular, não igual aos dos adultos): sexualidade, estudo, trabalho, diversão, mas com menos compromissos e encargos (ABRAMO, 2005, p. 69).

Sobre a Instituição Escola: A Escola no depoimento dos jovens apareceu como um espaço importante, reconhecida por eles como um lugar de conflitos, de aceitação, ou não das imposições e das regras que são impostas nesse contexto, até mesmo porque do ponto de vista relacional a condição de ser aluno perpassa a questão de se constituir na relação com o outro, e nesse caso o outro é a escola com tudo que a compõe. As questões mais salientes no tocante à Escola que apareceram no grupo focal, foram no que se refere às relações constituídas, por

exemplo, com os professores conforme argumentou o jovem ao relembrar algumas experiências:

Eu acho importante, já que tu vai fazer um relatório, Sobre a formação dos professores (...) essa autoridade que os professores criam, não são todos (...). Tinha professores que eram assim, chegavam e passavam alguma coisa no quadro e a gente perguntava: não vai fazer nada professor. Ah, não eu já estou recebendo, problema é de vocês, vocês é que se ralem. Acho que tem a ver com a formação, com é que botam assim uma pessoa para dar aula? Não precisa criar uma autoridade abusiva, não precisa chegar assim e jogar tudo pro alto só porque já está ganhando (V.C. C.,2006)

Ou como falou esse jovem:

Tem professores que chegam lá na sala e só passam a matéria, não envolvem os alunos, não conversam, ele só que ensinar o que ele sabe, não quer saber o que o aluno sabe, o que a gente sabe do dia a dia. Só querem passar o conhecimento científico, o que ele aprendeu. (R. L. da S.)

A questão crucial parece residir no fato de que de a condição de estudante se sobrepõe à condição juvenil, ou seja, é preciso estar atento para o fato de que os jovens se constituem jovens na relação com outros sujeitos como a família, os grupos de sociabilidade, entre outros, por conseguinte, ser aluno é um elemento da condição juvenil, e não ao contrário. Uma vez que conforme Durand; Sousa (2002, p.164) a instituição escolar não tem considerado “a condição social juvenil em suas múltiplas dimensões no processo educativo”.

Outra questão foi na relação com os pares onde relatam que a imagem que se têm dentro da escola dos jovens que moram em comunidades empobrecidas é transposta muitas vezes na forma de preconceito como apontam os jovens:

Não assim, esses dias a agente tava conversando lá na escola tinha umas meninas que não sabiam que eu morara aqui, de palhaçada, brincadeira pra fazer uma festa: Ah, vamos fazer lá em casa, ela perguntou onde tu mora, na Chico Mendes, ela disse ai meu Deus, lá eu não vou, como se aqui fosse uma coisa diferente dos outros lugares, fosse o inferno mesmo, mas não é bem assim, lá onde ela mora também não é muito não é diferente (K. A. C., 2006).

Ó, eu fiz bastante amizade lá, mas que deu foi uma só, quando falava que era da Comunidade, o cara tava indo buscar água: to indo no

banheiro, vou buscar água para ti. Esses caras eu até evitei, tem um que eu falo até hoje, assim ele chegou na minha, de boa, começou a conversar comigo, me levou um dia na academia junto, depois bem depois ele perguntou onde eu morava, eu disse que morava na Chico Mendes, a amizade continuou a mesma, tudo certo. O resto mesmo não quero nem papo, não quero saber. ficavam puxando o saco (R. L da S, 2006).

O jovem ainda comentou que a aproximação conforme descreveu na maioria das vezes ocorre porque os demais têm medo de que os empobrecidos ou os favelados roubem ou pratiquem outros atos na Escola “Por exemplo, se a gente aparece com dinheiro lá, pensam que o cara é traficante, ou quando a gente tá com um monte de corrente, a imaginação deles é essa” (idem).

- O jovem na relação com o Trabalho

Sobre o Trabalho: 18 jovens declararam que trabalham ou já trabalharam as mulheres (4) começaram a trabalhar com idade entre 15 à 17 anos, quanto aos homens aparece uma maior diversificação, sendo que 4 homens declararam ter começado a trabalhar com idades entre 12 à 14, e 8 homens com idade entre 15 à 17 anos. Do total dos jovens, 8 declararam ter trabalhado com carteira assinada; 3 nunca trabalharam com carteira assinada; 5 trabalham atualmente sem carteira assinada e 2 trabalham com carteira assinada. Quanto ao que fazem com o dinheiro que recebem as declarações mostraram que a maioria dos jovens ajudam nas despesas da casa e compram coisas pessoais (roupas, calçados, entre outros). Quanto a quem mantém as despesas quando não está trabalhando declararam é a família que ajuda, no entanto cabe ressaltar que 4 citaram os pais, 5 citaram a mãe e 3 ninguém.

Comparando mulheres e homens, os dados indicam que os homens começam a trabalhar antes do que as mulheres:

Gráfico 8
Idade que começou a Trabalhar

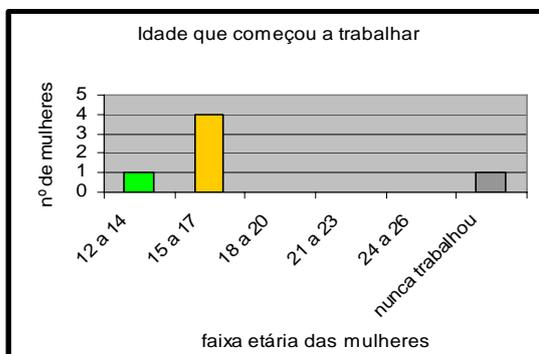
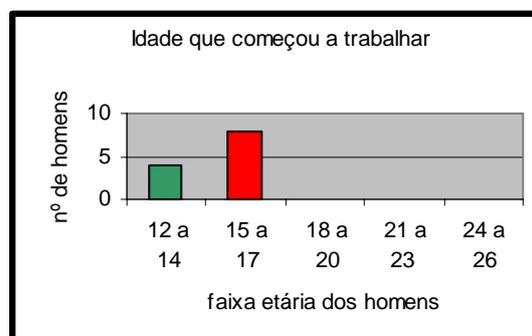


Gráfico 9
Idade que começou a Trabalhar



Fonte: Dados do Questionário Juventude e Família Questões Relacionais, 2006.

que

que jovens não tiveram ou não têm seus direitos trabalhistas garantidos, indicando também que a informalidade é o campo onde os jovens desenvolvem ou desenvolveram suas atividades (trabalham). Nas entrevistas realizadas, entre os seis jovens quatro estavam em busca de emprego e dois estavam trabalhando, desses somente um estava com a carteira assinada. Outra questão é quanto às condições de trabalho para os jovens, pois trabalham na informalidade e ganham em torno de um salário mínimo ou menos por mês.

Outra questão saliente refere-se ao fato de que os jovens não reconhecem a relação entre os conhecimentos aprendidos na escola como diretamente ligados às possibilidades de emprego: “É, tem uns amigos meus que chegam lá, aprendem aquele, aquele outro, matemática ele é gênio, o professor explica mil coisa ele nem dá bola porque ele já sabe tudo. A profissão dele não vai ter nada a ver com matemática, tudo o que ele mais sabe, não vai ter a ver” (K. A. C., 2006).

Ou como comentou outro jovem : “(...) o cara lá estuda física, o cara vai e pega um serviço de tele-marketing, que tem a ver com a profissão, pô assim a escola prende, mas não é tudo, o que é importante ali, o português. Acho que uma das coisas mais importante é o português. O resto não tem nada a ver. (R. L. da S, 2006).

- O jovem na relação com o Lazer e a Sociabilidade

A intenção, aqui foi localizar os jovens nas suas atividades que lhe proporcionam lazer e constituem a sua sociabilidade.

Quanto aos grupos de pertencimento: dos que responderam o questionário, 16 jovens declararam que participam ou participaram de grupos juvenis, no entanto, houve uma associação representativa entre participação em grupos

arte Fonte: Dados do Questionário Juventude e Família Questões Relacionais, 2006. OS

ada somam 10 jovens, ou seja, 42% dos

juvenis e projetos desenvolvidos em ONG's ou na própria Escola. Quanto ao que fazem para se divertir, pelos menos 17 jovens relatam que saem para passear ou dançar, ou seja, essa modalidade de lazer é sempre realizada fora da comunidade.

A associação entre grupos de sociabilidade e projetos executados por ONG's e Escolas conforme os comentários dos jovens está relacionado ao fato de que na Comunidade os espaços de lazer comunitário são restritos, ou seja, na sua maioria, é a Escola e as ONG's que são reconhecidas como espaços de lazer. "Meu comentário é que aqui na Chico Mendes não tem muita área de lazer não. Pô tem muita criança começando a entrar no mundo do crime. Não tem lazer, não tem comida, a família é pobre" (N. F. C, 2006). Já outro jovem embora reconheça que várias atividades de lazer são realizadas na Escola, embora precisem ser ampliadas diz que: (...) Eu acho que tem bastante coisas. Acho que precisaria mais, mas tem alguns projetos legais. A Casa do Dodô é um Projeto bom, a antiga Casa da Cidadania também. Desde criança faço capoeira ali, até hoje (V. C. C. 2006).

Em boa medida nesses espaços os jovens vivenciam experiências associativas que conforme Lima (2004, p. 41) permitem a expressão do que esse autor reconhece como protagonismo juvenil "A construção de saberes significativos e a criação de estratégias de sobrevivência, de resistência cultural, permitem que as formas associativas juvenis sejam entendidas como espaço de construção e de expressão do protagonismo juvenil".

Quanto à comunicação, mídia escrita e falada: Todos os jovens (19) declararam que assistem programas de televisão, sendo que das 6 mulheres, 5 declaram que assistem novelas, já quanto aos homens, declararam uma maior diversificação de programas televisivos assistidos entre filmes, tele-jornais e programas como a Malhação que é pelo menos citado por três jovens.

Entre os livros citados como lidos aparecem: Os Miseráveis (citado por 2 jovens), O Grande mentecapto (citado por 2 jovens), A árvore que dava dinheiro, O Alienista, A Moreninha, Uma história viva, Um amor eterno, O conde de Monte Cristo, Incidente em Antares, A casa do Penhasco, Conexão Nescau, Um corpo na Biblioteca, Vidas Secas e Bad Twin. Os Jornais citados: Jornal o Dia, Jornal da Hora, Jornal Notícia, Jornal Hora do Dia, Jornal Hora de Santa Catarina. Tais

livros e jornais conforme as observações do campo de pesquisa são acessados no contextos das ONG'S e da Escola. Cabe salientar que em boa medida esses livros foram lidos no Café com Livros.

No que se refere à mídia eletrônica as repostas indicam que os jovens têm acesso e acompanham as tendências tecnológicas nesse campo, pois como exemplo, pelo menos 9 deles citaram ter acesso ao orkut e msn. Conforme as observações do campo de pesquisa a maioria dos jovens acessam a internet em espaço que disponibilizam cursos de informática, como por exemplo, a Casa Chico Mendes e a Escola.

Os jovens fizeram ainda referência aos Jornais: Hora de Santa Catarina e Jornal Notícias do Dia, que começaram a ser editados recentemente⁶⁰, contêm informações sintetizadas e trata-se de um jornal de baixo custo, ou seja, de fácil acesso.

3.4 TRAJETÓRIAS EM CONSTRUÇÃO

A epígrafe *O Sonho dos moleque do meu Bairro*, ilustra os sonhos e desejos de um jovem empobrecido, ele diz:

Os moleques têm um maior sonho de um dia acabar as guerras, as tretas e amenizar o mundo inteiro, e ter uma melhor condição de vida, melhor infra-estrutura, área de lazer; mas eu acredito que todo pobre quer ser rico, vai vendo é necessário sempre acreditar que o sonho é possível que o céu é o limite e os nossos sonhos são imbatíveis (...) (MIDO, 2006).

A pergunta que emerge é: *quem de nós nunca sonhou?* Entretanto a diferença está no contexto e nas circunstâncias que eles, os sonhos e as aspirações são projetados e na possibilidade de serem realizados. As trajetórias que serão relatadas a seguir retratam, também, como na fala do jovem Mido, os sonhos de cinco jovens do Bairro Monte Cristo.

- O jovem que deseja ver a irmã feliz e quer curtir a vida

⁶⁰ No segundo semestre de 2006.

R. Teve uma participação destacada no grupo focal, no entanto, no dia da entrevista parecia reticente e com semblante de preocupação. Ele tem 21 anos, declarou-se negro, solteiro e evangélico. Reside nos cômodos da Casa Chico Mendes. R. vive na comunidade há aproximadamente 15 anos, mas nasceu em Lages, saiu dessa cidade com pai quando tinha 6 anos, depois que sua mãe faleceu em serviço devido a uma parada cardíaca, pois a mesma tinha problemas no coração. Primeiro foram para São Paulo, onde tinham parentes, seu pai foi para arrumar um “trampo”, voltaram para Lages, e então vieram para Florianópolis. Lembrou que de quando chegou à comunidade “era tudo um barral, uma casa em cima da outra, tinha muito mato e pouca iluminação”. Ao chegar em Florianópolis foram morar com uma das tias que menciona durante a entrevista. O jovem diz que a sua família é: a irmã (da Chico Mendes), o irmão (da Palhoça), o primo e a tia, (do Saco Grande II) e o amigo Dodô (da Chico Mendes). E que apesar de morarem em lugares distintos tem uma relação próxima com essas pessoas “é são a minha família, não tem com ter uma relação distante”.

R. contou que a sua infância foi “difícil”, recorda dos dias frios em Lages, no entanto, apesar das dificuldades considera que a Infância foi boa:

Dava geada, a gente tinha pouca roupa quente para ir para o colégio, a gente ia de sandália, poucas vezes a gente se alimentava direito, a gente nunca teve brinquedo, aí foi assim até os 12 anos, meu pai era difícil arrumar um emprego bom (R.L. da S., 2006).

Em Florianópolis o pai do R. constituiu outra família, cuja mulher tinha cinco filhos e as coisas ficaram mais difíceis:

A minha madrasta olhava pelos filhos dela, não da mesma maneira que olhava pra nós, não cuidava de nós com a mesma qualidade que cuidava dos filhos dela, isso era difícil pra nós. Toda vez nós tinha que ficar ouvindo que não era filho dela, que não tinha que cuidar de nós, que eu estava vivendo às custas do meu pai (idem).

O pai de R. faleceu quando jovem tinha 15 anos, teve uma pneumonia dupla que se complicou devido ao alcoolismo do pai. R. recordou que moravam

numa casa “velhinha” mas que aos poucos o pai foi comprando e arrumando as coisa e passaram a ter uma casa “que era nossa”. Mas a madrasta os maltratava (ao R. e a irmã), na presença do pai tinha um comportamento, e quando ele não estava tinha outro. Conta que apanhou por causa dos irmãos de “criação”, apesar de que sua irmã foi quem mais apanhou “ela era do tipo escrava da minha madrasta (...)” e era “24h em casa passando, limpando”. E “brinca, brinca, eu não brinquei, por isso hoje eu sou um brincalhão, porque o que eu não fiz antes estou fazendo agora”. Sendo que depois que o pai morreu o R. foi morar com uma prima.

R. também contou que teve a primeira namorada com 16 anos, embora o pai proibisse o namoro. Logo conseguiu um emprego e um namoro que durou oito meses. Depois teve outra namorada com a qual namorou por quatro anos, moraram juntos por dois anos e assim que terminou cada um foi para um lado. Sendo que no dia da entrevista fazia uma semana que o R. tinha acabado o seu último relacionamento.

Hoje R. atribuiu ao amigo Dodô a figura de um pai e diz que a relação entre eles é “tipo como pai e filho”, uma vez conforme relata não ter tido adolescência precisa de limites “porque por mim eu faria tudo que eu não fiz quando era adolescente, até as coisas erradas”. O significado atribuído à família é de que são “tudo”, e tudo representa a sua “razão de viver” e a sua “alegria”.

R. chorou durante a conversa e era possível perceber tristeza em seus olhos. R. disse que era difícil para ele falar de si mesmo, que tinha passado muita dor, fome e frio e que as pessoas achavam que ele gastava comprando coisas, mas era porque nunca teve nada. E que perdera muitas pessoas que gostava; seu pai, seu padrinho, seu sobrinho e seu avô recentemente. Falou, ainda que se emocionou porque ouviu a música que estava tocando (no meio da entrevista, algum vizinho ligou num volume alto o eu equipamento de som) as músicas do Zezé de Camargo e Luciano, as quais o seu pai gostava. R. sonha que sua irmã seja feliz e para si sonha em “curtir”.

Atualmente o jovem R. formou-se no ensino médio, trabalha como auxiliar administrativo na Casa Chico Mendes e pretende prestar vestibular para Letras português. Devido às atribuições do trabalho, onde desempenha a atividade de

articulador, ele é, hoje, uma liderança juvenil reconhecida entre os jovens, sobretudo para os que freqüentam a Casa Chico Mendes.

- O jovem que quer crescer na vida, ter um bom emprego, se formar, ter mulher e filhos, uma casa e ser feliz

F. chama a atenção por seus comentários onde se posiciona de forma crítica sobre as questões que observa no cotidiano. Ele tem 17 anos, declarou-se branco, solteiro e católico. Reside na comunidade Chico Mendes, com o padrasto e quatro irmãos, com os quais revela não ter uma boa relação. A relação é conflituosa, porque conforme T. o padrasto às vezes usa drogas e os irmãos são “folgados”. Sendo que a sua mãe faleceu há poucos meses, vítima de um câncer nos pulmões, e quanto ao pai, teria encontrado o mesmo uma só vez, há seis anos. R. vive na comunidade há 5 anos, nasceu em Florianópolis e sua família também é daqui, mas morou em outros lugares. Da infância lembra que jogava bolinha, peão, futebol, ia com os amigos para praia, jogava capoeira e andava de bicicleta. Recorda, também quando o seu avô paterno morreu: “(...) e a gente chamava ele de pai, porque a minha mãe chamava ele de pai (...) foi uma tristeza quando ele morreu”.

O jovem citou três referências importantes na sua vida, o avô, a mãe e o amigo Dodô: “(...) eu gostava do meu avô, não era aquele amor. Normal, normal, eu gostava. A minha mãe eu também gostava dela, acho que era amor, eu gostava. O meu padrasto não, mas o Dodô, aqui cara, é referência pra mim” (N. F. da C., 2006). A respeito do amigo disse que o mesmo é a única referência de pai na sua vida.

Recordou, ainda, sobre a infância o fato da sua mãe se incomodar com o irmão mais velho, que hoje está preso, pois o mesmo usava drogas, estava sempre “aprontando” e sempre tinha alguém tentando matá-lo. Ao ser indagado sobre a sua trajetória construída falou que:

O que me faz pensar é que, quando eu via meu irmão, sempre apanhava, tinha alguém querendo matar ele, pô ele sempre se dava mal e a minha mãe sempre sofrendo. A minha mãe sempre dizia que eu ia estudar: que tu vai ser o meu cofre, tu vai ser alguém na vida. E

também ,cara, eu vejo as pessoas na rua, sofrendo, um monte de mendigo. Pô por isso eu penso na vida, estudo (N. F. da C., 2006).

Sobre o significado que atribuiu à família F. explicou com detalhes o que pensa: “(...) aquelas pessoas que levam a fazer a coisa certa e não levam pra baixo, mesmo que é meu padrasto, meus irmãos, eles estão sempre me levando para baixo, eu não considero como família. Pô a família é alguém que quer me ajudar em alguma coisa, isso eu considero família”. (idem).

Atualmente F. trabalha como office-boy na Casa Chico Mendes, passou para o 3º ano do ensino médio. Disse de uma forma tranqüila que não foram felizes e acha que saberá o que é a felicidade quando construir a sua própria família. Por conseguinte seu sonho é: “crescer na vida, ter um bom emprego, me formar, ter mulher e filhos, uma casa”. Ser feliz.

- A Jovem Que Ser Independente e Cursar uma Faculdade

E. participou das reuniões do grupo focal, espaço onde a sua participação foi discreta, o que ocorreu talvez por ter sido a única mulher participante do grupo. Ela tem 18 anos, declarou-se branca, solteira e católica. Reside na Comunidade Nossa Senhora da Glória, com a filha ainda bebê e a irmã mais nova. Mas R. vive no contexto do Monte Cristo desde que nasceu, sendo que morou durante alguns anos em Palhoça – SC. Foi para esse local porque os pais se separaram e sua mãe e o novo marido foram residir no local. Entretanto a jovem falou que os pais são do Estado do Paraná.

A jovem contou que na infância ia para o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e para o colégio. Brincava com os irmãos e com uma tia. Sendo que E. saiu da casa da mãe aos 15 anos de idade. Relata que a mãe, hoje, não mora com os filhos que foram se afastando devido ao alcoolismo da mesma: “não dá para morar com ela, é difícil”. Foi morar com a avó na Chico Mendes e trabalhando como garçõete conseguiu um empréstimo para comprar a casa onde mora atualmente. Comentou algumas vezes que sempre quis ser “independente”, no entanto o seu pai, ainda a ajuda financeiramente. E tem uma filha de cinco meses, sendo que o pai da criança está preso, com o qual não mantém contato. A

gravidez de E. não foi desejada e a mesma relata que fez várias tentativas para interrompê-la. No entanto, hoje “sou capaz de morrer por ela” afirma a jovem.

E. comentou a respeito da sua adolescência: “Eu nem fui adolescente” e ao ser indagada sobre o porquê diz: “Ah, sei lá, eu comecei a trabalhar cedo e ainda mais agora com uma filha”. Considera que a família “é aquela que ajuda nos momentos bons e ruins e a minha família é minha filha, minha irmã, meu pai, a Sonia outra irmã, minha avó”. (E. F. da S, 2006). Revelou que o motivo de estar construindo essa trajetória e não outra tem relação com situação de alcoolismo vivida pela mãe “porque não tem condições” e “independência eu sempre quis ter”.

E. quer fazer um Cursinho Pré – Vestibular em 2007 e sonha cursar uma faculdade.

- A jovem que assumiu a maternidade

D. se destaca nos grupos pela sua participação e capacidade argumentativa e de liderança. Ela tem 18 anos, declarou-se morena, casada e católica. Reside na Comunidade Chico Mendes, com duas filhas pequenas e o marido. Teria vindo para a comunidade há 16 anos, embora tenha ficado por alguns períodos fora desse contexto. Mas a família da jovem é do Rio Grande do Sul (RS). A mãe de D., que residia em Porto Alegre (RS) veio visitar parentes na Comunidade, da qual gostou e decidiu permanecer. Lugar onde teve três relações de casamentos das quais teve cinco filhos. Sua mãe atualmente mora nas proximidades de Laguna (SC).

Sobre a infância D. comentou:

Lembro de mim cuidando dos meus irmãos, bem dizer fui eu que criei, a minha mãe vivia trabalhando. Depois que o meu padrasto foi preso, ela ficou uns oito anos esperando ele, ela trabalhava bastante. (...) Daí como ela estava muito tempo fora, saía de manhã e chegava de noite, eu que cuidava, que dava banho e que levava pro colégio (D. B. S., 2006).

E. contou que a infância tinha sido boa, mas viveram momentos difíceis com o seu padrasto, pois o mesmo batia na mãe e nos irmãos:

Bateu feio nela mesmo na nossa frente, então quando ele estava solto era péssimo (...). Depois que ele foi preso a minha mãe começou a se erguer, nós construímos uma casa, era só uma peçinha, nós mesmo, cada um botando um tijolinho. (...) nunca faltou nada pra nós. Chegava natal sempre tinha um presentinho, uma roupinha novinha. Eu acho a minha mãe guerreira por tudo que ela passou. (idem).

Depois dessa relação de casamento a mãe da D. teve outros relacionamentos, sendo que a mesma foi embora para Laguna na busca de trabalho depois que seu último marido faleceu, do qual tem uma filha de seis anos. A jovem D. apontou a sua mãe como uma referência importante na sua vida, mas a avó materna, com 61 anos, também tem um lugar destacado nas suas considerações: “A minha avó até hoje é minha mãe, de exemplo a minha mãe e a minha avó que até hoje cuida de nove netos”.

D. disse que na sua adolescência casou-se três vezes, e conforme as suas palavras “desde os doze anos eu caso e descaso”. Iniciou uma relação de casamento aos doze anos, quando foi morar com a avó em Porto Alegre, teria ido para uma festa e “ficado”. Ela não queria casar, mas com medo de voltar para a casa da avó acabou indo para a casa do namorado. Onde foi aceita pelos familiares do mesmo. Depois de algum tempo comunicaram a avó sobre a situação da jovem e conforme D. “(...) Aí minha vó perguntou se eu queria casar ou eu não queria. Aí para não deixar feio para a minha vó mal eu disse vou casar, porque lá onde a minha vó mora todo mundo já estava falando. Lá é tudo crente, uma coisinha que tu faça já está errado” (idem).

A relação com o jovem durou alguns meses e depois do seu término D. voltou para Florianópolis. Passado algum tempo D. iniciou o relacionamento com o seu atual marido, do qual tem duas filhas a T. (de três anos) e a E. (de um ano):

É nós ficamos juntos durante um ano, aí nos separamos, depois fomos morar lá onde a minha mãe morava mais, um ano, a gravidez todinha da T.. Aí nós ficamos um ano e meio separados, mas nesse tempo eu vinha aqui e daí nós ficava e rolava. E nesse vai e vem, eu não engravidei da E. quando estava casada com ele, engravidei nessas de fica aqui e ir embora (D.B.S, 2006).

Entre encontros e desencontros a jovem D. e o jovem T. estão juntos há cinco anos. É um fato interessante contado pela jovem, diz respeito ao parto da primeira filha, momento em que o casal estava separado e a D. morava com a mãe em Laguna. D. por características que fazem parte da sua constituição física não sentia as dores do parto, portanto, não estava alerta para a chegada do bebê. Estava em casa com os irmãos e no banheiro sua filha nasceu.

Ao lembrar do fato a jovem chorou, mas ao poucos contou:

A T. eu ganhei dentro do banheiro em Laguna, só tava eu e os meus irmãos, não tinha ninguém para me ajudar, se não fosse as patroas da minha mãe chegar em tempo, ou eu ou ela tinha morrido. Por isso eu acho que eu fui bem mãe, porque se fosse outra, eu fiz chorar limpei, dei banho com ela pendurada ali em mim, fui para o hospital só pra cortar o umbigo (idem).

No segundo parto a situação estava se encaminhando para a mesma ocorrência vivida anteriormente, mas pela insistência de profissionais da rede de atendimento público a jovem recorreu a um Hospital Público, onde teve um parto mais tranquilo.

D. considerou que a família é aquela que está próxima para apoiar e para serem apoiados em todos os momentos “a família tá do lado da gente quando acontece as coisa boas e as coisas ruins, quando a gente precisa e eles também. A minha família pra mim é a minha avó, a minha mãe, a C. (avó por consideração), S. (amiga) e as minhas filhas”(idem).

D. e T. no momento vivenciam momentos difíceis na relação de casamento. “ (...) não sei se é por causa das meninas, ele vai lá pra baixo, fica à noite, chega aí seis, seis e pouco da manhã, podre de bêbado e incomodando. Aí a única coisa que eu digo pelo amor de Deus não me incomoda (...)” (D. B. S, 2006). Com relação às filhas disse que o parceiro não ajuda a cuidá-las, pois conforme o mesmo à obrigação com fralda e leite tem cumprido. No entanto a própria jovem questionou: “(...) elas não precisam só de fralda e pão, elas precisam de carinho né? Ao mesmo tempo lembrou que no início da relação T. era atencioso com a primeira filha, e agora já com duas filhas não teria paciência e não ajuda no

cuidados com as mesmas. Reconheceu, ainda que em muitos momentos tem atitudes imaturas com relação ao marido.

Ao ser questionada a respeito da trajetória construída D. apresentou algumas justificativas: Quanto às relações já vividas disse que não gosta de ser mandada por ninguém, e que parte dos conflitos vêm desse motivo “a pior coisa é ser mandada pelos outros e ficar ali num lugar que tu não quer ficar e está se sentindo mal”. A respeito da maternidade disse que foi uma opção do casal quanto à primeira gravidez contrariando os conselhos de outras pessoas que os advertiam que eram jovens para ter filhos, para D. “os filhos não atrapalham em nada”, ao mesmo tempo em que reconheceu que no momento não pode estudar ou trabalhar por conta das filhas que são pequenas e não tem com quem deixá-las, embora a T. esteja em creche pública. Por fim, D. ainda comentou “acho que é destino mesmo”, mas enfatizou que quanto aos casamentos foram escolhas dela e justificou-se “porque eu era muito solta mesmo”.

D. no momento ocupa-se dos afazeres doméstico e do cuidados com as filhas, pretende voltar a estudar, mas para isso quer que o marido cuide das filhas no horário que pretende freqüentar a escola. Outro motivo de impasse para o casal. Comentou ter dúvidas quanto ao futuro do relacionamento e falou da possibilidade de ir embora com as filhas para Laguna, onde sua mãe reside.

- O jovem que quer ser motorista de ônibus e cursar faculdade de arqueologia

K. desperta a atenção pelos comentários que realiza sempre bem formulados. Ele tem 19 anos, declarou-se negro, solteiro e católico. O jovem nasceu em Lages, cidade de onde a sua família é proveniente. Vieram para Florianópolis quando ele tinha três meses de idade, quando era “miudinho” conforme o jovem. Reside atualmente na Comunidade Chico Mendes, com o pai e a mãe, mas morou em outros lugares na cidade. Comentou que os pais tiveram duas filhas antes dele e que por não ter condições de criá-las deram as crianças. K. sabe onde uma das irmãs mora, gostaria de falar com a mesma, mas tem receio de criar conflitos, uma vez que a irmã não o conhece.

K. morou em vários lugares no Bairro Monte Cristo e lembra das mudanças que ocorreram no processo de desenvolvimento das comunidades:

(...) quando eu vim para cá era bem diferente, tinha bastante casas, tudo pequeno e barro, as escadas não eram escadas, eram assim barro mesmo, quando chovia era o maior lamaçal. Ai quando a gente saiu ali de cima e veio aqui para baixo, aí sim as casas começaram a aumentar. Quem veio morara aqui começou a fazer casas novas, muitas dessas pessoas começaram a reivindicar porque onde estavam era ruim por causa do esgoto, o chão era ruim. E aí a prefeitura começou, porque alguém começou a reivindicar (K. A. C., 2006).

Sobre a infância K., contou que o marcou foram as mudanças que a família fez, de um lugar para outro, uma vez que se apegava às pessoas e tinha que se afastar do convívio direto com elas. Entre as pessoas citou o avó, um tio e uma tia que morou em sua casa. Para o jovem foi um período em que todas as pessoas com que conviveu eram referências como, por exemplo, o tio: “ele era meu herói”. Já na adolescência um momento bom para o K. foi quando começou a freqüentar a Casa Chico Mendes, aos treze anos e fez novas amizades.

Quanto ao significado da família para o jovem:

A família para mim são as pessoas que convivem comigo e tão sempre ali do meu lado, tanto nas horas boas quanto nas horas ruins, posso estar triste e elas vão estar ali pra me ajudar. Quando eu estiver mal, eu sei que eles vão estar ali, se eu estiver bem eles vão estar ali. Todos os momentos a minha família vai estar ali: tanto meus pais, quanto os meus amigos (K. A. C., 2006).

Conforme K., quanto aos pais disse que aos poucos foram liberando para que ele fizesse suas escolhas, sendo que na infância havia uma maior proteção por parte dos mesmos. “Hoje eles tão dizendo vai fazer isso? Mas tu pode quebrar a cara. Tu vai ter que ir se arrumando na vida porque uma hora ou outra não vai ter nem teu pai nem tua mãe”. (idem).

Nesse sentido, perguntei ao jovem sobre a relação de casamento que ele viveu quando tinha 17 anos. O jovem comentou que talvez essa relação aconteceu por conta dessa maior abertura dos pais quanto às suas escolhas. “Eu tinha 17 e ela 15”, viveram na casa dos pais do K. durante oito meses, quando a relação se desfez, ficaram um tempo sem se encontrar e agora estão namorando.

A respeito da trajetória que tem construído comentou:

Acho que essa trajetória a gente já pensa em construir, não posso saber o futuro, mas daqui para frente eu vou querer trabalhar fazer aquilo ou aquele outro, então pensando nisso a gente já tem um caminho para trilhar, se chega num ponto e não dá certo, tem que pensar e fazer outra coisa. Eu sempre fui assim, não vai dar certo? Claro que vai e eu vou investir até dar certo. (k. A. C., 2006).

No final do ano de 2006 o jovem inscreveu-se para prestar vestibular para Educação Física na UFSC, embora o seu desejo seja cursar Arqueologia. No local de realização das provas foi verificado que a foto que constava no cartão de inscrição não era datada, motivo previsto em edital, que impediu que o mesmo fizesse as provas. No entanto, foi o ano que K. se formou no ensino médio e conforme comentou pretende trabalhar como cobrador de ônibus referência atribuída ao tio que “trabalhava de cobrador, agora trabalha de motorista”, e “o jeito que ele trabalha, o dinheiro que ele ganha e a vida dele é boa. Acho que era uma boa pra mim” afirmou o jovem.

- O jovem que quer comprar uma moto e ser feliz

T. é tem 18 anos, declarou-se branco, solteiro e católico. Reside com a mãe na comunidade Novo Horizonte, sendo que ao lado de sua casa moram um casal de tios e duas primas com as quais cresceu. Vive na comunidade há aproximadamente 17 anos, mas nasceu em São José (SC). A sua mãe e demais familiares vieram do Piauí e teriam vindo para buscar melhores condições vida e de trabalho. T. lembrou que há muito tempo a comunidade onde mora tinha muita lama e que as pessoas moravam em lonas. Apesar de contar que lembrava poucas coisas da infância, disse que brincava e que podia caminhar na comunidade sem maiores problemas e que hoje devido a rixas dos grupos ficou difícil transitar, embora freqüente a Casa Chico Mendes e conheça a maioria dos jovens que estão ou não envolvidos nos conflitos. Contou que até hoje tem amigos e uma amiga da época de infância, sendo que muitos outros que conheceu já morreram envolvidos com a criminalidade. De uma forma tranqüila T. revelou que

tem uma relação boa com a mãe e que às vezes brigam, mas depois tudo se resolve. A mãe é uma referência para o jovem e acha isso por ter vivido sempre com a mesma, enfatizou que jamais a deixará. T. quando indagado a respeito da sua trajetória construída disse que tem feito as suas escolhas porque segundo ele “tenho cabeça, e os meus tios e a minha mãe me ajudam”. E percebe os exemplos dos outros jovens no cotidiano comunitário, daqueles que foram presos ou morreram como uma referência que não pretende seguir.

Tudo, é o significado que atribuiu à sua família, reiterando que pessoas sem família são sozinhas e que há famílias que não apóiam os filhos, mas a sua o apóia. Por fim, na atualidade T. está trabalhando em um shopping localizado na Ilha. Sai de casa às 14h e volta de madrugada, recebe um salário de R\$ 395,00, mas por enquanto, sendo o emprego recente, as despesas da casa ficam por conta da mãe que é funcionária da Companhia de Melhoramentos da Capital - COMCAP. Precisa ainda concluir algumas disciplinas pendentes para se formar no ensino médio, segundo o mesmo alistou-se no Serviço Militar e acha que será recrutado, mas preferia se fosse o caso ir para a Marinha. T. sobre seus sonhos diz: quero comprar uma moto, ou um carro e ser feliz.

Diante desse contexto, do empobrecimento e das vulnerabilidades sociais, as trajetórias são variáveis, porque as circunstâncias também variam. Por conseguinte, há uma juventude diversa, ou seja, mesmo no que parece ser caracterizado e que direciona o olhar para uma juventude empobrecida, há que se perceber que nela há várias juventudes. Porém, o desejo de ser feliz é unânime e, nessa situação, isso significa ter condições dignas no acesso a direitos fundamentais às pessoas, sem qualquer distinção, conforme está preconizado na Constituição Federativa do Brasil de 1988, em especial no Capítulo II, Dos Direitos Sociais, artigo 6º: “São direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência (...)”. Diante dessas questões é necessário enfatizar que muito mais do que sonhos, a esses jovens e as suas famílias, historicamente tem

sido negado direitos universais e básicos⁶¹ e que são incontestáveis, pois estão preconizados legalmente e reconhecidos socialmente, embora, como se sabe não estejam totalmente materializados no cotidiano.

Outra questão a ser salientada é que emergem dessas trajetórias contadas elementos importantes como o desejo de independência por parte do jovem que são traduzidos na aspiração por concluir os estudos e ter a oportunidade de trabalhar, a constituição de novos arranjos familiares, e que ainda estão pautadas na idéia de se depositar a “felicidade no âmbito da família”, embora as relações de gênero apareçam como mais flexíveis. Tais elementos se constituem no contexto familiar, independente de quem é a família do jovem e de como ele a reconhece, e sobretudo, é perceptível o fato de que ao longo de suas trajetórias foram ressignificando a noção sobre a família, o que será visto no próximo capítulo.

⁶¹ Ver Declaração Universal dos Direitos do Homem e A Constituição Federativa do Brasil de 1998, Dos Direitos Fundamentais, Direitos Civis, Políticos e Direitos Sociais.

IV - OS SIGNIFICADOS RELACIONALMENTE ATRIBUÍDOS

Conforme mencionei anteriormente, no estudo em tela, tomei como base alguns elementos teóricos do Construcionismo Social e da Rede de Significações com o intuito de constituir junto com as demais discussões teóricas apresentadas um viés teórico-metodológico que permitisse análises dos dados da pesquisa. Nos capítulos antecedentes a partir de alguns elementos ligados às discussões sobre juventude e família foi possível contextualizar historicamente, socialmente e culturalmente, os sujeitos participantes. Procedimento necessário uma vez que tanto o Construcionismo Social como a Rede de Significados, embora com focos diferentes, pautam-se nos elementos que constituem a Matriz Sócio-Histórica que “(...) é composta por elementos sociais, econômicos, políticos e culturais, todos historicamente construídos e em contínua construção” (Ferreira-Rossetti, et all, 2004, p.95). O que permite a compreensão de que a realidade é construída socialmente e de uma forma relacional entre os sujeitos. Entretanto há um recorte nesse estudo que diz respeito aos significados atribuídos relacionalmente entre as jovens e suas famílias, ou seja, quais são os significados que os jovens atribuem às suas famílias e às famílias aos jovens. Por conseguinte com base nas idéias de que:

Havia um lugar de destaque atribuído à família por parte dos jovens mesmo que os discursos do senso comum e até mesmo os teóricos apontassem para uma possível “crise” no âmbito da família. Além do que na Pesquisa Nacional Sobre a Juventude 98% dos jovens declararam ser a família a instituição que mais confiavam. Associado a isso a trajetória vivenciada pelo jovem “Sandro”, do ônibus 174, que trouxe elementos no sentido de que ele experimentou a relação com diversos sujeitos na sua trajetória: a família biológica, os companheiros da

“Candelária” e a senhora desconhecida que o acolheu como filho. Relações estas, que junto com os depoimentos dos sujeitos da pesquisa despertaram e mim enquanto expectadora e pesquisadora a impressão de que o jovem Sandro, como os demais sujeitos foram ao longo de suas trajetória ressignificando a noção sobre a família.

Ao considerar os significados como relacionais considero a idéia de que são construídos e atribuídos sempre na presença do outro. Outro que nesse recorte será representado pela família que tem papel importante no processo de socialização e faz a interface junto com a Escola, com o Trabalho, como os grupos de sociabilidade, entre outros, instituições e espaços que se imbricam na constituição dos jovens enquanto jovens. A família seja qual for a sua constituição ou independente da noção que elabora sobre si ou lhe é atribuída, tem primordialmente o papel de socializar e conforme Berger; Luckman (1998) tudo o que é interiorizado e apreendido nessa etapa é fortemente absorvido pelos sujeitos, pois nesse período o mundo que os sujeitos da composição familiar apresentam aos seus, é o único mundo conhecido e possível. Diferente das outras etapas da socialização em que o conhecimento é realizado por meio de métodos de aprendizagem, como no caso, da Escola. Posto isso apresentarei a seguir o que os jovens pensam sobre as suas famílias e as famílias sobre seus jovens tentando elencar os significados atribuídos.

4.1 A família para o jovem

Com o objetivo de elucidar as questões e problemas da pesquisa, duas perguntas foram centrais nesse trabalho, e foram realizadas tanto no questionário quanto nas entrevistas individuais: Quem é a tua família ? E qual o significado que você atribui à família? No sentido de melhor situar o que é a família para o jovem. Entre os 19 questionários respondidos, 4 jovens não responderam as perguntas. Entre os que responderam as respostas foram:

a) É onde a gente busca *apoio*, *força* e conselhos para poder fazer as decisões certas para a nossa vida, e é também onde a gente tem *carinho*, *aconchego* que é fundamental em certas ocasiões.

b) Eu entendo que a família é a *coisa mais importante* para a pessoa, pois é com a família que a gente *convive todos os dias*, nos *preparando para ser* uma pessoa digna.

c) Família é o *começo da felicidade*, aonde eu *encontro forças* para batalhar por um futuro melhor, uma vida digna.

d) Eu entendo que a família tem que *ser preservada*, porque a família é *uma só* e está ali te esperando *de braços abertos* aconteça o que acontecer.

c) Pessoas que *convivem em harmonia*, educação e que precisa de carinho e respeito.

e) São aqueles que *dão apoio*, tanto nas horas felizes quanto nas horas tristes.

f) Eu entendo que a família é *nosso suporte*. É a mais importante entre as coisas da vida.

g) Família para mim é *tudo*. Sem família, uma pessoa até pode ser feliz, mas sem o carinho da família.

h) Algo que *está na minha casa*, isso eu considero família e os meus camaradas (amigos) também.

i) Família para mim é uma *união de pessoas queridas* a quem amamos e admiramos.

j) *Minha paz*.

l) *A família é a coisa mais importante do mundo*, sem a família não somos nada.

m) A família é *tudo* na vida das pessoas, sem a família nós não somos nada.

a) Família é *um laço (...)* é o que vem do meu vô e veio nascendo.

b) Um *laço de sangue*.

c) Meus *filhos e esposo e meus irmãos*.

Entre os seis jovens participantes das entrevistas individuais que também participaram respondendo o questionário as respostas foram:

R: O significado atribuído à família é de que são “tudo”, e tudo representa a sua “razão de viver” e a sua “alegria”.

N: O significado atribuído é de que a família é a pessoa que quer “ajudar” e ajudar representa levar o jovem “a fazer a coisa certa e não levam pra baixo”.

E: O significado atribuído é de que a família é a “aquela que ajuda” nos momentos bons e ruins e a minha família é minha filha, minha irmã, meu pai, a S. outra irmã, minha avó”.

D.: O significado atribuído de que a família é “*aquela que está próxima para apoiar e para serem apoiados*” em todos os momentos o que representa estar junto “quando acontece as coisa boas e as coisas ruins, quando a gente precisa e eles também. A minha família pra mim é a minha avó, a minha mãe, a C.

K.: O significado atribuído de que a família é *aquela com quem se convive e que se pode contar* e isso representa “as pessoas que convivem comigo e tão sempre ali do meu lado, tanto nas horas boas quanto nas horas ruins, posso estar triste e elas vão estar ali pra me ajudar. (...) Todos os momentos a minha família vai estar ali: tanto meus pais, quanto os meus amigos”.

T.: *Tudo*, é o significado que atribuído à família, o que representa para ele que as pessoas sem família são sozinhas e que há família que não apóiam os filhos.

Há pelo menos um significado presente em quase todas as respostas, o que se remete à família como aquela com quem sempre se pode contar, no entanto, de uma forma geral, a família nas respostas observadas no questionário aparece idealizada pelos jovens como um lugar sem conflitos. Já nas entrevistas individuais a realidade apresentada mostra a questão relacional que perpassa as experiências conflituosas “às vezes brigamos, mas é tranquilo, normal” (T. dos S., 2006).

Ou conforme indicam a jovem e o jovem respectivamente:

É que a minha mãe, hoje, não mora nenhum filho com ela, porque ela é alcoólatra. Ela não aceita isso, aí não dá, aí os filhos foram se afastando, não dá para mora com ela, é difícil (E. F., 2006).

A minha mãe faleceu, eu moro com o meu padrasto mais 4 irmãos. Eu não me dô muito bem com eles. (...) Porque eu não sei, meu padrasto usa drogas às vezes e os meus irmãos são folgados (N. F. da R., 2006).

Dessa forma a família para o jovem tem importância fundamental porque representa um lugar de “afetividade” definido por Sarti (2004) também como “palco de conflitos”. Para muitos dos jovens e quando analisei todos os documentos pertencentes à pesquisa, sobretudo a trajetória construída e para aqueles que por contingências (pelo menos para quatro) que perderam os pais ou estão deles separados, a família com quem se pode contar é aquela que perpassa os laços de consangüinidade e de parentesco, ou seja, é alguém que se convive.

A família para os jovens, então, aparece definida menos pelos laços biológicos, e de acordo com Sarti, mais:

(...) pelos significantes que criam os elos sentido nas relações, sem com as quais essas relações se esfacelam, precisamente pela perda ou inexistência de sentido. Se os laços biológicos unem as famílias é porque são em si significantes. Ninguém se atreveria contestar a força simbólica dos laços de sangue. (...) (2004, p. 121).

E também, a referência que seria atribuída aos pais ou aos parentes é transferida para quem se pode contar afetivamente, alguém que está sempre próximo, que é confiável e que postula limites. Trata-se de uma concepção que é construída mais “com base no afeto do que nas relações de consangüinidade, parentesco, ou casamento. É construída por uma constelação de pessoas girando em torno de um “eixo comum”. (Losaco, 2005, p. 65).

A importância atribuída à família é inegável, e enquanto “espaço de afeto” e lugar de apoio conferindo-lhe um lugar de destaque na construção das trajetórias juvenis, é um lugar de referências onde se aprende a conhecer o mundo e a significá-lo. Ou seja, é importante para os jovens aquilo que a família tem a ensinar e a compartilhar. Por outro lado, o que não pode ser negado é que há um processo de transformação na forma de como a família enquanto instituição socializadora se configurou, ensinou e compartilhou até então. Transformações atreladas às mudanças já discutidas anteriormente, uma vez que esta se articula dialeticamente com outras esferas.

4.2 O jovem para a família

Conforme proposto na pesquisa seria o jovem a indicar quem da sua família deveria ser entrevistado. Foram realizadas quatro entrevistas com os sujeitos indicados, sendo que dois jovens indicaram a mesma pessoa como sendo a referência, cabe situar que esse sujeito indicado como referência trata-se de um amigo. Ao realizar a pergunta “Quem é o jovem para você?” Os entrevistados inicialmente ou caracterizam os jovens pela forma como os percebem na relação ou pela trajetória que vêm construindo.

Quanto a Jovem D. sua mãe comentou meio reticente: “É uma *ex-rebelde*. (...) Ela é um pouco descabeçada, não é cabeça firme ainda. Ela era meia rebeldinha, ela fugiu e foi pra Porto Alegre (...)”. Sendo que no desenrolar da entrevista a mãe foi contando sobre a trajetória que a jovem construiu desde a sua fuga para Porto Alegre até a sua situação de casamento. Situação que a mãe contesta porque acha que a filha poderia ter feito outras opções como estudar e trabalhar, porém mesmo com um tom de austeridade foi perceptível a relação de cuidado recíproco entre mãe e filha. O que era rebeldia para a mãe, nas falas da jovem ao contar sua trajetória é justificada pelo desejo de autonomia, embora precoce.

Sobre o Jovem R. L. da S. o amigo contou como se conheceram e como a relação se constituiu. O que teria chamado à atenção na direção do jovem foi o fato do mesmo ser muito *afetivo*, e também por ser um dos meninos mais empobrecidos. Situação que também apareceu nos relatos do jovem.

Eu conheci o D. na escola América Dutra Machado, onde eu dava aula de História, o que sempre me chamava a atenção era o comportamento dele, ele tinha algumas características que o diferenciava dos demais meninos, e uma das características dele era que ele era um menino muito *afetivo*, e ao mesmo tempo eu fui percebendo que ele era um dos mais empobrecidos, não tinha roupas, depois eu conheci o pai, a madrasta, e depois o irmão dele, a gente também dava aula. Então fui me aproximando. Tem um fato que acho que marcou bastante pra mim, e acho que pra ele também, foi quando morreu o pai, e eu fui no velório e estavam lá os três (a Z., o D. e o J.), três irmãos, eles já não tinham mãe e estavam no velório do pai. Aquilo, a cena do velório me tocou bastante, então a gente foi ficando amigo (...) (D. J. de L, 2006).

Quanto ao jovem N. F. da R. o amigo comentou também sobre como se conheceram e como se aproximaram, sendo que o jovem sempre se destacou porque gosta de estudar e pela sua inteligência. O jovem também aponta tais

questões ao contar sua trajetória e dizendo que quer se formar no ensino médio, fazer faculdade, trabalhar e construir uma família.

Eu conheci o F. aqui na Casa, no Projeto Esperança, na adolescência dele, ele está com 17 anos. Acho que com 12 ou 13 anos eu já conhecia o F. e a mãe que veio matricular ele, e eu percebi da mãe dele uma preocupação grande com a questão da segurança, com a questão do bem estar do estudo, ela sempre passou isso pra ele. Aqui eu percebia, uma das coisas que me chamava a atenção era o gosto pelos estudos e a inteligência, isso no começo. Depois ele foi ficando mais velho e quando ele deixou de vir no Projeto Esperança, ele achou que já tinha passado da idade, então nós começamos a convidar pra participar, pra continuar a vindo aqui na Casa, nesse momento, nessa trajetória é que nós começamos a construir mais de amizade.

Sobre o jovem K. A. C., primeiro a mãe destacou a fase de rebeldia que o jovem vivenciou, mas posteriormente descreveu o que o jovem significa lembrando um fato marcante ocorrido quando ele era bebê. Além disso destacou outras características do filho:

Olha, agora assim, teve uma fase de rebeldia, de obediência, quer falar mais alto, mas é uma coisa que a gente vai lidando. O K. pra mim é um presente de Deus, quando ele tinha um ano mais ou menos, ele teve um problema de desidratação interna, aí teve na UTI uma semana, só os aparelhos trabalhando, ele não, tava morto. Eu chorava muito, chorei uma semana. Dois dias antes eu ajoelhei do lado da cama dele e disse: Senhor, (contenção do choro), se for pra ele mais tarde me dar orgulho tira ele desse sofrimento me dá ele pra mim, e se for mais tarde pra ele me dar tristeza de qualquer forma tira ele do sofrimento, leva contigo. E ele tá aí, então quer dizer Deus ouviu as minhas preces, e hoje ele é tudo pra mim, ele é a minha vida, porque eu não tenho só ele né (...) Bom, é um filho bom, é bem caseiro, o vício dele é a televisão, ele é assim, ele não me incomoda, o vício dele é TV e videogame, escutar som. É bem calmo (M. A. da C. A. 2006).

Sobre a relação familiar, alguns comentários:

É normal. Só ela era meio rebeldinha, depois que voltou queria fazer tudo do jeito dela, não sei se se arrepende, mas ela com dois filhos, não pode sair na esquina sem ter que levar dependurado, questão de renda é apertada. Acho que ela se arrepende, agora que era pra era sai e se divertir, agora que era o começo da vida dela (...) porque a gente tem que aproveitar o quanto puder, o quanto puder porque enquanto não vem filho é isso aí (C.S, 2006).

O Amigo falou a respeito tanto do R.S. da S como do N. F. da C. respectivamente:

Nunca assumi a função de pai, mas eu cobrava coisas que eu achava importante com relação ao estudo, depois o D. foi fazer estágio na PROMENOR, eu sempre procurava saber, eu ligava pra a assistente social para saber como estava. Sempre essa coisa do acompanhamento e acho que isso fez com que ele me visse nessa figura que ele aponta na pesquisa. Depois ele pediu para morar aqui, pediu para passar uns tempos, morava com a irmã e depois a Z. casou e ele queria deixar um pouco a casa pra ela, e pediu para ficar uns tempos. Acho que já está um ano ou mais na Casa Chico Mendes, então eu tenho procurado acompanhar o D., eu percebo que eu brigo bastante com ele, chamo atenção, falo coisas que eu acho que precisar estar falando né, mais no sentido da amizade e eu percebo que ele escuta, acolhe, retruca, (...) (D. J. de L, 2006)

(...) hoje eu sei que nós temos um carinho muito grande, eu gosto muito dele e sei que ele gosta muito de mim, até porque ele me conta muita coisa, ele pede conselhos, e quando mãe estava doente ele sempre veio me dizer sobre a saúde da mãe, sempre me dizia sobre a história da família, e uma coisa que me chama a atenção é que na família dele ele é diferente, daí ele tem a história de que ele não tem o mesmo pai que os irmãos, então não sei como foi isso quando ele era pequeno. Então ele consegue analisar um pouco a situação da família, do padrasto, dos irmãos, ele gosta da família né, mas ao mesmo tempo, ele tem bastante crítica aos irmãos, ao padrasto. Ele fala que os irmãos são muito folgados (idem).

Já a mãe do jovem K. revelou que tem uma boa relação com o filho e que as maiores dificuldades do jovem são em relação ao pai alcoolista, situação contestada pelo jovem e desencadeadora de diversos conflitos “Com o pai de uns tempos pra cá ele anda revoltado, o pai dele bebe, e é uma coisa que ele não aceita. O pai dele é daquele que bebe e exige que o filho tem que trabalhar (...) (M.A. C., 2006).

É visível que para os sujeitos da família a constituição do jovem, mesmo que não esteja explícita, se processa de uma forma relacional e o elemento central é o conflito, traduzido algumas vezes pela palavra rebeldia, uma vez que o espaço da família é um lugar de afetividade e, portanto de conflitos. Os jovens na sua condição “caracterizam-se precisamente pela busca de outros referenciais para a construção de sua identidade fora da família, como parte do seu processo de individuação, perante o mundo familiar e social” (Sarti, 2004, p.126). Entretanto, mesmo diante dessa questão as famílias desse estudo percebem os

jovens de uma forma positiva destacando quase sempre características como: jovem afetivo, inteligente, calmo, bom filho, boa filha, entre outros.

Ao mesmo tempo em que os jovens, por meio das suas falas confirmaram a família como sendo uma instituição importante e com a qual sempre podem contar, os sujeitos da família, no caso desse estudo se reconhecem no papel que ocupam no contexto familiar, em boa medida como alguém que é referência afetiva e de transmissão de valores. E que só:

Só são entendidos na totalidade da dinâmica de cada situação, no embate dos processos de restringir e ampliar campos de significação, daí a importância dos episódios sociais, pois favorecem uma compreensão maior do modo como se dá o processo dinâmico de construção de si mesmo nas práticas discursivas (FERREIRA-ROSSETTI, et al., 2004, p. 79).

Como expressam os depoimentos, do amigo quanto ao jovem R. L da S.:

Esses dias mesmo eu fui viajar e deixei um recado pra ele que o mês tem trinta dias, tem que viver trinta, tem que prestar a atenção nas atividades, então às vezes eu fico passando pra ele o jeito que eu me organizo, porque eu acho que eu quero que ele se organize um pouco também, tento fazer um pouco disso, mas ele tem dado conta das funções que a Casa tem atribuído a ele (D. J. de L., 2006).

Do amigo quanto ao Jovem N. F. da C:

(...) nós começamos a construir uma amizade, hoje eu sei que nós temos um carinho muito grande, eu gosto muito dele e sei que ele gosta muito de mim, até porque ele me conta muita coisa, ele pede conselhos, e quando mãe estava doente ele sempre veio me dizer sobre a saúde da mãe, sempre me dizia sobre a história da família (...) (D. J. L., 2006).

A mãe do K. comentou: “Comigo ele é mais filho sabe, mais seguro, se ele vai fazer alguma coisa de errado eu digo não, “deu mãe, deu”. Ele vê no meu olho, me entende só no olhar, então é só eu olhar pra ele, ele baixa a cabeça e sai. “Mãe posso fazer isso (...)”. Eu vou pensar, então é assim, ele me compreende melhor (M. A. C., 2006). Portanto, segundo Berger; Luckmann “ Ao desempenhar papéis , o individuo participa de um mundo social. E ao interiorizar estes papéis, o

mesmo mundo torna-se subjetivamente real para ele (1985, p. 132) e constituem as relações, nesse caso dos jovens e suas famílias.

Ao ouvir os depoimentos dos jovens sobre suas trajetórias e os significados, e da própria família foi possível observar o lugar de destaque ocupado pela mesma, pois ela pode ser considerada o lugar onde as experiências dos sujeitos começam a se constituir, sobretudo, tal constituição vai tendo concretude ao longo das trajetórias que a própria família constrói relacionalmente com o jovem e com outros âmbitos sociais.

4.3 Das Famílias enquanto espaço de afetividade ao campo das responsabilidades: a realidade construída socialmente

Ao perpassar as questões relacionais apresentadas e ao associá-las à realidade construída socialmente é possível transitar do campo definido pela relação entre o jovem e sua família seja como espaço de afetividade ou como instituição socializadora às questões materiais e históricas e que se constituem nas relações culturais, sociais, econômicas, entre outras. E dessas relações em que medida as famílias e os jovens em situação de vulnerabilidade social conseguem responder as exigências que lhe são impostas no cotidiano?

De acordo com Roldán, quando ele discute sobre os jovens latino-americanos:

El sistema de apoyo social a las familias y en special a los jóvenes es deficiente. Esta deficiencia se incrementa en zona de mayor carencia económica donde los ellos los sufren una doble exclusión: por ser jóvenes y por provenir de hogares carenciados (2001, p. 146).

Tal situação está atrelada aos modelos sócio-econômicos que dominam os cenários sociais, em que os países, como o Brasil, estão comprometidos com o pagamento da sua dívida externa e submetidos aos programas de ajustes fiscais. E as conseqüências disso se manifestam na vida cotidiana por meio do desemprego, dos empregos temporários e dos empregos precários e mais do que isso o aumento da pobreza e da exclusão social.

O que conforme Roldán:

(...) impacta sobre los grupos familiares y debilita sus estructuras y funciones como la provisión con continuidad de insumos materiales y emocionales, la transmisión de conocimientos y valores culturales a sus hijos, aprendizajes de hábitos disciplinares, provisión de activos simbólicos y sociales (2001, p. 135).

Em consonância com essa perspectiva, a constituição juvenil enquanto sujeito individual e social é a “chave” para o desenvolvimento das pessoas, pois nesse processo as identidades vão se constituindo, assim como os sonhos e os projetos de vida.

Por conseguinte para Roldán (2001, p. 146):

Para que esta etapa sea exitosa y sirva como base en el acceso a buenos niveles de vida, los jóvenes necesitan de sistemas sociales que apoyen su desarrollo y los provean de habilidades y destrezas que favorezcan su inserción en el mundo del trabajo actual e futuro.

A forma como a sociedade define a juventude e a representa é de extrema importância na formulação de políticas públicas, uma vez que corresponde “a uma construção social, histórica e relacional”. No Brasil no final dos anos 1980 a questão da Juventude ganhou repercussão devido aos episódios de violência contra jovens pobres e considerados violentos, como ilustração a Chacina da Candelária na cidade do Rio de Janeiro⁶². Em meio a um processo de redemocratização da sociedade brasileira e do fortalecimento de alguns movimentos sociais constituiu-se o Estatuto da Criança e do Adolescente que indiscutivelmente a seu tempo foi um avanço, pois de certa forma objetivou a garantia de direitos para todas as crianças e adolescentes e priorizou ações em situações especiais através das medidas de proteção e sócio-educativas. Entretanto, o olhar somente voltado para a juventude considerada pelo Estatuto até 18 anos, excepcionalmente até 21 anos⁶³, já não é mais possível. A questão é

⁶² O jovem Sandro do Documentário “O ônibus 174” foi um dos sobreviventes da Chacina da Candelária.

⁶³ No caso de cometimento de ato infracional no limite etário dos 18 anos, os jovens passaram a responder por meio das medidas sócio-educativas até os 21 anos.

como proteger de forma cidadã e emancipadora nossos jovens a partir dos 18 anos? Em especial os jovens em situação de vulnerabilidade social?

Hoje em função dos episódios envolvendo atos violentos cometidos por jovens contra outros sujeitos sociais e que ganharam repercussão na mídia, voltou-se a discussão sobre a redução da maioria penal. De um lado é necessário que qualquer sujeito que cometeu atos violentos e transgressões penais tenha que responder socialmente. Por outro lado diante das circunstâncias deflagradas pelo modelo econômico vigente no país parece ser mais tolerável construir presídios e centros de internação para infratores do que redistribuir renda, garantir trabalho e emprego, e realmente fazer cumprir direitos preconizados legalmente.

Não adentrarei nas especificidades das políticas públicas executadas ou vigentes atualmente para a Juventude no Brasil, pois esse assunto mereceria outra proposta de estudo. Porém, conforme Sposito; Carrano (2003, p. 25) no estudo que realizaram sobre as políticas para juventude no Brasil:

Ao se empreender qualquer análise sobre iniciativas federais, é preciso evidenciar a baixa atividade coordenadora do governo federal no período de 1995-2002, em relação a seus programas e projetos. Nenhum órgão da administração federal demonstrou capacidade de concentrar e publicar informações acerca das políticas de juventude.

No que tange às políticas públicas para a família, com especificidade às famílias em situação de vulnerabilidade social, na realidade, é por meio da Política de Assistência Social⁶⁴, coordenada atualmente pelo Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome⁶⁵, que historicamente veio a constituir o Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que se propõe por meio de ações que visam o atendimento integral à família superar a fragmentação de ações realizadas até então.

Na contramão disso a sociedade civil e segmentos juvenis, por meio de Organizações Não Governamentais e outras formas de representações, de uma forma diversa se organizam para tentar solucionar questões que são de responsabilidade de um conjunto de sujeitos: da Família, do Estado, da sociedade civil e dos próprios segmentos juvenis. Por conseguinte a relação entre Políticas

⁶⁴ Ver Lei Orgânica da Assistência Social, nº 8.742 de 1993.

⁶⁵ Ver site www.mds.gov.br/.

Públicas para a Família e Políticas Públicas para a Juventude faz-se necessária porque segundo Sarti:

Cobra-se da família uma responsabilidade que só pode fazer sentido se socialmente assumida como co-responsabilidade. Esta é a acepção precisa da idéia – frequentemente preconizada em projetos sociais – de ajudar a família a se ajudar. Do contrário o risco está em cair no jogo perverso de culpar o pólo mais vulnerável, responsabilizando-o por sua própria vulnerabilidade, o que acaba significando devolver à família a resolução de problema cuja superação não está no seu alcance, por razões que fogem ao seu controle e que dizem respeito ao limites estruturais (1999; p. 104).

Tal questão implica, ainda em não se pensar as vulnerabilidades apontando para o jovem como sendo o sujeito portador dos problemas, mas entender as vulnerabilidades no âmbito da família, quais são realmente as necessidades do jovem e da sua família e quais as responsabilidades das diversas esferas no processo de construção social da realidade.

V CONSIDERAÇÕES FINAIS: Um Ciclo Que Se Encerra

Oi, Carla.

Oi, quem está falando? Sou eu o D. Você não tem vindo aqui (...).

É D., estou na correria com a Dissertação.

Lembra do A.?

Sim neto da D^a M?

Carla, ele morreu. Foi rixa, mataram ele aqui perto (...) na frente da Igreja.

Foi tiro?

Sim (...)

Caldeioscópico e a Favela III

Gira, gira, gira:

É amigo, mais uma vez estamos aqui, no hall da Casa.

Nossos corações estão moídos. Entendo a sua dor (...)

O jovem, de 15 anos, era brilhante. De uma inteligência magnífica, poderia ter ido além, muito além do que nossos desejos pudessem aspirar (...)

Ele era do Projeto Esperança, do Café com Livros, lia livros, escrevia letras de Rap. Era encantador.

Sim, nos perguntamos: quem será o próximo que eles vão recrutar? Nessa luta o tempo é crucial. Foi rápido, rápido demais (...). No ano de 2006 o jovem começou no beco a “trampar”, seduzido também drogas começou a usar.

Seu chefe, prejuízo não tem, mas ele, o jovem, teve que armado assaltar, para sua dívida saldar. Noites e dias a trampar, até que, hoje, vimos a sua vida findar (...)

Uma coisa não paro de pensar e tenho vontade de gritar: Até quando as pessoas vão negar que para que seus filhos tenham mais e mais, outros, os da favela tiveram que sem nada ficar, até sucumbir e a suas vidas findar.

Podem até questionar: mas ele é que foi para o beco trampar, poderia ter ido para outro lugar (...)

Sim, pergunto então: você acha mesmo que o teu desejo de ter mais e mais, o teu ato preconceituoso e de discriminar poderia reservar a esse jovem um outro lugar?

O mundo que ele viveu, foi o único possível para ele. Por que achas tu que ele não tinha medo de com as fronteiras da favela romper? Ele tinha medo de você, porque sabia que no “mundo do ter para ser” jamais teria valor humano para você.

Carla

19/03/2007

O objetivo principal da presente pesquisa, foi explorar os significados relacionais atribuídos à família pelo jovem e ao jovem pela família, tendo a temática a constituição juvenil no contexto familiar como pano de fundo. E, compondo essa temática, a discussão sobre a possível crise da família e os questionamentos de como e qual é o papel da família na relação com o jovem, bem como na sua constituição. Diante disso, foram formulados dois pressupostos iniciais, o primeiro, de que se o jovem tem a família como referência é porque atribui a ela alguns significados e o segundo, de que tais significados são atribuídos relacionalmente. Um terceiro pressuposto foi surgindo ao longo do processo e me instigou a observar, por meio das trajetórias contadas pelos jovens, a questão da resignificação da noção sobre família.

Para dar conta disso, aproximei-me de alguns referenciais teórico-metodológicos, pois antes de entender os significados relacionais foi necessário entender quem é o jovem e quem é a sua família. O que foi possível, uma vez que

tomei como viés a sociologia do cotidiano, o construcionismo social e a rede de significações, e, sobretudo, as abordagens teóricas sobre juventude e a família. Mediante isso, surgiram diversos elementos na composição desse trabalho e posso dizer que os pressupostos, inicialmente suposições norteadoras, foram sendo confirmados dentro da perspectiva metodológica a que o estudo se propôs.

Associada a outras definições sobre a família, as quais situei nesse estudo, de acordo com Losacco, a família pode ser pensada como um:

“(...) *lócus nascendi* das histórias pessoais, é a instância predominantemente responsável pela sobrevivência de seus componentes, lugar de pertencimento, de questionamentos; instituição responsável pela socialização, pela introjeção de valores e pela formação da identidade, espaço privado que se relaciona com o público (2005; p 64).

Ao ouvir os depoimentos dos jovens sobre suas trajetórias e os significados, e da própria família, foi possível identificar que há de forma explícita um lugar de destaque ocupado pela mesma, pois ela pode ser considerada o lugar onde as experiências dos sujeitos começam a se constituir, sobretudo, vai tendo concretude ao longo das trajetórias que a própria família constrói relacionalmente com o jovem e com outros âmbitos sociais. A família é um espaço de pertencimento, pois conforme os significados atribuídos pelos jovens, essa representa um lugar de apoio, um lugar onde haverá sempre alguém com quem se possa contar. No entanto, é necessário considerar que a família é também campo de conflitos e contradições, pois é onde os sujeitos jovens vivenciam suas experiências de constituição e crescimento. A noção de crescimento à qual me refiro, supera a questão biológica quando se considera que cotidianamente os sujeitos se encontram em “(...) permanente crescimento, em cada novo lugar que ocupem na família”, ou seja, “ crescer não é apenas um processo biológico e constitui-se também num processo simbólico” (Sarti, 2005, p. 120).

De acordo com Freire (1998), crescer pode ser entendido também como um processo dialógico, uma vez que “nas relações do homem com a realidade”, esses criam, recriam, tomam decisões e dinamizam o cotidiano. E com o sentido de constante mobilidade, os sujeitos que compõem a família vivenciam experiências internas e externas ao seu âmbito, seja qual for a sua constituição. Uma vez que

no estudo em tela a perspectiva apontada pelos jovens de que a família é aquela que se faz por meio de uma rede de relações, aquela com quem se pode contar e que não desconsidera mas se sobrepõe aos laços biológicos, portanto, é ressignificada cotidianamente.

Na especificidade dessas relações que se constituem externamente, os jovens tendem a buscar outras referências, como Sarti (2005) aponta, trata-se do “outro necessário”, são os pares, os amigos, os grupos, ou seja, um cabedal de outras referências. É esse outro que diferencia e apresenta o novo para os sujeitos juvenis e a realidade, que não foram apresentados no interior da família, por conseguinte, o conflito é inerente a esse processo, uma vez que “o outro” pode se apresentar e ser elaborado de formas diferentes no contexto familiar.

O “outro” também pode estar representado pelas instituições socializadoras, aquelas que abordei, uma vez que estão ao entorno da família e que apesar de se relacionarem dialeticamente, têm especificidades que as diferenciam da família. Mesmo que a família tenha sofrido modificações de composição e de organizações de papéis sociais, pertence ao âmbito privado (de dentro), enquanto as demais instituições, ao público (de fora). Cabe situar a importância de ter abordado a relação dos jovens com as instituições de socialização clássicas (escola, trabalho e grupos de sociabilidade) porque também compõe as relações por meio das quais o jovem se constitui. Os jovens nessas relações elaboram as experiências vivenciadas no contexto da escola, na busca por trabalho, com os seus grupos e pares, sendo que de forma direta tais experiências também se transcrevem na relação do jovem com sua família.

A importância atribuída à família é inegável enquanto “espaço de afeto” e lugar de apoio, conferindo-lhe um lugar de destaque na construção das trajetórias juvenis, mesmo enquanto instituição socializadora, pelo menos nas falas dos jovens a família é um lugar de referências onde se aprende a conhecer o mundo e a significá-lo que postula limites. Nota-se que é importante para os jovens aquilo que a família tem a ensinar e a compartilhar. Por outro lado, o que não pode ser negado é que há sim um processo de transformação na forma como a família enquanto instituição socializadora se configurou, ensinou e compartilhou até então. Transformações atreladas às mudanças já discutidas anteriormente, uma vez que esta se articula dialeticamente com outras esferas. Dessa forma a família

que o jovem tem como referência transita entre aquela em que pode ter como apoio e aquela que por ter um caráter institucionalizador se relaciona e apresenta os jovens para a demais. Tal inferência baseia-se em dois elementos que foram abordados nesse estudo:

O primeiro diz respeito ao fato de que tanto nos estudos teóricos sobre a família quanto da juventude, é enfatizado que não é mais possível falar de família ou de juventude, e sim de *famílias e juventudes*, sobretudo ao se considerar as diversidades pelas quais a população brasileira se constitui. Num primeiro momento, para mim enquanto pesquisadora, parecia óbvia a relação entre as transformações que vêm ocorrendo no âmbito da família e que apontam para uma desinstitucionalização dessa esfera, a qual não entendo como crise. Entretanto, tal situação também ocorreu com a Juventude. O que é perceptível quando ela deixou de ser representada por uma juventude revolucionária e pelo seu potencial de transformação, que, a seu tempo, foram historicamente importantes e quando se percebeu também a que juventude perpassa a condição dos jovens como classe de estudantes.

Na transição entre o absoluto e os possíveis, entre o sólido e a fluidez, entre unidade e diversidade – outros sujeitos foram percebidos em cena. A juventude assim passou a ser pensada como categoria social e, portanto, foi necessário ficar atento cada vez mais ao que a constitui na sua diversidade como as condições sócio-econômicas, étnicas-raciais, culturais, gênero, entre outras. Com essa perspectiva tentei abordar alguns desses recortes no presente estudo, não sendo possível aprofundar algumas questões que do mesmo emergiram e que podem dar início a outros ciclos de pesquisa.

Por conta das questões teóricas e metodológicas – onde abordei o construcionismo social e a rede de significados – foi necessário transitar entre os vários elementos que perpassam a constituição do jovem no contexto familiar, desde a contextualização de suas trajetórias construídas, recortadas pela situação sócio-econômica e como se objetivam junto a questões já citadas aqui: étnicas, de gênero e culturais, entre outras. Uma vez que tais abordagens situam-se pela matriz sócio-histórica por sua materialidade no “aqui e agora das situações, nos componentes pessoais, nos campos interativos e nos contextos” que se revela, por exemplo: (...) na organização de espaços, das rotinas, das práticas e dos

discursos circunscritos a um determinado grupo de pessoas e contextos, e através do próprio corpo, possibilitando e delimitando campos interativos, favorecendo certas organizações sociais, certos significados e sentidos” (Ferreira-Rossetti, et all, 2004, P.27).

Além do que “A realidade da vida cotidiana é partilhada com os outros. (...) de fato, não posso existir na vida cotidiana sem estar em interação ou comunicação com os outros” (Berger; Luckmann, 1985, p. 40) e também: As características pessoais são construídas na história interacional de cada um e tomam sentido em relações situadas e contextualizadas. O outro se constitui e se define por mim e pelo outro, ao mesmo tempo em que eu me constituo e me defino com e pelo outro (Ferreira-rossetti, et. All, 2004, p. 25). Porém, nessa direção, o viés que permitiu a inferência anterior, também permitiu o tecimento com um segundo elemento: o cotidiano, que aparece melhor contado na epígrafe o Caleidoscópio e a Favela I e II e nas Trajetórias em construção. Junto com os dados sistematizados do questionário também foi possível identificar a situação juvenil, que é a forma imediata como os sujeitos da pesquisa vivenciam a condição juvenil.

Depreende-se daqui um recorte necessário quanto à situação de empobrecimento ou situação de vulnerabilidade tanto vivenciada pela família, quanto pelos jovens sujeitos dessa pesquisa. Conforme Lima (2004) as transformações afetam a todas as camadas sociais, mas sem dúvidas são as famílias empobrecidas, por conseguinte os jovens que sofrem as maiores conseqüências disso porque essas famílias e esses jovens cada vez mais são chamados a cumprir determinadas responsabilidades sem que sejam, economicamente, socialmente e politicamente suportes viáveis e emancipadores.

Agregado a isso o preconceito conforme os jovens relatam, de que família e/ou jovem em situação de vulnerabilidade é sinônimo de violência e marginalidade. São os jovens e as próprias famílias do estudo que ao contar as suas trajetórias, quase sempre perpassadas por situações de contingência, indicam o quanto é necessário reinventar no cotidiano para resistir e continuar a construir suas trajetórias, porque antes de alcançar um sonho possível, é preciso trilhar caminhos sinuosos que talvez para outros, fora desse contexto, sejam caminhos com itinerários mais retilíneos. Ao mesmo tempo, em cada olhar e fala

dos jovens, a alegria presente e a consciência de que esse ciclo, a juventude, tem que ser vivenciada em tempo real, no sentido de que há uma temporalidade que confere necessidades que lhe são específicas: os grupos, o lazer, as primeiras experiências na busca de emprego, quem sabe para muitos a configuração de uma nova unidade familiar, o que não significa a independência da unidade de origem, entre tantas outras questões.

Outro elemento que chama à atenção é que essa juventude, a do Monte Cristo, é heterogênea na forma como se constitui. Uma vez que, mesmo em circunstâncias semelhantes, cada jovem tem construído trajetórias diferentes. Trata-se de uma Juventude que pensa positivamente sobre si mesma e sonha “sonhos” possíveis, que podem ser concretizados, à medida que todos os sujeitos sociais percebam que a responsabilidade por uma trajetória construída é social e coletiva. Algumas questões ainda permanecem e dão lugar a outras possíveis investigações:

Qual é o lugar que tem sido reservado aos jovens empobrecidos e em situação de vulnerabilidade social? E como protegê-los de forma emancipadora e cidadã? Por conseguinte, a noção formulada e legitimada socialmente sobre Juventude é uma questão fundamental para se vislumbrar soluções, uma vez que historicamente a responsabilidade social tem se concretizado na negação, na omissão, no preconceito, no descaso e no não entendimento de que a realidade é construída socialmente. Porém, se somos nós que desenhamos essa realidade com os traços e as cores que escolhemos, de acordo com o Jovem Mido (2006) “(...) Os nossos sonhos e a nossa imaginação são sem barreiras e sem limites”. E,

“Fim do texto, mas os nossos sonhos ainda continuam!”

V FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: **Retratos da Juventude**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. **Cenas Juvenis**: Punks e Darks no espetáculo urbano. São Paulo: Editora Página Aberta LTDA., 1994.

BIKLEN, Sari. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal-Porto: Porto Editora, 1994.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. A invisibilidade da juventude na vida escolar. IN: **Revista Perspectiva**. Florianópolis: UFSC/CED, 2004. Vol. 22, nº 02.

CAMARANO, Ana Amélia. Et All. Caminhos para a Vida Adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. In: **Última Década**. Valparaíso: CDPA, dez. de 2004. P. 11-50.

COLETÂNEA DE LEIS. Conselho regional do Serviço Social – CRESS - 12ª região. Santa Catarina, 1999.

Constituição Federativa do Brasil. Documento disponível no site <http://www.planalto.gov.br/>. Acessado em 03/03/2007.

CORTIZO, Maria Del Carmen. Matrizes clássicas e novas noções sobre cidadania. In: **Revista Katályses**. Florianópolis: Editora da UFSC, vol 6.,2003.

DAYRELL, Juarez. **A música entra em cena**: o rap e funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DE LIMA, Eliete Maria. **A proteção social no âmbito da família**: um estudo sobre as famílias do Bairro Monte Cristo em Florianópolis. Dissertação de Mestrado apresentada o PPSS da UFSC, Florianópolis, 2006.

DURAND, Olga Celestina. **Jovens da Ilha de Santa Catarina**: socialização, sociabilidade. Tese de Doutorado. Universidade Federal de São Paulo – USP, 2000.

_____. SOUZA, Janice Tirelle Ponte de. Experiências educativas da Juventude: entre a escola e grupos culturais. In: **Revista Perspectiva**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

FERREIRA-ROSSETI, Maria C. Et all. **Rede de Significações: o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

FREIRE, Madalena. **A aventura de Ensinar, criar e educar**. Site: www.ver.crescer.com.br. Acessado em 25 de setembro de 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 18ª ed., 1983.

GRUPO FOCAL. Documento disponível no site [www.fae.ufmg.Escplural/grupo focal.htm](http://www.fae.ufmg.Escplural/grupo_focal.htm), acessado em 20/10/2006.

GUZMÁN, Perez Diego. **De Calles, Parches, galladas e escuelas: transformaciones en los procesos de socialización de los jóvenes de hoy**. Santa Fé de Bogotá: CINEP, 1996.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 7ª ed..

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Estatuto da Criança e do Adolescente.

LEÓN, Oscar Dávila; SOTO, Felipe Ghiardo. (Et all). **Los Desheradados: Trayectorias de vida y nuevas condiciones juveniles**. Chile: Ediciones CIDPA, 2005.

_____. Adolescência e Juventude: das noções às abordagens. IN: Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais. **Ação Educativa**, 2005. Site: www.acaoeducativa, acessado em 21/05/2006.

LIMA, Donizeti J. de. **Só Sangue Bom: construção de saberes resistência cultural como expressões do protagonismo juvenil**. Dissertação de Mestrado apresentado ao P.P.G.E-UFSC. Florianópolis, 2003.

LISBOA, Tereza Kleba. **Gênero, Classe e Etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes**. Florianópolis: E. Da UFSC; Chapecó: Argos, 2003.

LOSACO, Silvia. O jovem no contexto da família. IN: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. F (org). **Família, Laços e Políticas Públicas**. São Paulo: Cortez Editora, 2005. 2ª ed.

MAFESOLLI, Michel. **O tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massas**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

MARGULIS, Mario. Juventud: una aproximación conceptual. IN: Adolescencia e Juventud em América Latina. Costa Rica/Cartago: Libro Universitario Regional, 2001.

_____.URRESTI, Marcelo. La Juventud es más que una palabra. IN: ARIOVICH. ET all. Ensayos sobre cultura y juventud. Buenos Aires: Editorial Biblos, 1996. p. 13-31.

.MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa Social e Ação Pedagógica**: conceitos métodos e práticas. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 16ª ed..

MIOTO, Regina Célia Tamasso. **Família e Serviço Social**: Contribuições para o Debate. IN: Serviço Social e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1997

NETTO, L. F. O caleidoscópio. Disponível no site: www.feiradeciências.com.br. Acessado em setembro de 2006.

PADILHA, José. **Ônibus 174**. Documentário em Fita VGS, editado em 2002. 133 min.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1996.

_____. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PETRINI, João Carlos. Mudanças sociais e mudanças familiares. In: **Família, Sociedade e Subjetividades**: uma perspectiva multidisciplinar. Petrópolis, R.j: Editora Vozes, 2005.

PLASSANCE, Antônio. Brasil: jovens de Norte a Sul. IN: ABRAMO, W. Helena (org.). **Retratos da juventude brasileira**: análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

RIBES, Sandra Crochemore. **Histórias de Vida**: saberes informais e formais do sujeito jovem da comunidade Chico Mendes. Dissertação de Mestrado apresentada ao P.P.G.E – UFSC. Florianópolis, 2005.

ROLDÁN, Cándido. Desarrollo de adolescentes y jóvenes em zonas de pobreza y marginación. In: BURAK, D. Salum. **Adolescência y Juventud em América Latina**. Costa Rica: Libro Universitario Regional, 2001.

SAWAIA, Bader B.. Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético-política, perigos e oportunidades. IN: ACOSTA, A. R.; VITALE, M. F (org). **Família, Laços e Políticas Públicas**. São Paulo: Cortez Editora, 2005. 2ª ed.

SARTI, Cíntia. Famílias e Jovens: no horizonte das ações: IN: **Revista Brasileira de Educação** . São Paulo: ANPED, 1999.

_____. **O jovem na família:** o outro necessário. In: Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação. NOVAES, Regina; VANUCCI, Paulo (org.). São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Famílias Enredadas. In: VITALE, Maria F. A. **Família:** Redes, Laços e Políticas Públicas. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

SILVA, Lídia Maria M. R.. **Serviço Social e Família:** a legitimação de uma ideologia. São Paulo: Cortez, 1987. 3ª ed..

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. IN: **Revista Brasileira de Educação** – ANPED, 1997.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo C. R. Juventude e política públicas no Brasil. IN: IN: **Revista Brasileira de Educação** – ANPED, 2003.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática. IN: **Itinerários de pesquisa:** perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ANEXOS

ANEXO A
Convite Aos Jovens

ANEXO B
Modelo de Questionário

ANEXO C
Roteiro dos Encontros do Grupo Focal

ANEXO D
Roteiro das Entrevistas Individuais com os Jovens

ANEXO E
Roteiro das Entrevistas com as Famílias

ANEXO F
Sinopse do Documentário “O Ônibus 174”